Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC – SP

Soemis Martinez Guzman

O Mal Como Condição Humana:

A negação da morte e seus desdobramentos em Ernest Becker

Mestrado em Ciências da Religião

São Paulo

2011

Soemis Martinez Guzman

O Mal Como Condição Humana:

A negação da morte e seus desdobramentos em Ernest Becker

Mestrado em Ciências da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof., Doutor Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé

São Paulo

2011

Banca Examinadora

Dedicatória

À Germana, por tudo que uma mãe poderia ter feito e fez.

À Tica, tão querida e a saudade de ti permanece...

(in memoriam)

Ao Marcos e Carlos, meus amores lindos.

Agradecimentos

Agradeço Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé pela confiança generosa e grande influência intelectual.

Agradeço, especialmente, Carlos Mariz de Oliveira Teixeira, meu grande amor, pela paciência infinita e dedicação plena tão cheia de risos e choros transbordantes, por todo amor num companheirismo incomparável.

Agradeço, aos meus pais, à minha mãe por todo apoio incondicional e ao meu pai pela paixão ao darwinismo.

Agradeço, à Vera Lúcia Ligouri Guzman pelo grande carinho e generosidade, junto das palavras ditas na hora certa.

Agradeço, à Babi pela ajuda afetuosa e conversas descontraídas.

Agradeço à Lilian Wurzba pelo trabalho árduo com todas as normas necessárias e às leituras feitas e refeitas do texto.

Agradeço à Karina Chamklidjian pela leitura atenta e cuidadosa na revisão do texto.

Agradeço, à Glória Hazan, “Gloriosa” por todo carinho, alegria e compartilhamentos felizes demais.

Agradeço, à Ana Cláudia Ayres Patitucci, à Maria Cristina Guarnieri e à Maria José Caldeira do Amaral pelas aulas maravilhosas e reflexões que inspiraram minha dissertação .

Agradeço, Prof. Dr.Carlos Eduardo Guimarães Pinheiro por toda atenção e delicadeza à solicitação de seus saberes que colaboraram demasiadamente com o trabalho.

Agradeço à todos os professores do Programa de Ciências da Religião pela atenção, apoio e generosidade todas as vezes que foi necessário.

Agradeço aos amigos que me apoiaram; Daniele Pechutti Kowalewski por todo incentivo, toda torcida, atenção, orientação, carinho e ao saber sem fim que me maravilham. Ao Felipe Ramirez, “El ratón de telha” pela rara e sincera amizade em todos os momentos, que sempre me fazem tão bem. Ao Daniel Mattos pelo cuidado carinhoso e afinidade ímpar, às conversas longas, agradáveis e muito, muito frutíferas.

Aos colegas do NEMES, Núcleo de Estudos em Mística e Santidade, um grupo pra lá de especial, pelas discussões que contribuíram para esse trabalho e foram muitas, que sorte a minha.

Por fim, agradeço ao Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP e à Capes pela bolsa de subsídio à pesquisa.

Resumo

Ernest Becker dedicou-se à compreensão da condição humana afirmando ser o medo da morte a instalação do terror nas bases psicológicas do homem. A partir dessa constatação, produziu um trabalho constituído por uma síntese de pensamentos com base na filosofia Kierkegaardiana, na psicanálise Freudiana e de seus colaboradores, destacando Otto Rank e a uma visão darwinista evolutiva caracterizando sua interdisciplinaridade. Acreditava ser necessária a percepção do ser e da sociedade para a base geradora de conhecimento verdadeiro na descrição da motivação que nos leva à nossa condição. Para tanto, sugeriu ser o medo da morte e a sua negação fatos fundamentais universais para toda atividade da vida humana, e o heroísmo produzido a partir desse medo, é o principal problema humano. Usa como ponto de partida a problemática do heroísmo na sociedade contemporânea e mostra a negação da finitude na cultura moderna. Assim, na busca pela transcendência, a humanidade cria símbolos que a distancia, cada vez mais, da percepção da sua realidade enquanto espécie. O mal aparece devido ao surgimento da violência e da aniquilação humanas, que nascem dessa dinâmica de negação da mortalidade.

Palavras-chave: Ernest Becker, mal, negação da morte, heroísmo e darwinismo.

Abstract

Ernest Becker targeted to understand the human condition by stating that the fear of death is the terror installation at the psychological base of man, from this realization he produced a work constituted by a synthesis of thoughts based on Kierkegaardian philosophy and psychoanalysis derived from Freud and his collaborators, with emphasis on Otto Rank, and a Darwinian evolution approach thus characterizing his interdisciplinarity. He believed it to be necessary the perception of being and society the true knowledge base in the description of the motivation that takes us to our condition. For this, he suggested that the fear of death and its denial are universal fundamental facts for every human activity and that the heroism product of this fear is the main human problem. As a starting point he uses the problem of heroism in contemporaneous society and shows the denial of finitude in modern culture. So, in its quest for transcendence, humanity creates symbols which further distances, from its perception of reality as species.

Keywords: Ernest Becker, Evil, denial of death, heroism and Darwinism.

Sumário

Introdução	12
Capítulo I	19
Ernest Becker: sua vida e obra	19
Do autor	19
Sobre Ernest Becker: seu trajeto	20
O pensamento de Ernest Becker	23
Capítulo II	31
Antropologia Filosófica Beckeriana: o modelo de homem	31
Mente Sadia e Mentalidade Mórbida	34
Heroísmo e Narcisismo	36
Paradoxo Existencial: produção simbólica e animal mortal	38
Conceito de heroísmo: o dilema existencial do Homem	43
Darwinismo: o comportamento humano e sua condição entre o apetite e a capacidade criadora	45
Capítulo III	53
O Mal Como Condição Humana:	53
As raízes do mal: a imagem heroica de si mesmo e a necessidade inevitável de negação da finitude.	53
A imagem heroica de si mesmo	55
A necessidade inevitável de negação da finitude	57
A Cultura e o simbólico: as faces do inimigo, em busca do significado	62

Mentira de caráter e a Repressão: a autoilusão ordenadora da natureza do mal adaptativo em nós	68
Considerações Finais	73
Bibliografia	77
Anexo 1	80
Bibliografia de Ernest Becker:	80
Livros sobre Ernest Becker:	81
Trabalhos por Otto Rank, editados, traduzidos e introduzidos pela EBF (Fundação Ernest Becker):	82
Artigos e ensaios selecionados:	82
Anexo 2: Lista de Referências publicadas sobre TMT (Terror Management Theory):	83

“A força do dia fez com que eu me refugiasse numa caverna; no fundo havia um poço, no poço uma escada que se abismava rumo à treva inferior. Desci; cheguei, por um caos de sórdidas galerias, a uma vasta câmara circular que mal se via. Naquele porão havia nove portas; oito davam para um labirinto que falazmente desembocava na mesma câmara; a nona (através de outro labirinto) dava uma segunda câmara circular, idêntica à primeira. Ignoro o número total de câmaras; minha desventura e minha ansiedade multiplicaram-nas. O silêncio era hostil e quase perfeito; não havia outro ruído naquelas profundas redes de pedra a não ser o vento subterrâneo, cuja causa não descobri; sem som, fios de água enferrujada se perdiam em meio às gretas.

Habituei-me, com horror, àquele mundo duvidoso; julguei incrível que pudesse existir outra coisa além de porões providos de nove portas e de porões compridos que bifurcam. Ignoro o tempo que tive de caminhar sob a terra; sei que cheguei a confundir, na mesma saudade, a atroz aldeia dos bárbaros e minha cidade natal, entre cachos de uva. No fundo de um corredor, um muro não previsto me barrou a passagem, uma luz remota caiu sobre mim. Ergui os olhos ofuscados; no centro da vertigem, lá no alto, vi um círculo de céu tão azul que chegou a me parecer de púrpura. Degraus de metal escalavam o muro. O cansaço me relaxava, mas subi, parando às vezes para soluçar totalmente de felicidade. Fui divisando capitéis e astrágalos, frontões triangulares e abóbodas, confusas pompas do granito e do mármore. Assim consegui ascender da cega região de negros labirintos entretecidos até a Cidade resplandecente.”

Jorge Luis Borges

Introdução

No decorrer da graduação em Ciências Biológicas, meu primeiro passo em direção à pesquisa foi como aluna de iniciação científica pela Unifesp – EPM em 1998, no Departamento de Neurologia e Neurocirurgia. Muitas questões levantadas durante essa época em relação à natureza humana e seu comportamento ficaram sem respostas e inúmeras vezes não cabiam naquele ambiente devido à limitação do campo escolhido por mim para tais questões. A ciência empírica e os projetos realizados são muito específicos não permitindo um diálogo mais amplo com outras áreas de conhecimento, motivo pelo qual acabei me movimentando para outro departamento de pesquisas.

Enquanto escolhia um novo modo de abordar minhas questões em relação à condição humana segui para a educação. Durante o desenvolvimento de minhas atividades docentes em cursos pré-vestibulares somadas há uma experiência turbulenta, mas não menos gratificante em ensino médio particular, percebi a grande relevância de um tema em especial, *as teorias da evolução biológica*. Ao serem abordadas em sala de aula, devido à polêmica e desconforto dos alunos, iniciei uma frente de pesquisa e uma grande coleção de perguntas comuns, entre outras mais sofisticadas, orbitando ao redor da evolução. Em março de 2007 participei de um curso sobre Darwinismo com uma visão além da biologia, ministrado por Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé permeando campos da psicologia e filosofia. Meu primeiro contato com Ernest Becker se dá aqui, pois ao finalizar o curso, o professor cita a obra principal do autor *A negação da morte*, o que vai fazer toda a diferença para minha vida acadêmica, começando por responder certas questões antigas que tiveram de esperar até então.

O presente autor é importante em minha escolha para a dissertação por dedicar-se à compreensão da condição humana, em primeira instância. Ele é um antropólogo cultural, pensador e escritor científico interdisciplinar. Com a atribuição do Prêmio Pulitzer em 1974 para o seu livro, *A Negação da Morte*, a sua enorme contribuição começou a ser reconhecida. A segunda metade de sua obra, *Scape from Evil* (1975) é

igualmente importante, um companheiro de volume, onde desenvolveu as implicações sociais e culturais dos conceitos abordados no livro anterior, assim concretizando a produção de um trabalho constituído por uma síntese de pensamentos na filosofia com base Kierkegaardiana e na psicanálise apoiando-se, fundamentalmente, em Freud e colaboradores, com um lugar especial de destaque para Otto Rank, além de uma visão darwinista evolutiva, o que acaba promovendo um panorama abrangente na tentativa de fazer uma ciência do homem alcançando as diversas ciências humanas

Num segundo momento, mais especificamente em relação ao mal na obra do pretendido autor, tal escolha está ligada ao fato de ser o mal indissociável ou não, ao caráter fundamental de nossa espécie aliada ao alcance de uma perspectiva que conseqüentemente engloba ciência e religião para Ernest Becker. Em seu meio o trabalho de Becker é considerado, por muitos atores como um grande feito relacionado à criação da ciência do mal, devido à sua amplitude de visão e de prevenção de ciências sociais. Este trabalho, portanto, é a extensão das minhas indagações frente a um primeiro olhar aos mecanismos de funcionamento de nossa espécie, que se diferencia tanto dos demais animais. A partir daí questionamentos do que seria realmente inato ou aprendido, até que ponto há o animal biológico nos conduzindo e a partir de onde surge o homem civilizado, é uma razão importante para continuarmos tentando explicar, desde de tempos remotos, a nossa natureza e condição humana. Num olhar mais restrito, meu interesse passa a ser medular no que diz respeito a nossa espécie, numa sintonia mais fina, como as bases psicológicas, sociais, religiosas que geram perguntas, por exemplo, como: por que tenho o mesmo comportamento do meu pai, apesar de nunca ter convivido com ele? Por que acreditamos ou não em Deus? Por que procuramos certezas e sentimos um grande vazio perante a vida e o universo? Como a linguagem se estabelece nas diferentes culturas? Por que o sorriso faz parte de um mesmo comportamento? Dentre inúmeras outras questões dessa natureza.

Por interessar-me pelos diferentes aspectos do que pode construir a identidade humana, proponho como caminho o estudo da natureza humana com seus desdobramentos em sua própria condição, moldadas a partir de Ernest Becker, especialmente a questão do mal e seus desdobramentos em nossas próprias vidas.

Ernest Becker tinha a intenção de fazer uma ciência do homem que reunisse as várias ciências humanas e as religiões. Uma necessidade da superação de um modelo de ciências humanas que giram, excessivamente, ao redor do iluminismo e da definição do

ser humano apenas numa perspectiva político-social, ele pensava ser tradição religiosa ocidental mais empírica no tocante aos limites do ser humano do que o humanismo racionalista e idealista de base rousseauiana.

Há originalidade nas conclusões do autor na tentativa de unir as perspectivas religiosas e científicas. Tratar dos temas da morte, da finitude e do mal em vários campos de atuação, pois permite apontar a violência e aniquilamento perpetrados em nome de tantas razões que camuflam o verdadeiro problema da nossa sociedade. Essa violência está presente nos conflitos religiosos gerados por diferentes crenças, nas culturas em choque devido ao processo de globalização, nas sociedades que desvalorizam suas mulheres, além da opressão de todas as minorias, das questões bioéticas mal encaminhadas, fatores que contribuem de alguma forma para o processo da crise civilizacional presente mundialmente. A vida é o espaço onde as coisas ocorrem, sejam elas o amor, as paixões, o mal, a morte, o aniquilamento. Haverá maior significado em relação a ela, segundo o autor, se houver “a produção de um estudo de harmonização da babel de opiniões a respeito do homem e da condição humana, na crença de estar maduro o tempo de uma síntese que abarque o que há de melhor em muitos campos do pensamento.”¹

Foi criada a Fundação Ernest Becker² dedicada às investigações multidisciplinares em comportamento humano, com especial evidência para os temas relacionados à violência, usando todo trabalho feito por Becker. O produto final é uma pesquisa com interfaces da ciência, humanidades, ação social e religiosa. Como consequência, alguns psicólogos têm acumulado uma grande massa de dados empíricos³, justificando o motivo do medo da morte ser universal. Uma obra ligada ao tema é do grupo formado por Pyszczynski, Salomon e Greenberg através da (American Psychological Association Press, 2003). American Psychological Association Press, 2003, sob o título: *In The Wake of 9/11: The Psychology of Terror* que muitos estudiosos, em variados campos, utilizam para fins diversos, com o objetivo de estudo, pesquisa e escritos sobre as obras de Ernest Becker.

Na presente dissertação é apresentada a leitura das obras: *A negação da morte e A luta contra o mal* de Ernest Becker procurando mostrar o conceito de mal enraizado na

¹ Becker, A negação da morte, 1974, pág.11

² A EBF visa esclarecer como a negação inconsciente da mortalidade influencia profundamente o comportamento humano dando origem a atos de ódio e violência.

³ Vide anexo 2

origem da cultura, a partir do estudo dele sobre a condição humana. No capítulo um o autor é apresentado em seu trajeto pessoal, acadêmico e intelectual, assim como suas intenções e as principais preocupações em torno de suas preferências temáticas.

No capítulo dois será identificado o modelo de homem segundo a filosofia antropológica de Becker, descrevendo o que ele considera como problema central da vida humana, o medo da morte e sua consequência, o fato de ser um gerador da construção feita pela psique que se vincula ao narcisismo organísmico e a necessidade de amor-próprio infantil, como condição de vida, desencadeando a atividade heroica. A problemática do heroísmo na sociedade contemporânea nos conduzirá à negação da finitude através das manifestações psicológicas e culturais que mostram quão abrangente é esse medo do fim e quão grande a atitude reativa do ser humano diante da morte revelando nossa construção fantasiosa a respeito de nós mesmos.

A estrutura humana é pautada a partir do paradoxo existencial kierkgaardiano sendo utilizado para mostrar nossa dupla natureza paradoxal que nega seu fim. Ao mesmo tempo, mostrar que a humanidade, na busca pela transcendência, cria símbolos que a distanciam, cada vez mais, da percepção da sua realidade enquanto espécie. Assim, o dilema existencial do homem caracteriza-o e o destaca dos outros animais, apontando para a instalação do terror em suas bases psicológicas.

No último capítulo, a condição de maldade é abordada, a partir da proposição universal da condição humana. Segundo Becker, a ideia do temor à morte perseguir o animal humano como nenhuma outra coisa o faz, é um dos maiores incentivos da atividade humana – atividade em grande parte destinada a evitar a fatalidade da mesma e vencê-la negando de algum modo ser ela o nosso destino final. Porém tal temor é uma expressão do instinto de conservação, assim Becker ressalta o heroico, toda sua atividade, como um problema chegando à tragédia ontológica. Desenvolve-se o conceito de mal em sua obra, como esse mal se dá em vida, segundo os aspectos tratados pelo autor, ou seja, nos transportando do indivíduo para o coletivo e suas consequências. A esfera de tal narrativa é o darwinismo, pois mostra a espécie com tal característica e a apresenta como fonte de sobrevivência, uma característica adaptativa.

Não é meu intuito finalizar tal questão ou percorrer a extensa bibliografia que aborda o tema da maldade humana como condição, mas sim indagar alguns fatos que seguem. Por exemplo, de como a cultura também pode salvar o homem da sua angústia e ansiedade, esse paradoxo do conceito do mal que encontra-se enraizado na origem da

cultura levaria, invariavelmente, a humanidade a um estado constante de iminente aniquilação? Outro fato, o medo de morrer sendo inato, abarcando todos os assuntos humanos, realmente nos impulsiona a tentar transcendê-lo mediante sistemas e símbolos heroicos culturalmente constituídos? E por fim, em sua obra complementar *A luta contra o mal*, o fato de negarmos a própria mortalidade leva-nos à produção de uma cultura capaz de gerar violência, impulso de destruição e desigualdade humanas? Ele é adaptativo em termos evolutivos?

A suposição preliminar a ser demonstrada é a de que o mal é intrínseco à condição humana. Pois, segundo Ernest Becker, o homem supera a morte inventando a cultura, o medo de morrer é inato abarcando todos os assuntos humanos impulsionando-o a tentar transcendê-lo mediante sistemas e símbolos heroicos culturalmente constituídos. Assim, ao negar a própria mortalidade é produzida uma cultura capaz de gerar a violência, o impulso de destruição e as desigualdades humanas. A negação simbólica da morte é uma criação da imaginação humana e desencadeadora de uma realidade cultural fantasiosa. Assim, ao mesmo tempo em que a cultura salva o homem da sua angústia e ansiedade, o fato desse paradoxo do conceito de mal estar enraizado na origem da cultura levaria, invariavelmente, a humanidade a um estado constante de iminente aniquilação.

Os objetivos ou resultados principais que se espera deste trabalho são de discutir um tema bastante atual, dada a crise civilizacional moderna trazendo contribuições valiosas, além de tornar o autor mais conhecido dentro do meio acadêmico e fora dele, em instituições que possam usá-lo como um instrumento veiculador de metodologia para trabalhar com questões educacionais, sociais, antropológicas, terapêuticas e religiosas.

Dentre as inúmeras possibilidades de estudo sobre o mal como condição do homem sugiro uma delimitação de autores que trabalharam tais questões. Portanto, o enfoque dessa dissertação será feito, a partir do próprio autor, Ernest Becker, dado ser a sua abordagem completa por si só, pois atinge vários campos de conhecimento, sendo eles, a psicanálise, o darwinismo e a filosofia da religião. Portanto, a abordagem dos conceitos, será realizada com o auxílio teórico das seguintes categorias, a psicanálise, a evolução e filosofia, em virtude de ser o caminho natural do próprio autor, ficando evidenciado o diálogo feito entre as frentes teóricas da psicologia profunda e da filosofia antropológica.

No entanto, a compreensão do pensamento de Ernest Becker para o presente trabalho se dará com a utilização de autores divididos em dois grupos, sendo eles os principais e os secundários. Dos principais, são utilizados os autores que Ernest Becker faz uso em suas obras e dos secundários encontram-se os comentadores e outros autores que dialogam com a obra dele. Dos principais autores seguem:

Sigmund Freud pelo fato de Becker basear-se em seus conceitos gerais dentro do pensamento psicanalítico, com destaque para Otto Rank devido a sua influência conclusiva para seu pensamento. Sören Kierkegaard por apresentar uma das melhores análises empíricas da condição do homem.

Carl Gustav Jung por ser feita uma aproximação do complexo funcionamento psíquico através da proposição do aspecto sombra.

Dos secundários, são utilizados dois autores importantes. O principal, é o comentador Daniel Liechty, por ser o mais importante a dedicar-se ao pensamento de Ernest Becker. É Ph.D. em Teologia e Psicoterapia, filósofo com interesses em sistemas de crença e comportamento humano. Em seguida, Sheldon Solomon, Ph.D., professor de Psicologia e de Courtney no Skidmore College, em New York. Ele fornece uma visão abrangente das ideias de Ernest Becker e faz parte do trio de psicólogos sociais experimentais, Solomon, Jeff Greenberg e Tom Pyszczynski que desenvolveram a *Terror Management Theory* (TMT), em 1980, para explorar como o medo da morte, consciente e inconsciente, motiva a negação e o comportamento humano. Outro autor é Donald L. Carveth, professor de Sociologia, Política e Pensamento Social dedica sua pesquisa às áreas de psicanálise, existencialismo e religião. Faz uma análise sobre a natureza do pensamento de Ernest Becker.

Dentre os secundários que trabalham e/ou dialogam, especificamente, a questão do mal, darwinismo e comportamento, temos:

Joseph Scimecca autor de pesquisas que concentram-se na teoria sociológica humanista, a sociobiologia do ensino superior e a intersecção das ciências sociais e a religião. Seu interesse particular concentra-se no problema do mal na obra de Becker.

Mark J. Landau trabalha inspirado em perspectivas da psicologia existencial, investiga o papel da profunda preocupação existencial (por exemplo, a mortalidade).

O biólogo, Prof. Dr. Carlos Eduardo Guimarães Pinheiro, da Universidade de Brasília que desenvolveu suas pesquisas, principalmente, na área de ecologia e

comportamento animal. Seu trabalho é utilizado na exposição das ideias sobre evolução, darwinismo e comportamento.

Filósofo e teólogo, o professor Everaldo Cescon, da Universidade de Caxias do Sul. Seus interesses de pesquisas concentram-se na área de Filosofia da Religião, Fenomenologia e Filosofia da Mente. Seu trabalho é utilizado no que tange comportamento e evolução na diferenciação entre humanos e os demais animais.

James Hollis, Ph. D, analista junguiano dedica-se à publicação das obras completas de Jung, dialogando com a questão do mal sobre o aspecto psicanalítico denominado de *sombra* por Jung.

Serão vistos no texto da dissertação outros autores sem menção, pois são periféricos e dialogarão em menor proporção do que os já mencionados.

Ernest Becker, em seu livro *La Lucha Contra el Mal*, inicia a obra desculpando-se, pois tem consciência de ter tentado abarcar muito, pois apresenta de uma maneira sintética seu trabalho, o que lhe confere o título de extravagante. Todavia ele tinha pouco tempo para agregar todas suas questões e conclusões. Um feito ambicioso, portanto, para, segundo ele próprio, “não morrermos de fome no meio da abundância de pensamentos acumulados, sem esperança, se nós não escolhermos uma parte deles.” Esta forma de pensar justifica e mostra o perfil interdisciplinar transcorrendo, a partir dessa escolha que urge, assim elegendo e trabalhando com muitos autores em suas obras.

CAPÍTULO I

ERNEST BECKER: sua vida e obra

O que é educar? Não é reprimir, mas ao contrário, exprimir, liberar. Também não é imprimir, mas ao contrário, fazer brotar, fazer emergir. Menos ainda seria formar, impondo uma forma; ao contrário, seria desentranhar do mais fundo do ser a sua própria forma. Com efeito, o verbo educar vem do latim *educere*, e significa, portanto, *desentranhar a forma humana de dentro do próprio homem, extraíndo e revelando a sua própria e íntima essência.*”

Pierre Teilhard de Chardin

Do autor

Ernest Becker dedicou-se à compreensão da condição humana, o entendimento de si próprio e o sentido da vida. Seu foco evidencia as manifestações de uma curiosidade natural do *ser* no mundo, nos orientando para as questões da natureza do homem, o seu destino e o significado da vida: “Quem sou eu e a minha relação com o universo? Qual o sentido e a finalidade da minha vida e como vivê-lo?”

Para o conhecimento, realmente verdadeiro, acreditava ser necessária a percepção do ser e da sociedade, já que os questionamentos fundamentais são realizados pela sociedade, mas receosa, reprime-os, pois tais perguntas apontam para um perigo, o de contagiar de dúvidas seus integrantes, assim prejudicando a fidelidade cega social competente.

Era sua intenção fazer uma ciência do ser humano que reunisse as várias ciências humanas e religiões. Há originalidade em suas conclusões, na tentativa de unir as perspectivas religiosas e científicas do homem, num mundo onde os conflitos religiosos tem aumentado de forma considerável e as culturas estão em choque. Uma análise vinda

da fusão dessas áreas, aparentemente distantes e conflitantes, como a ciência e a religião, poderiam apontar para soluções inovadoras na desaceleração e contenção do aumento de conflitos e enrijecimento das posturas das mesmas. Era a grande preocupação, além de ser uma questão para Becker, saber por que as sociedades, suas culturas, agem de forma violenta perante as outras e o que de fato dá origem a forma com que as pessoas agem dentro de suas sociedades.

Sobre Ernest Becker: seu trajeto

Ernest Becker nasceu em 27 setembro de 1924 em Springfield, Massachusetts e faleceu em 6 de março de 1974, em British Columbia. Filho de imigrantes judeus chegaram aos Estados Unidos na virada do século. Segundo Daniel Liechty⁴ em sua família havia a prática da fé judaica, mas relatos sobre si mesmo, afirmam que era basicamente ateu em suas opiniões, na maior parte da sua vida adulta. Aos 18 anos entrou no exército e serviu na segunda linha da infantaria, batalhão que ajudou a libertar um campo de concentração nazista durante a segunda guerra mundial. Logo em seguida desse feito ingressou na Universidade de Syracuse, em Nova York, após sua formatura como antropólogo, juntou-se à Embaixada dos EUA em Paris como um funcionário administrativo, a experiência em Paris foi considerada boa por ele, mas com o tempo tornou-se aborrecida, assim o trabalho e suas perspectivas de vida no corpo diplomático chegaram ao fim. Para prosseguir seus estudos de pós-graduação em antropologia cultural retorna à Universidade de Syracuse. A abordagem interdisciplinar e multicultural para o estudo dos seres humanos atraiu Becker para esse campo, assim seu interesse logo se voltou para a antropologia filosófica e esta preferência manteve-se concretizando sua paixão. Segundo Liechty, “apesar de uma simplificação, é útil pensar em sua carreira intelectual como uma tentativa de chegar a um acordo com o que é permanente na antropologia filosófica de Freud e Marx.”

⁴ Daniel Liechty acredita ser a principal fonte biográfica de Ernest Becker, o artigo de Ronald Leifer, "Becker, Ernest", em *The Encyclopedia of the Social Sciences* vol. 18, (New York: Macmillan Press / Free, 1976), assim baseia-se nele para fazer o texto de introdução em seu livro *Ernest Becker Reader*, pág.11-23, utilizado para presente biografia neste trabalho. Atua como Vice-Presidente da Fundação Ernest Becker e como Webmaster do grupo de discussão EBF Internet, além de ser autor de muitos livros relacionados ao estudos das ideias de Ernest Becker incluindo: *Transferência e Transcendência*, *Morte e Negação* e *Ernest Becker Reader*.

O conhecimento de Becker passa a ter uma perspectiva sobre as sociedades primitivas e suas manifestações culturais, já que tem uma visão dilatada do ser humano e seu comportamento. Utiliza todo conhecimento psicanalítico e o trabalho clínico até os dias atuais da obra de Freud e seus colaboradores agregando conhecimentos em filosofia com Kierkegaard.

Em Syracuse, Becker estudou com o especialista em Japão, Dr. Douglas G. Haring⁵ e escreveu seu doutorado, Zen Budismo, "reforma do pensamento" (lavagem do cérebro) e várias psicoterapias: um estudo teórico Regressão Induzida e os valores culturais. Em sua tese examinou os mecanismos de transferência no Zen japonês, a reforma chinesa do pensamento e psicoterapia ocidental. A versão publicada deste trabalho, Zen: A Rational Critique (1961) foi dedicada a Douglas Haring, pois obviamente Becker valorizava muito a forma de ensino e influência intelectual de Haring.

Ao receber o título de Ph.D em 1960, Becker foi contratado para ensinar antropologia no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina Upstate Center, em Syracuse. Desenvolveu-se uma estreita relação com o psiquiatra Thomas Szasz⁶, pois ele faz críticas ao modelo médico da psiquiatria e o autoritarismo inerente a este modelo ficando conhecido por defender a antipsiquiatria⁷, o que chamou a atenção de Becker devido a suas próprias inclinações anti-autoritárias. Assim, Becker passa a participar regularmente do grupo de discussão de Thomas Szasz. Segundo Liechty durante este tempo, Becker publicou vários artigos em revistas de psiquiatria, defendendo uma visão transacional da doença mental. Ele também publicou mais dois livros que refletem suas palestras para estagiários no centro psiquiátrico. Em ambos os

⁵ Orientador da tese de doutorado de Ernest Becker do Departamento de Antropologia da Universidade de Syracuse, Massachusetts. Dr. Haring passou sete anos no Japão e dedicou seus estudos ao tema da personalidade e cultura japonesas. É uma referência valiosa para a compreensão do comportamento japonês.

⁶ Professor Emérito de Psiquiatria da Universidade Estadual de Nova York, em Syracuse. Seu mito clássico da Doença Mental (1961) fizeram dele uma figura de renome internacional e de controvérsia. Muitas de suas obras - como a Lei, a Liberdade e a Psiquiatria, A Ética da Psicanálise, Cerimonial Química, e nosso direito de drogas - são considerados entre os mais influentes do século 20 pelos líderes na medicina, direito, e as ciências sociais.

⁷ Roudinesco, em seu Dicionário de Psicanálise, fornece a seguinte definição: Embora o termo antipsiquiatria tenha sido inventado por David Cooper num contexto muito preciso, ele serviu para designar um movimento político radical de contestação do saber psiquiátrico, desenvolvido entre 1955 e 1975 na maioria dos grandes países em que se haviam implantado a psiquiatria e a psicanálise: na Grã-Bretanha, com Ronald Laing e David Cooper; na Itália, com Franco Basaglia; e no Estados Unidos, com as comunidades terapêuticas, os trabalhos de Thomas Szasz e a Escola de Palo alto de Gregory Bateson.

livros, *The Birth and Death of Meaning* (1962) e *The Revolution in Psychiatry* (1964), Becker defendeu um entendimento geral de transação de doença mental que entrou em conflito direto com o modelo médico. Embora estes livros demonstrem um amplo conhecimento acadêmico de várias disciplinas das ciências sociais, eles não eram universalmente apreciados dentro do campo da psiquiatria.

Thomas Szasz apresentava uma posição a ser entendida como um ataque direto sobre as práticas atuais da psiquiatria, ele se envolveu em conflito com alguns interesses muito arraigados dentro do campo. Em novembro de 1962, Szasz foi efetivamente desligado de suas funções de ensino dentro da escola médica do estado. Isso produziu uma divisão dentro do Departamento de Psiquiatria entre aqueles que apoiaram Szasz e aqueles que não o fizeram. Embora Becker tivesse suas diferenças com Szasz, viu a censura como uma intromissão na liberdade acadêmica e o apoia. Este foi um passo corajoso, pois Becker pagou caro por isso. Junto de vários outros, foi demitido da escola, assim, partiu para um ano de escrita e reflexão na Itália. Ele passou o resto da década, como um cigano erudito, passando de emprego em emprego. Após um ano em Roma, voltou a passar o ano acadêmico em Syracuse, não na escola médica, mas nos departamentos de educação e sociologia da Universidade.

Abertamente a favor do movimento dos direitos civis, Becker foi contra a guerra do Vietnã e era muito crítico em relação às práticas educativas autoritárias. Ele era porta-voz, especialmente com relação aos perigos da independência e da liberdade acadêmica, colocados através da prática comum das universidades ao buscar e contar com fontes militares e de negócios para contratos de investigação. Isso atingiu-o diretamente encerrando seu contrato em Syracuse após um ano.

Em 1965, Becker mudou-se para o departamento de sociologia da Universidade da Califórnia em Berkeley. No ano seguinte, recebeu um contrato de um ano na mesma escola do departamento de antropologia. Becker era um professor inovador e suas palestras eram sempre lotadas por centenas de estudantes. O ensino de Becker refletia seu modo de pensar, sendo amplamente interdisciplinar, inovador e ansioso para aplicar formulações teóricas para as preocupações dos problemas atuais.

Os aspectos do pensamento e ensino de Becker despertavam a emoção da aventura e da descoberta intelectual entre os seus alunos, não necessariamente, sendo valorizado entre outros membros do corpo docente. Sua disposição para utilizar fontes literárias e até mesmo fontes teológicas, juntamente com sua crítica constante de

abordagens estritamente empíricas para as ciências sociais, levou muitos acadêmicos a verem ele de uma maneira não tão científica. Berkeley não renova seu contrato. Os alunos, no entanto, deixam suas vozes serem ouvidas, pois mais de 2.000 alunos assinaram uma petição exigindo que Becker seja mantido. Quando isto falhou, eles votaram para que seu salário como *Visiting Scholar* fosse pago com os fundos do centro dos estudantes. A administração expressou a disposição de utilizar esses fundos para Becker permanecer como um "consultor educacional", mas não estavam dispostos a permitir que os estudantes contratassem seus próprios professores. Mas Becker tinha outros planos, decidiu aceitar uma oferta para ensinar psicologia social na *San Francisco State University* onde foi definitivamente um passo para trás em relação à *U.C. Berkeley*. No entanto, ele tinha grandes esperanças para esta instituição. Seu presidente, SI Hayakawa, foi um dos autores fundamentais da ciência interdisciplinar da Semântica Geral. Porém, no mesmo ano (1967-68) em que Becker ingressou na faculdade, as revoltas estudantis literalmente explodiram como um vulcão no campus. Hayakawa, apoiado pelo então governador do estado de Ronald Reagan, chamou a Guarda Nacional para manter a ordem. Becker não sentiu que poderia ficar e ensinar com liberdade, sendo que a polícia armada estava presente fora da sala de aula. Em 1969, renunciou ao seu cargo e se mudou para a Universidade Simon Fraser, em Vancouver. Lá se juntou ao departamento de sociologia interdisciplinar que unia a antropologia e a ciência política. Este era o lugar ideal para um homem como Ernest Becker. Foi lá que, não só publicou uma edição revisada do seu livro *The Birth and Death of Meaning* (1972), mas também escreveu sua obra-prima, *A Negação da Morte* (1973) e sua sequência, *Escape From Evil* (1975), bem como um notável ensaio sobre a solidão. *A Negação da Morte* foi premiada com o Prêmio Pulitzer na categoria de não-ficção. Seu último trabalho, ainda em anonimato, pois seria publicado, acaba por ser feito postumamente. Por fim, em 1972, Becker foi diagnosticado como tendo câncer de cólon. Ele morreu, com 49 anos, em março de 1974.

O pensamento de Ernest Becker

O ser humano para Becker é multifacetado e depositário de uma parcela da realidade, mas afirma não sermos deuses, pois cometemos erros, além de não respondemos a grande questão, "o tudo". Becker acaba passando adiante de Jung para

explicar a associação entre Ciência e Religião e chega em Otto Rank⁸, pois há um problema central carregado de interferências, o que torna Jung sem clareza para Becker, já que ele está associado à mitologia e alquimia. Que outra coisa ainda pode ser dita além de Jung sobre a Ciência e a Religião? Existe outro sistema de ideias além do que confronta a ciência e a psicologia? Sim, para Ernest Becker o caminho é o Existencialismo.

Donald L. Calveth⁹ considera que Becker, em seu livro *The Birth and Death of Meaning* (1962), representa uma contribuição para a antropologia filosófica clássica por oferecer insights que a corrente principal da psicanálise ainda irá apreciar plenamente. Donald diz que “com base, principalmente na obra de Otto Rank (1932, 1936, 1958) e Norman O. Brown¹⁰ (1959), o trabalho de Becker elabora uma psicologia existencial aonde os seres humanos sofrem de uma ansiedade primária, a morte.”

Becker sofreu diretamente com as terríveis consequências da segunda guerra mundial e passou a buscar a compreensão que possibilitaria uma resposta ao ódio humano gerador das guerras. Sua busca tem início com a questão, por que as sociedades são capazes de originarem a violência e voltarem-se, em nome de sua crença, contra outras que possuem, igualmente, suas próprias crenças? Qual movimento cria isso? Qual dinâmica? Está dentro ou fora de nós? Assim sugere ser o medo da morte e a sua negação um fato fundamental universal para toda atividade da vida humana, além de afirmar que a atividade heróica produzida a partir desse medo é o nosso principal problema.

Como os autores Solomon, Greenberg e Pyszczynski¹¹ lembram, Becker afirmou que os seres humanos evoluíram para um ser auto-consciente, mas esta capacidade trouxe consigo a consciência da possibilidade e futuro, portanto, a possível morte. Após

⁸ Foi um psicanalista, escritor, professor, terapeuta e a influência mais forte no pensamento psicanalítico maduro de Becker.

⁹ Artigo *The Melancholic Existentialism of Ernest Becker* da revista *Free Associations* Vol. 11, Part 3, No. 59 (2004): 422-29. escrito pelo Professor de Sociologia, Política e Pensamento Social da Universidade de York, Donald L. Carveth, também diretor do Instituto de Psicanálise em Toronto dedica sua pesquisa às áreas de psicanálise, existencialismo e religião.

¹⁰ Brown era professor de clássicos e história, apresentava um discurso interdisciplinar, as escolas que influenciaram-no eram o marxismo, a psicanálise, poesia clássica e moderna. Suas ideias notáveis eram referentes a consciência simbólica e a perversidade polimorfa.

¹¹ Autores responsáveis pela teoria do terror da morte (TMT). Psicólogos tem acumulado uma grande massa de dados empíricos justificando o motivo da morte como universal e iniciadas pela própria negação. A produção mais atual ligada ao tema foi produzida por Pyszczynski, Solomon e Greenberg através da American Psychological Association Press, 2003 sob o título: *The Psychology of Terror* que tem sido utilizado por estudiosos e em muitos campos em estudos sobre as obras de Ernest Becker.

os revisionistas freudianos como Otto Rank e Gregory Zilboorg, Becker pensou que a possibilidade da morte produziria um medo paralisante, mantendo-se constante como centro de nossas atenções¹². Os autores afirmam que a alegação de Ernest Becker do medo da morte é um poderoso motivo consciente para produzirmos visões do mundo de forma polarizada e bodes expiatórios. Eles também compartilham a crença de que o problema central das visões culturais do mundo é o perigo da polarização isto é, Solomon, Greenberg e Pyszczynsk apontam a tendência a dividirmos o mundo em um "seu" lado e um "nosso" lado, um lado do mal, demoníaco e o lado dos anjos. Os autores dizem que no livro *A Negação da Morte*, Becker usou o termo "herói", afirmando: "A sociedade em si é um sistema codificado herói ", pois "a sociedade em todos os lugares está vivendo o mito do significado da vida humana, uma criação desafiadora de sentido". Juntamente com a análise do herói direciona ser a auto-estima (sucesso no projeto de herói) dependente de um empreendimento heroico para levá-la a cabo, o que por sua vez, significa que deve haver uma visão de mundo abarcando valores heroicos e interpretando o cosmos como um teatro de ação heróica.

Becker acredita que toda a sociedade é uma "religião", pois é criada pelos símbolos culturais através de uma visão de mundo e portanto, deve ser realizada em fé. Afirma ainda ser toda sociedade histórica uma mistificação ou uma mentira esperançosa, "a cultura consiste de ilusões compartilhadas que servem para aliviar a ansiedade (...). Este é um ponto que representa um problema importante na área de pensamento de Becker." ¹³.

Continuando com base nas ideias de Becker, ele a partir da declaração: "Se cada sociedade histórica é de certa forma uma mentira ou mistificação, o estudo da sociedade torna-se a revelação da mentira. O estudo comparativo da sociedade torna-se a avaliação de quão alto são os custos dessa mentira". Segundo Solomon, Greenberg e Pyszczynsk aqui é o local do problema da polarização, pois "Esses custos podem ser contabilizados em cerca de duas maneiras", diz ele, "em termos da tirania praticada no seio da sociedade, e em termos de vitimização praticado contra estrangeiros ou de 'inimigos' fora dela. Os autores afirmam "Este problema, a vitimização e culpabilização, tornou-se

¹² Ernest Becker and the Psychology of World Views por Eugene Webb da Universidade de Washington. Ensaio originalmente publicado em Zygon: Journal of Religion and Science, 33, 1 (março de 1998): 71-86.

¹³ Ernest Becker and the Psychology of World Views por Eugene Webb da Universidade de Washington. Ensaio originalmente publicado em Zygon: Journal of Religion and Science, 33, 1 (março de 1998): 71-86.

o foco de seu último livro, *Escape From Evil*, pois tenta mostrar que o inevitável impulso natural do homem ao negar a mortalidade para conseguir uma auto-imagem heróica são as causas da maldade humana".

Neste último livro Becker mostrou o porquê do heroísmo praticado em um determinado sistema social, quem é o bode expiatório, quem nas classes sociais são os excluídos do heroísmo, o que há na estrutura social que impulsiona a sociedade cegamente ao heroísmo auto-destrutivo, etc. Solomon, Greenberg e Pyszczynsk afirmam não ser só isso, mas temos, para realmente criar algum tipo de ideal de libertação, algum tipo de vida, dar alternativas ao heroísmo, temos que começar com o esquema para dar ao homem uma oportunidade à vitória heróica, o que não é um simples reflexo narcisista do bode expiatório. Os autores ainda dizem que a explicação de Becker para o bode expiatório e a visão polarizada que exprime é psicanalítica baseando-se mais em Jung, pois fala de "projeção da sombra", isto é, de aspectos de si mesmo que não se quer reconhecer (mortalidade, as ameaças a auto-estima, etc).

Solomon, Greenberg e Pyszczynsk expõem outra ideia psicanalítica que Becker também apresenta como pertinente para o problema da polarização, a transferência. Ele a considera absolutamente central para inúmeras questões. A transferência é um conceito de Freud desenvolvido para explicar o comportamento que ele observou em seus pacientes quando eles, alternadamente querem deificá-lo ou demonizá-lo, tratá-lo como se ele tivesse um imenso poder para o bem ou para danos direcionados a ele. Freud denominou esses dois padrões de transferência positiva e negativa. Quando Becker nos apresenta a ideia do bode expiatório, poderia ser descrito como uma espécie de transferência negativa, enquanto a bajulação dos líderes heroicos, em uma tentativa de participar na sua estatura heróica seria transferência positiva. "Aos poucos", diz Becker, "através dos trabalhos de Adler, Rank, Fromm, Jung e outros, temos visto uma mudança para uma visão mais abrangente de transferência, com base em Freud. Assim que hoje podemos dizer que a transferência é um reflexo da fatalidade da condição humana.

O pensamento de Becker, além de ser constituído grandemente de corpo teórico psicanalítico é influenciado pela ideia da evolução, em seus termos darwinistas, ou seja, nos chama a atenção para nossa existência animal e não só a simbólica. Afirma que devemos levar a ideia do darwinismo em consideração seriamente para entender suas proposições sobre o homem, pois sabemos que no surgimento evolutivo das espécies, os

seres humanos partilham as características físicas e até emocionais de seus primos animais, mas é a singularidade do comportamento humano que intrigava Ernest Becker. Baseando-se em uma ampla gama de investigações e escritos, Becker apontou para a linguagem humana como o que define qualitativamente o pensamento e o comportamento humano para além do comportamento de outros primatas.

É intrigante saber quando a linguagem se desenvolveu nessa espécie peculiar de macaco da qual os seres humanos descendem, apesar de não ser possível constatar tal fato. Mas Becker pensava que com o desenvolvimento da linguagem, a autoconsciência humana só foi possível substituindo o comportamento de estímulo-resposta instintivo, ou seja, em essência, isto é a distinção do comportamento humano e da existência humana. Somado a isso, Becker sugere que o processo evolutivo em relação ao desenvolvimento da autoconsciência individual em uma espécie é um grande salto experimental pelo próprio processo evolutivo. Este desenvolvimento da consciência de si em uma espécie Becker apresentará como a primeira revolução muito grande na evolução, ou seja, quando algo qualitativamente novo veio à existência.

Para Becker, a história da espécie humana é uma história que descreve o desenrolar constante deste grande experimento evolutivo da consciência pessoal, pois deu ao homem a possibilidade real de sobressair-se acima da própria natureza. Em seu livro *The Birth and Death of Meaning* explora longamente este tema e afirma que embora o desenvolvimento da linguagem e da expressão simbólica tenha permitido esforços conscientes de cooperação entre os seres humanos muito além do que qualquer outra espécie, isso também foi criado nos seres humanos como um tipo peculiar de socialização em comportamento de grupo. Assim a subjetividade e o sentimento de si que cada indivíduo atinge é ditado diretamente pelo sistema de símbolos culturais em que o indivíduo nasce. Cada pessoa ganha uma sensação de bem-estar pelo desempenho automático e acrítico dentro desse sistema de símbolos culturais, assim o sentido individual do eu, da natureza, da moralidade, são transmitidos numa forma reflexiva e acrítica pelo ambiente humano. É como se o processo evolutivo erguesse a pessoa humana acima dos outros animais, de forma rápida e silenciosa, dobrando-o para baixo outra vez, de forma sólida e firme como antes.

Para a organização humana simbólica que se encontra encerrada no corpo de um animal, Becker entrelaça o darwinismo e a psicanálise, pois nosso universo de construção simbólica é psíquico, assim apesar de ter sido crítico em relação a

interpretação restritiva sexual de Freud sobre o conceito do complexo de Édipo, ele viu a descoberta e elucidação do mesmo como uma das conquistas muito importantes de Freud e da psicanálise, pois, acreditava Becker, que o complexo de Édipo seria um tipo de expressão, um atalho para o processo de condicionamento precoce pelo qual passa cada criança. É o mecanismo em que a criança ganha uma visão de mundo cultural, um sentido de auto-estima e um senso de moralidade, assim, resumidamente a criança deve ganhar a sua sensação de poder de forma indireta dos outros, mas ao invés de tornar-se verdadeiramente poderosa e independente, ela acaba por ficar emocionalmente ligada a qualquer modelo de poder que foi apresentado durante o processo de condicionamento.

Daniel Liechty afirma¹⁴ que de acordo com Becker, a espécie humana está à beira de uma possível revolução importante no processo evolucionário. Freud através da psicanálise tornou o mecanismo de reinstintivação¹⁵ conhecido para nós. Ele agora é um objeto de nossa reflexão consciente e não mais alguma coisa enterrada no fundo da mente inconsciente. Tendo-se tornado um objeto de reflexão consciente, é pelo menos pensável que o processo pode ser pelo menos um pouco alterado, abrindo novas possibilidades para a liberdade humana.

Uma grande preocupação para Becker era o fato de que a fidelidade inconsciente e acrítica aos sistemas de significação simbólica que as diversas culturas e sociedades desenvolveram, passam para nós o sentido de segurança validado para seguirmos cegamente com tais formas de poder e autoridade apresentados por nossos pais, família, grupo social e nação durante o processo de socialização e ao invés de tornar-se um centro de livre escolha racional, torna-se uma luta cega para proteger os modelos internalizados de poder trazidos à nossa vida, dos quais passamos a depender. Becker conclui que a psicanálise é muito demorada e não resolve os problemas existenciais humanos, portanto julgava ser papel da educação resolver o nosso desenvolvimento, sem a presença de tanta violência entre as culturas num mundo moderno, ou seja, observar mais de perto os problemas básicos da adaptação humana em um ambiente de mudança social com base para sua filosofia de educação.

¹⁴ Ensaio originalmente publicado em *Zygon: Journal of Religion and Science*, 33, 1 (março de 1998): 47.

¹⁵ Aproximação em português da palavra *reinstintivation* que significa processo de retorno a um comportamento instintivo.

Segundo Daniel Liechty¹⁶, Becker apresentou a sua filosofia da educação numa contribuição do capítulo intitulado "Personality Development in the Modern World: Beyond Freud and Marx," e em seu livro *Beyond Alienation: A Philosophy of Education for the Crisis of Democracy* (1967)". Becker protestava contra o sistema excessivamente departamentalizado da educação encontrado principalmente nas grandes universidades de pesquisa. Ele viu isso como uma luta de poder pelas disciplinas dentro de seus departamentos para própria expansão, como resultado um desvio na direção correta, a melhoria da educação para os estudantes. Este fato sacrificava sua tentativa de integrar o conhecimento na ajuda do progresso da sociedade em geral. Ainda afirma Liechty que Becker sugeriu que o foco de centralização de uma abordagem integrada e sintética para a educação seria o conceito de alienação.

Em Syracuse, Becker tentou reunir um grupo informal de acadêmicos para representarem um amplo espectro disciplinar para a discussão do currículo integrado. Ele pôde encontrar muito poucos que se dispuseram a participar. O mais firme deles foi o capelão protestante da Universidade, Harvey Bates. Sem sucesso Becker deixou Syracuse, mas Harvey Bates e Becker ficaram amigos passando a trocar cartas, o que aprofundou o interesse dele em entender a alienação a partir de uma perspectiva teológica. Ainda segundo Liechty, Becker ficou especialmente impressionado com as formulações do teólogo Paul Tillich e nos próximos anos, ele também desenvolveu um grande interesse pelo Judaísmo, a religião de sua origem étnica.

Nos seus últimos trabalhos Becker duvidou que a natureza humana fosse boa. Liechty afirma que segundo as suposições de Becker, se a causa do comportamento humano é a tentativa de negar o heroísmo através de algo que não pode ser negado, ou seja, a morte, então não há cura para a condição humana. A alienação é um problema social que pode ser superada através da melhoria das interações humanas, a mortalidade, por outro lado, é um fato ontológico da existência humana e, portanto, não pode ser superado. Becker reconheceu a luta dos seres humanos na transcendência da morte por meio da busca de significado eterno, a imortalidade. Isto aponta a fonte do mal e da causa do sofrimento humano ser o egoísmo.

¹⁶ Esta introdução foi preparada por Daniel Liechty no texto *A four-part sketch of Ernest Becker and his work* baseado no artigo Ernest Becker de Ronald Leifer, na *The Encyclopedia of the Social Sciences* Vol. 18, (New York: Macmillan/Free Press, 1976).

Embora comprometido com a melhoria da vida humana, Liechty observa que os estudos de Becker forçaram-no a concluir que o caminho do progresso humano não foi, inevitavelmente, o de aperfeiçoamento. No entanto, ele tinha esperança no aspecto da natureza do homem que é a causa dos problemas humanos e a fonte do mal, o desejo de transcender a morte inevitável do corpo físico pudesse nos ajudar a triunfar no final. Ele reconheceu, no entanto, que a solução para a luta humana não se encontrava em uma abordagem restrita às ciências sociais, mas exigiu um componente espiritual e teológico.

Ernest Becker apresenta uma bibliografia contendo 9 livros¹⁷, 34 artigos e ensaios. Daniel Liechty fez uma coleção de resumos sobre todas as produções feitas por Becker¹⁸, na esperança de propagar o trabalho do autor e de o tornar conhecido juntamente com suas ideias.

¹⁷ Vide todas as obras de Becker no anexo 1.

¹⁸ Abstracts of the Complete Writings of Ernest Becker (1924-1974) by Daniel Liechty – Illinois State University, 2008.

CAPÍTULO II

Antropologia Filosófica Beckeriana: o modelo de homem

Como poderíamos expressar da maneira
mais sincera algo que possa nos revelar
o que é o homem, que nos mostre o que
ele é, o que trata de fazer e qual
é o resultado de tudo isso?

Ernest Becker

O argumento central na principal obra de Ernest Becker, *A negação da morte*, é a negação de nossa finitude, pois defende ser o medo da morte e a sua negação um fato fundamental de toda movimentação humana universal. Nesta obra, o autor faz uma síntese das perspectivas científicas e trágicas do homem, concluindo que o medo de morrer é inato e abarca tudo à sua volta. Isso promove o surgimento de uma força geradora de um impulso violento que direciona o homem a transcender seu fim a partir de símbolos e sistemas heroicos culturalmente constituídos. Unindo dados provenientes de várias disciplinas, das ciências humanas à religião, “tornando claros e inteligíveis atos humanos que enterramos sob montanhas de fatos obscurecidos com intermináveis discussões sobre os ‘verdadeiros’ motivos humanos”¹⁹, segundo suas palavras, sua tentativa é mostrar que o medo da morte é universal. Sua ideia é resumir a psicologia, após a psicanálise de Sigmund Freud, relacionando toda sua evolução a Kierkegaard, pois Becker defende uma fusão da psicologia com a perspectiva mítico-religiosa²⁰, sustentando sua argumentação principalmente na obra de Otto Rank.

Em *A negação da morte*, segundo Glenn Hughes²¹, Ernest Becker estava à procura do que levou a sociedade humana a desenvolver-se como tal, sendo o seu

¹⁹ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 12.

²⁰ Becker pensava que a tradição religiosa ocidental era mais empírica no tocante aos limites do ser humano do que o humanismo de base rousseauiana.

²¹ Filósofo e historiador, Glenn "Chip" Hughes é professor de filosofia da religião e do século XIX. Concluiu seu doutoramento no Boston College, tendo como interesse de pesquisa os autores Bernard Lonergan e Eric Voegelin. Seu texto sobre Becker e Sócrates, "A negação da morte e a prática de Morrer" (ou: "Gosto da morte"), foi publicado em 2003, pela University of Missouri Press.

principal foco investigativo o fato dela ser tão violenta, incluindo a presença de diferentes grupos sociais tão intolerantes, que se odeiam mutuamente.

Darwinismo, Existencialismo, Antropologia, Psicanálise e Religião são os pilares nos quais Becker se apoia, pois, para ele, constituem um conhecimento acumulado pela humanidade que nos capacita a entender com clareza o que estamos fazendo com nós mesmos e ao planeta. O que mais intrigava Becker era entender o que move as pessoas, o que faz com que elas ajam de uma maneira e não de outra, e por fim acaba por aparecer diante de nossos olhos a dinâmica humana proposta por ele. Sua afirmação sobre o temor e a insignificância no livro *A negação da morte* pode ser resumida quando ele diz que:

O homem cria símbolos culturais que não envelhecem, nem decaem para aliviar seu temor ao seu fim último, que o preocupa muito, e para ter a esperança de uma duração indefinida. A cultura oferece ao homem um *alter* organismo mais durável e poderoso do que a natureza poderia lhe ter dado. Por exemplo, o céu dos muçulmanos provavelmente é uma visão mais total e inconsciente do que o organismo humano realmente espera gozar. [...] Quero dizer que o homem transcende a morte por meio da cultura, não só mediante visões sinceras (ou ingênuas) como faltar-se de cordeiro num céu perfumado, cheio de dançarinas, senão de uma maneira muito mais complexa e simbólica. O homem não só transcende a morte ao continuar alimentando apetites, senão especialmente encontrando nisso um significado para sua vida.²²

A cultura seria, portanto, um sistema de heróis, não importando se mágico, primitivo, secular, científico ou religioso. É sempre um sistema mítico para dar às pessoas uma sensação de valor primário, de significado cósmico, de utilidade final para a criação, de sentido inabalável. Mesmo nossa sociedade ocidental é tão religiosa quanto qualquer outra, e o resultado conclusivo, para o autor, é o fato de que tudo o que o homem faz é religioso e heroico, mas arriscado de ser fictício e falível. A sociedade sempre foi um sistema de ações simbólicas, uma estrutura de *status*, papéis, costumes e regras de comportamento destinadas a servir de veículo ao heroísmo. Em suas palavras: “cada roteiro é único e singular, já que cada cultura tem um sistema de heroísmo diferente. O que os antropólogos chamam de ‘relatividade cultural’ é, na verdade, a relatividade do sistema de heróis em todo mundo.”²³

²² Ernest BECKER, *La lucha contra el mal*, p.20.

²³ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 23.

Ao longo da obra, é possível perceber uma visão geral a respeito de temas tão complexos como a natureza humana e o heroico, a negação da morte e o paradoxo existencial. Assim, conforme adentrarmos pela estrutura proposta por Ernest Becker sobre o que é o homem, gradativamente surgirá diante de nossos olhos, camada sobre camada, formando uma tessitura nada óbvia, tal homem. Há pressa e um esforço demandados pelo autor para expor um labirinto de ideias a respeito do ser humano, tomando o cuidado de nos levar pelo caminho com um fio condutor. A esse fio condutor Becker dá o nome de Medo da Morte ou, como é de sua preferência, Terror da Morte. Ele fará com que possamos compreender o quão avassalador é este medo e como este fato, psicologicamente brutal, opera no animal humano um processo constante de repressão da ideia do término de sua própria vida, um esforço contínuo para negar sua própria morte.

No início do capítulo *O Terror da Morte* há a apresentação de uma das grandes redescobertas do pensamento moderno: “de todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o terror da morte.”²⁴ Becker diz que a teoria darwiniana evidencia o problema da morte como um problema evolucionário e a partir daí muitos pensadores passaram a perceber que se tratava de um grande problema psicológico para o homem.²⁵ Em suas palavras: “o raciocínio da biologia e da evolução é básico e tem de ser levado a sério; não pode ser deixado de fora de qualquer discussão.”²⁶

Becker explicita o argumento central para a vida humana na seguinte afirmação:

A ideia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa. É uma das molas mestras da atividade humana – atividade destinada, em sua maior parte, a evitar a fatalidade da morte, a vencê-la mediante a negação de que ela seja o destino final do homem.²⁷

Em sua obra complementar, *A luta contra o mal*, o autor afirmará que a necessidade inevitável e natural do homem de negar a morte e conseguir uma imagem heróica de si mesmo constituem as raízes da maldade humana.

²⁴ *Ibid.*, p. 31.

²⁵ Essa ideia, de enorme importância para o desenvolvimento da estrutura do homem beckeriano, será tratada de forma profunda no capítulo terceiro desta dissertação.

²⁶ *Ibid.*, p. 35.

²⁷ *Ibid.*, p.11.

Mente Sadia e Mentalidade Mórbida

Becker mostra que existem duas linhas de raciocínio fundamentais para se lidar com o tema da morte: a primeira é o raciocínio da “Mente Sadia” e a segunda, o raciocínio da “Mentalidade Mórbida”.

No primeiro raciocínio, que chega a chamar de primeira escola de pensamento, o autor analisa aqueles que acreditam que o medo da morte não seja natural no homem, que não nascemos com ele e que a criança não tem condições de ter conhecimento de uma ideia abstrata como a negação absoluta. Mas também nos diz que, em algum plano orgânico fundamental, a criança registra as sensações de fome e desconforto e, principalmente, percebe-se sozinha, o que ele chama de “angústia da perda do objeto”. Desta forma, indaga se esta angústia não seria um medo natural, orgânico, de aniquilamento, mostrando que essa opinião, dos que defendem a não naturalidade do medo da morte, acaba por lançar todo o fardo da ansiedade da criança na educação e na relação com os pais e não na sua natureza, o que conduziria aqueles que têm experiências primitivas ruins a se tornarem morbidamente fixados na angústia da morte.

Tomando partido abertamente da segunda escola, ou seja, o raciocínio da “mentalidade mórbida”, Becker defende a universalidade do medo da morte e sua negação como fato fundamental de toda ação humana. Nomes como William James, Max Scheler, Gregory Zilboorg, Jacques Choron, C.W.Wahl fazem parte da argumentação de apoio à mentalidade mórbida.

O primeiro documento utilizado por Becker é do famoso psicanalista Gregory Zilboorg que, em seu artigo *Fear of death*²⁸, mostra que o medo da morte está sempre presente em nosso funcionamento mental. Tal conclusão está baseada em trabalhos clínicos reais, seguindo a linha dos pós-darwinianos que veem o medo da morte como um problema biológico e evolutivo. Zilboorg afirma que o medo da morte é, de fato, uma expressão do instinto de autoconservação e funciona como um impulso constante para conservar a vida e sobrepujar os perigos que a ameaçam. De acordo com Becker, “o medo da morte tem de estar presente por trás de todo o nosso funcionamento normal, a fim de o organismo estar armado para a autoconservação”²⁹.

²⁸ In: *Pssychoanalytic Quartely*, 1943.

²⁹ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 37.

Mas o temor da morte não pode estar presente constantemente no funcionamento mental de uma pessoa, pois do contrário o organismo não funcionaria. O medo tem que estar recalcado para nos permitir viver com um pouco de conforto. Fazemos um esforço psicológico constante para esquecer. Assim, Becker introduz, em seu estudo, o primeiro dos muitos paradoxos: o onipresente medo da morte no funcionamento biológico normal de nosso instinto de autoconservação, bem como nosso absoluto esquecimento desse temor em nossa vida consciente.³⁰

Nesse ponto percebemos quanto o autor baseia sua teoria no Darwinismo, pois vê o homem como um animal cujos instintos, e, portanto, os medos programados, são diferenciados dos animais inferiores. Nossas percepções do mundo, quando crianças, caracterizam-se pela extrema confusão de relações de causa e efeito seguidas de um extremo irrealismo quanto aos limites de suas próprias forças. Dependência absoluta que é satisfeita quase magicamente, dando à criança uma sensação de onipotência. Na criança, as forças da natureza são confundidas interna e externamente e ela é submetida a quantidades exageradas de poder potencial e terror acrescido; até mesmo relações de causa e efeito se tornam um peso para ela. Enfim, a criança está mergulhada em dolorosas contradições que devem estar presentes pelo menos parte do tempo e o medo da morte sofre complexas elaborações e manifestações de forma indireta. A morte, para a criança, é um símbolo complexo. A impossibilidade de lidar com isso ultrapassa a capacidade de qualquer animal, mas a criança tem de aguentar as contradições.

O medo da morte é normal, acreditava Becker, e não um exagero neurótico oriundo de más experiências negativas. É através da repressão que ocorre um aparente “desaparecimento” da morte conforme a criança se desenvolve. A repressão é um fenômeno real e concede legitimidade científica ao tema. Diz o autor que “a repressão não é uma palavra mágica criada para ganhar discussões: trata-se de um fenômeno verdadeiro”³¹, apoiando-se em estudos psicanalíticos de seus funcionamentos. É no próprio movimento de expansão do organismo, e dele se nutrindo, que a repressão funciona. Como afirmou Becker:

A natureza parece ter construído, dentro dos organismos, uma inata sanidade mental; ela se exprime em encantamento por si mesma, no prazer que se tem de mostrar

³⁰ A mentalidade mórbida é o argumento utilizado pelo autor para defender a universalidade do medo da morte e sua negação como fato fundamental de toda ação humana.

³¹ *Ibid.*, p. 41.

ao mundo suas próprias capacidades, de incorporar coisas nesse mundo e nutrir-se das ilimitadas experiências oferecidas por este.³²

[...] No nível mais elementar, o organismo age ativamente contra sua própria fragilidade, procurando expandir-se e perpetuar-se por experiência vivida; em vez de esquivar-se, ele procura mais vida.³³

Neste sentido, é possível pensar que é a própria vitalidade narcisista que fortifica a criança e a capacita para a repressão da ideia da própria morte. Quando adulta, ela molda para si um mundo controlável: ela se atira à ação descuidadamente, impensadamente. Aceita a programação cultural e recorre a técnicas a que Becker dá o nome de Defesas de Caráter: aprende a não se expor, a não sobressair; aprende a encaixar-se em outros poderes, tanto de pessoas concretas quanto de coisas e de ordens culturais; o resultado é que passa a existir na imaginada infalibilidade do mundo que a rodeia.

Outra dimensão na qual o símbolo da morte é transmutado e transcendido pelo homem, segundo Becker, é a crença na imortalidade, o prolongamento da pessoa na eternidade, que será abordado mais adiante. Por agora, usando as palavras de Becker, “podemos concluir que são muitas as maneiras pelas quais a repressão atua para acalmar o angustiado animal humano, a fim de que ele não precise ter o mínimo de angústia”³⁴.

Há o conciliamento, assim, das duas posições divergentes a respeito do medo da morte, pois, segundo Becker, as posições “ambiental” e “inata” fazem parte, ambas, de um mesmo quadro: elas se fundem, naturalmente, uma na outra, e a imagem que escolhermos para nós mesmos definirá o nosso caminho neste mundo: do lado dos disfarces e transmutações do temor ou do lado da aparente ausência desse temor.

Heroísmo e Narcisismo

Um dos conceitos fundamentais para se entender o dilema existencial do homem é o conceito de heroísmo. Para Becker, esta é uma das verdades vitais que, mesmo sendo há muito tempo conhecida, nunca foi devidamente colocada como conceito central.

³² Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 42.

³³ *Ibid.*, p. 43.

³⁴ *Ibid.*, p.45.

Seguindo Willian James, que dizia que o homem tinha um instinto para com a realidade, sustentando ser o mundo essencialmente um teatro para o heroísmo, Becker salienta que todo o desenvolvimento da ciência social, desde Marx até a psicologia de Freud, é um esclarecimento maciço do tema do heroísmo.³⁵

Para desenvolver a questão do heroísmo, Becker nos apresenta a ideia de narcisismo. Segundo David E. Zimerman, a conceituação de narcisismo traz um leque de acepções acerca do termo, desde distintas abordagens pioneiras e originais de Freud até as atuais, que são providas de autores de diferentes correntes psicanalíticas, em diferentes épocas e latitudes.³⁶ Como veremos adiante, Becker fará referências ao narcisismo ligando-o a uma fase evolutiva, como no caso Schreber, de Freud, ou como é concebido na atualidade por muitas correntes psicanalíticas, as quais enfatizam a etapa primitiva da fusão simbiótica do bebê com a mãe, em um estado de indiscriminação e especularidade. Aqui, pela primeira vez, já antevemos o estilo característico de Becker ao descrever o narcisismo humano em bases biológicas, ou melhor, salientando e expondo a sua natureza animal, citando a evolução, o instinto de preservação dentro do organismo que, através de incontáveis eras, aprendeu a lutar contra a violação de sua integridade, gerando uma identidade físico-química associada a um senso de poder e atividade confiante. Este senso de valia própria é o que chamamos de autoestima, que no homem se dá de maneira simbólica – o narcisismo humano se alimentando de símbolos, sua ideia abstrata de si mesmo sendo suportada por sons, palavras e imagens, no ar, na mente, no papel. Becker afirma ainda que, de acordo com Alfred Adler, aquilo que o homem mais precisa é se sentir seguro em seu amor-próprio. É neste sentido que o anseio natural do homem pela atividade e expansão orgânicas pode ser sustentado, ilimitadamente, no reino dos símbolos e, com isso, passar à imortalidade, ou seja, incorporar a eternidade em si mesmo sem mover um membro físico, pois o mundo está dentro do homem, um organismo solitário.

É na infância que observamos a luta pela autoestima com o mínimo possível de disfarce, quando podemos assistir aos conflitos entre as crianças para sobressaírem e terem um lugar de destaque em relação aos outros. Aqui há a introdução da noção de “significado cósmico” que, segundo ele, é a consequência de toda a argumentação anterior. O desejo infantil da criança de sobressair, de ser a primeira, a única na criação.

³⁵ Não é meu percurso, pois o interesse está em torno da obra de Ernest Becker.

³⁶ Cf. David E. ZIMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos, teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática*, p. 156.

A combinação de narcisismo natural com a necessidade fundamental de autoestima está profundamente entranhada na constituição evolutiva e orgânica do homem.

Todavia, as seguintes questões emergem: até onde o homem tem consciência do que está fazendo para alcançar seu senso de heroísmo? Até que ponto é empiricamente verdadeiro o sistema cultural de heroísmo que sustenta e impele os homens? Este é o principal problema autoanalítico da vida e que assume diversas formas tanto no plano individual como no plano coletivo, afirma Becker, e possui tanto um aspecto de mesquinhez como também um aspecto de nobreza, pois impulsiona o homem para realizações de autossacrifício e generosidade com a humanidade. Assim, ele nos adverte que a crise atual da sociedade é que as pessoas não veem mais a religião organizada como um sistema válido de heroísmo e, portanto, está desacreditada. O dilema da religião em nosso tempo é que as religiões não podem recrutar os jovens para serem anti-heróis no sentido de agirem contra a cultura que ela mesma apoia. Pensar o herói, segundo Becker, seria, então, uma saída para a religião.

Paradoxo Existencial: produção simbólica e animal mortal

Adentrando no significado da religião, campo importante que será desenvolvido adiante para compreendermos o paradoxo existencial, Becker afirma que:

Todas as religiões históricas se dedicavam a este mesmo problema, ou seja, como suportar o fim da vida. Religiões como hinduísmo e o budismo realizavam o truque engenhoso de fingir não querer renascer, que é uma espécie de mágica negativa: alegar que não quer aquilo que mais se quer. Quando a filosofia assumiu o lugar da religião, também assumiu o problema central da religião, e a morte se tornou a verdadeira “musa da filosofia”, desde seus primórdios na Grécia, até Heidegger e o existencialismo moderno.³⁷

A crise da sociedade também é, para Becker, a crise da religião organizada, pois ela já não é válida como um sistema de heróis e, por isso, a juventude a despreza. Sendo o problema do heroísmo o problema central da vida humana e a sociedade um sistema de heroísmo codificado, ele conclui que todas as sociedades são um mito vivo de significação humana, uma criação de sentido para o ser humano. Assim, toda sociedade

³⁷Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.32.

é uma religião. Para Becker, existe uma natureza religiosa em toda criação cultural humana. Em suas palavras:

Toda sociedade é, assim, uma “religião”: a “religião” soviética e a “religião” maoísta são tão verdadeiramente religiosas quanto uma “religião” científica e a do consumismo, não importa o quanto elas tentem disfarçar omitindo ideias religiosas e espirituais em suas vidas.³⁸

Apesar das tentativas dos filósofos em procurar uma essência, uma qualidade substancial ou substância especial fixada na natureza do homem, que o diferenciaria dos outros animais, Becker nos diz que isso nunca foi encontrado. E o motivo de nunca ter sido encontrado se deve à natureza paradoxal do homem, o fato de ele ser meio animal e meio simbólico. Kierkegaard foi aquele que introduziu vigorosamente o paradoxo existencial na moderna psicologia numa análise do mito de Adão e Eva que sempre transmitira esse paradoxo ao pensamento ocidental, e grandes pensadores fizeram deste o principal problema do seu pensamento: Otto Rank, Carl Jung, Erich Fromm, Rollo May, Ernest Schachtel, Abraham Maslow, Harold F. Searles, Normal O. Brown, Laura Perls, entre outros.

Este paradoxo existencial, de condição da individualidade dentro da infinitude, nas palavras de Becker toma o seguinte sentido:

O homem possui uma identidade simbólica que o destaca nitidamente da natureza. Ele é um eu simbólico, uma criatura com um nome, uma história de vida. É um criador com uma mente que se sublima para divagar acerca dos átomos e do infinito, que pode colocar-se imaginariamente em um ponto do espaço e contemplar estonteado seu próprio planeta. Esta imensa expansão, esta sagacidade, esta eterealidade, esta consciência de si mesmo dão ao homem praticamente o *status* de um pequeno deus na natureza, conforme pensadores renascentistas perceberam.³⁹

Por verificar que as perspectivas psiquiátricas e religiosas quanto à realidade estão intimamente relacionadas, Becker apresenta-nos Kierkegaard, pois a fusão destas categorias é clara em sua obra, já que é sua, como citado anteriormente, uma das melhores análises da condição humana, análise esta existencial, levando diretamente ao problema da existência de Deus e da fé. Segundo Becker, “a estrutura de compreensão

³⁸ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 26.

³⁹ *Ibid.*, p. 48.

que Kierkegaard tem do homem é quase que exatamente uma recapitulação do moderno retrato clínico do homem que esboçamos nos primeiros capítulos desse livro [*A negação da morte*].”⁴⁰

O paradoxo existencial de Kierkegaard tem como pedra fundamental da visão do homem o mito da queda, ou seja, a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Paraíso. Nesse mito encontra-se o entendimento básico de que o homem é a união de contrários: autoconsciência e corpo físico. Mas ele vai além da ação reflexa dos animais inferiores e pensa sobre a sua condição: “foi-lhe dada uma consciência de sua individualidade e de sua divindade parcial na criação, a beleza e o caráter ímpar de seu rosto e de seu nome. Ao mesmo tempo, foi-lhe dada a consciência do terror do mundo e de sua deterioração”⁴¹. É esta síntese que nos representa que gera a angústia, pois somos incapazes de dominar tal ambiguidade porque está fora da condição humana. Mas Becker nos chama atenção para o fato de que o verdadeiro foco do pavor não é a ambiguidade em si, e sim o resultado do *juízo* a que o homem é submetido:

[...] o de que, se Adão comer o fruto da árvore da sabedoria, Deus lhe dirá: “Terás morte certa.” Em outras palavras, o terror final da autoconsciência é o conhecimento da própria morte, que é a sentença específica apenas na relação ao homem no reino animal. Este é o significado do mito do jardim do paraíso e da redescoberta da moderna psicologia: a de que a angústia da morte é a angústia característica, a mais intensa angústia do homem.⁴²

A partir dessa afirmação, a questão subsequente para Becker é saber como tal homem passará a viver sem pensar o tempo todo na morte e levar o dia a dia normalmente. Apoiando-se em Kierkegaard, por considerá-lo um psicanalista moderno designado a descobrir as estratégias usadas por uma pessoa para evitar a ansiedade, mostrará o desenvolvimento do conceito kierkegaardiano de mentira caracteriológica:

[...] que se forma porque a criança precisa se ajustar ao mundo, aos pais e aos seus próprios dilemas existenciais. Ela se forma antes que a criança tenha a oportunidade de aprender sobre si mesma de uma maneira aberta e livre e, por essa razão, as defesas do caráter são automáticas e inconscientes. O problema é que a criança se torna dependente delas e passa a ficar encerrada em sua própria armadura de caráter,

⁴⁰ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 94.

⁴¹ *Ibid.*, p. 95.

⁴² *Ibid.*, p. 96.

incapaz de ver além de sua prisão ou dentro de si própria defesas que está usando, as coisas que estão determinando a sua não liberdade.⁴³

Em outras palavras, nós temos mecanismos de defesa⁴⁴, o que Kierkegaard chama de “defesas de caráter” para poder lidar com a realidade do mundo que nos cerca, um mundo de terror, perdição, aniquilamento, angústia e sofrimento. Por outro lado, o paradoxo existencial humano nos leva a perceber que a compreensão da verdade de nossa condição poderá nos dar a chance de podermos transcender a nós mesmos, pois a escola da angústia, trazida por Kierkegaard, apenas sinaliza para uma maturidade final e educação máxima, já que, ao encará-la, ela revelará a verdade de sua situação. Ou seja, o currículo da “escola” da angústia é a desaprendizagem da repressão, o que nos direcionaria para um enfrentamento da nossa natural impotência e morte. Porém, para que haja a autotranscendência, é necessária a destruição e redução do eu a nada para, assim, podermos alcançar a infinitude, a transcendência absoluta, o poder máximo da criação que fez criaturas finitas, segundo Kierkegaard. Em geral, esse poder máximo de criação é uma combinação de nossos pais, nosso grupo social e os símbolos da sociedade e nação, isto é, uma rede irracional de apoio. Assim afirmará Becker sobre a mensagem de Kierkegaard sobre o Poder Máximo da criação:

Desde que a pessoa começa a olhar para a finitude, para o seu relacionamento com o Poder Máximo e passa a refazer seus elos, transferindo-os daqueles que o cercam para aquele Poder Máximo, ela abre para si mesma o horizonte de possibilidade ilimitada, da verdadeira liberdade. É esta a mensagem de Kierkegaard, o clímax de toda a sua argumentação sobre os impasses do caráter, o ideal de saúde, a escola da angústia, a natureza da verdadeira possibilidade e liberdade. A pessoa passa por tudo isso para chegar à fé, à fé de que a sua própria condição de criatura tem algum significado para o Criador.⁴⁵

Em outras palavras, é necessário o salto para fé e Becker nos conduzirá por meio do trabalho de Kierkegaard mostrando, enfim, que sem a fé é impossível termos a receptividade de uma realidade multidimensional. Assim, em relação à escola da angústia, o verdadeiro autodidata é aquele que passará por ela sozinho até chegar ao

⁴³ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 99.

⁴⁴ Aqui os denomina como repressão e negação. Cf. Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.97.

⁴⁵ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 119.

caminho da fé no mesmo grau, e inexoravelmente a psicologia é impotente perante as questões existenciais.

Ernest Becker é herdeiro de um movimento de ideias que se manifesta por uma grande variedade de obras distintas, mas que, no entanto, participa de um “espírito comum”, o *iluminismo*. Uma das características principais do iluminismo é a aversão aos grandes sistemas filosóficos acabados.

Para ser livre, a razão não pode se submeter a nenhuma autoridade que a transcenda ou a nenhuma regra externa a ela, pois para si mesma é sua própria regra. Mas também é a regra para o universo em geral. Os seres e as coisas que nos rodeiam estão submetidos a certas regularidades. O homem é responsável, portanto, por descobri-las e dispõe de sua própria inteligência. Soberana e livre; é assim que a querem os iluministas para, então, ser um instrumento de conhecimento, ao mesmo tempo em que instância incumbida de reger os destinos históricos do homem e o conduzir à sua emancipação diante dos preceitos do passado, assim como dirigir e organizar a vida em sociedade. Estando a atenção voltada para este mundo, a transcendência dá lugar à imanência e um novo objeto de estudos começa a estruturar-se: o próprio homem. Uma nova “ciência” começa a se impor: a História. A percepção de que a massa de conhecimentos adquiridos pode ser utilizada e posta a serviço do seu próprio bem-estar é evidente, além de surgir, como definitiva e necessária, de todas as descobertas uma nova ideia reguladora: a ideia de *Progresso*. Num mundo gerador de conhecimentos, sendo estes acumulados e multiplicados, permitindo ao homem maior domínio da natureza, racionalizando e melhorando suas condições de vida, é quase impossível esperar o contrário. Apesar disso, Becker deixará as seguintes palavras finais:

O anelo de heroísmo cósmico, pois, é sagrado e misterioso e não deve ser simplesmente organizado e racionalizado pela ciência e pelo secularismo. A ciência, afinal de contas, é um credo que experimentou absorver em si e negar o medo da vida e da morte; e é apenas um competidor a mais no espectro de papéis do heroísmo cósmico.⁴⁶

⁴⁶Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 322.

Conceito de heroísmo: o dilema existencial do Homem

Como pudemos ver, Becker nos prepara, nos dois primeiros capítulos, para colocar-nos diante da pergunta: por que o mundo é um lugar tão terrível para o animal humano? E nos diz que isso nos levará ao cerne da teoria psicanalítica e ao que agora é chamado de renascimento existencial da Psicologia.

Becker nos leva diretamente ao dilema existencial do homem, pois revelará sua natureza de forma clara e abrangente, dizendo que há uma peculiaridade no homem, já que não tem escapatória com relação ao próprio destino pelo fato de ter consciência dele e, em seguida, pelo fato de suportá-lo. Esta peculiaridade que nos diferencia do restante dos animais, caracterizando-nos, pode nos conduzir a pensar em uma essência; porém, para Becker, “não há essência alguma, a essência do homem é, na verdade, sua natureza paradoxal, o fato de ele ser meio animal e meio simbólico”. Assim, apesar da condição de individualidade dentro da finitude, ou seja, do homem possuir tal identidade simbólica que o destaca, ter consciência de si próprio, ao mesmo tempo:

[...] conforme os sábios orientais também entenderam, o homem é um verme e comida para vermes. Este é o paradoxo: ele está fora da natureza e irremediavelmente dentro dela; ele é dual, lá em cima nas estrelas e, contudo, alojado em um corpo bombeado por um coração, que arqueja para respirar, que outrora pertenceu a um peixe e ainda traz as marcas das guelras para prová-lo.

[...] os animais inferiores, naturalmente, são poupados dessa contradição penosa, pois não carecem de identidade simbólica e da consciência própria que a acompanha. Eles simplesmente agem e se movem reflexamente ao serem impelidos por seus instintos.⁴⁷

É diferente quando somos obrigados a usar muita energia para negar e esquecer essa verdade que assume a forma de loucura – mas não apenas a loucura clínica, e sim a loucura compartilhada socialmente através de jogos sociais, truques psicológicos, preocupações pessoais distantes da realidade. Enfim, a cultura nos é dada como forma de superar a angústia e forja nosso caráter a fim de que haja um esquecimento cego de nossa verdadeira situação neste mundo. Isso irá gerar toda uma sorte de problemas

⁴⁷ Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 48.

psicológicos no frágil animal humano. Becker afirma que “chegar a crescer é esconder a massa de tecido interno coberto de cicatrizes que lateja em nossos sonhos”⁴⁸. E finaliza:

“Vemos, pois, que as duas dimensões da existência humana, o corpo e o eu, nunca podem ser ajustados sem deixar marca de cicatrizes, o que explica a segunda metade da reflexão de Pascal: “não ser louco seria uma outra forma de loucura”⁴⁹.

Para Becker, reformular as ideias básicas psicanalíticas, resumidamente é afirmar, de uma forma ou de outra, que se pode notar que temos máscaras e há algo por detrás destas: elas representam as mentiras tanto para o mundo quanto para si próprios. A psicanálise nos revelou os custos do homem em fingir não ser louco.

Em seu artigo “Sistemas de herói cultural e religioso”⁵⁰, Joseph Scimecca⁵¹ faz uma análise sobre os temas que constituíam uma real ciência social ideal para Becker, uma ciência social que combine psicologia com uma perspectiva mítico-religiosa, a fim de fornecer um modelo para a plena libertação do homem, e conclui que o heroísmo humano é a força para suportar as contradições que estão implícitas na existência humana. A contradição básica é que, para o homem, nem tudo é possível. O que o homem quer é a imortalidade, e a ciência social não pode oferecer isso e, segundo Becker, apenas a combinação das ciências sociais com a religião pode fazer o homem transcender a tragédia da mortalidade, mas não podemos esquecer que a ciência é mais um credo, ou seja, mais uma forma para o heroísmo cósmico.

O herói é, assim, aquele que, mesmo frente à condição mortal do homem, consegue conceber uma sensação de valor primário, de significado cósmico, de utilidade final para a criação de sentido inabalável. Contudo, a cultura do heroísmo gera o que Becker chama de mal.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 52.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 52. O dilema de Pascal completo, ao qual Becker se refere é: “O homem é necessariamente louco, porque não ser louco resultaria em outra forma de loucura”.

⁵⁰ Cultural Hero Systems and Religious Beliefs: The Ideal-Real Social Science of Ernest Becker. In: *Review of Religions Research*, v.21, n.1, 1979, p. 62-70.

⁵¹ Sua pesquisa se concentra na teoria sociológica humanista, a sociobiologia do ensino superior e a intersecção das ciências sociais e a religião. Joseph Scimecca também é autor de “Humanist Sociological Theory and the Problem of Evil” e “Evil as the Social Problem: The Social Theory of Ernest Becker.”

Darwinismo: o comportamento humano e sua condição entre o apetite e a capacidade criadora

O argumento da biologia e da evolução é considerado básico e sério na obra do presente autor para a discussão sobre a condição humana e seus desdobramentos⁵², assim como o argumento da psicanálise também, porém numa dimensão de maior importância, já que aponta para algo novo a respeito do mundo interior da criança.⁵³ A partir de tais afirmações, Becker explica que somos metade simbólicos e metade animais, ou seja, mostra que o homem se divide em dois tipos distintos de experiência: física e mental ou corporal e simbólica. Segundo Daniel Liechty⁵⁴:

Além disso, a insistência de Becker que, em primeiro lugar, os seres humanos são animais, compartilhando completamente a história evolutiva das espécies, enquanto, ao mesmo tempo, possuindo uma psicologia distintamente humana radicada não em uma esfera metafísica, mas na consciência, exclusivamente humana, da morte, que tanto ele antecipou e apontou para além das interpretações posteriores da sociobiologia e da psicologia evolucionista.⁵⁵

Ao pensar na condição humana e seu comportamento, fazendo uma distinção inicial, ou seja, “a condição do homem – seu apetite – por um lado e a capacidade criadora do outro”, Becker tem como ponto de partida para toda a discussão o seguinte:

O homem é um animal. A finalidade da moderna ciência ativa denominada etologia, estudada por Lionel Tiger, Robin Fox, Konrad Lorenz e outros tantos, é nos recordar a condição humana básica: que o homem, antes de tudo, é um animal que se

⁵² Especificamente relacionado ao temor da morte como paradoxal, pois assim como ele está presente no funcionamento psicológico normal do nosso instinto de autopreservação, também é total nosso esquecimento na vida consciente e cotidiana em relação a ele.

⁵³ E. Becker no livro *A negação da morte*, se refere ao temor da morte observando ser ele ou não intrínseco aos homens, assim passa a justificá-lo iniciando uma discussão sobre o mundo interior da criança cheio de temores, pois ela vive numa situação de extrema dependência de seus pares. Becker ainda pergunta como esses temores são formados, para isso usa os argumentos que intitula de “Mente Sadia” e “Mente Mórbida”, já citados anteriormente no presente capítulo.

⁵⁴ Daniel Liechty é professor adjunto de Assistência Social e membro da Faculdade de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Illinois. Ele é o autor / editor de vários livros relacionados ao estudo das ideias de Ernest Becker. Também atua como Vice-Presidente da Fundação Ernest Becker e como Webmaster do grupo de discussão EBF Internet.

⁵⁵ Daniel LIECHTY, *The Ernest Becker Reader*, p. 12.

move em um planeta iluminado pelo sol. Qualquer outra coisa que seja o homem se baseia nisto.⁵⁶

Segundo Carlos Eduardo Guimarães Pinheiro⁵⁷, estudos que se ocupam com as causas próximas do comportamento são mais antigos e têm suas origens no estudo da anatomia e da fisiologia animal, juntamente com a psicologia e filosofia. Ilustres estudiosos do comportamento animal, como Konrad Lorenz, Niko Tinbergen e Karl von Frish, conhecidos como os fundadores da etologia, ficaram famosos por sua pesquisa sobre as causas próximas do comportamento, tendo até mesmo recebido pelo conjunto de suas obras o prêmio Nobel de medicina de 1973.

Adentrando a partir da etologia, vemos uma espécie animal que tem como cenário o planeta com suas condições ambientais atuais e a vida orgânica estabelecida desde os primórdios até os dias de hoje como conhecemos. Nossa existência exige uma luta constante para nos fixarmos enquanto animais que ocupam um determinado nível na cadeia alimentar; seja na própria natureza, seja em prateleiras de mercados, essa condição se realiza diariamente. Com isso, vêm a disputa pela comida, pelo parceiro sexual e pelo espaço e, na sequência, os cuidados com a prole para que seja garantida sua sobrevivência.

O mundo, assim, passa a ser um lugar terrível para o homem, pois terá de sobreviver “esmagando ossos e bebendo sangue por necessidade, já que a vida não pode continuar se os organismos não se devorarem mutuamente”⁵⁸ até que tenham atingindo o instinto de conservação. Daniel Liechty nos mostra, ainda, um sistema de constante terror atrelado ao fato elementar da luta para adquirirmos alimentos:

Becker confessou humilde ignorância sobre o destino humano, nós simplesmente não podemos saber que força a energia cósmica vital pode ter. Mas vendo a nossa situação neste planeta, sabemos que estamos, inextricavelmente, ligados em uma cadeia alimentar sistêmica em que os organismos vivos se sustentam apenas pela ingestão, digestão e criam o fertilizante de outros organismos vivos. Para todos, exceto

⁵⁶ Ernest BECKER, *La lucha contra el mal*, p. 17.

⁵⁷ Graduado em Ciências Biológicas, com mestrado em Ecologia e doutorado em Zoologia, o professor Carlos Eduardo Guimarães Pinheiro, da Universidade de Brasília, desenvolveu suas pesquisas, principalmente, na área de ecologia e comportamento animal. Cf. “A abordagem evolutiva no estudo do comportamento animal e humano”, In: Samuel Simon (Org.) *Um século de Conhecimento: Arte, Filosofia, Ciência e Tecnologia no século XX*.

⁵⁸ Ernest Becker, *La lucha contra el mal*, p. 18.

para alguns poucos organismos, isto deve ser visto como um sistema de terror constante.⁵⁹

O mundo como um local terrível nos coloca diante da visão evolutiva proposta por Becker, considerada por muitos como pessimista, quando, na realidade, é apenas uma convergência com as teorias evolutivas de Darwin⁶⁰. Para Daniel Liechty, “é importante reconhecer que Becker situa propositadamente sua visão como um corretivo para versões exageradamente otimistas das filosofias evolucionistas, para as quais aumentar a perfeição humana é nosso destino natural”⁶¹.

As causas evolutivas do comportamento, entretanto, só puderam ser investigadas a partir da “teoria da evolução através da seleção natural”, de Charles Darwin (1859), que abriu as portas do pensamento evolutivo. A evolução orgânica procura entender como ocorrem as modificações nos seres vivos ao longo do tempo, e é uma teoria da biologia que significa mudança: mudança na forma e no comportamento dos organismos ao longo das gerações.

Quando se estuda a evolução orgânica, é possível se observar duas vertentes: a teórica e a evidencial. A teórica sempre está baseada no fato de ser ela, em primeiro lugar, a base da biologia moderna e a mais abrangente de todas as teorias da biologia, pois perpassa todos os organismos do nosso planeta. Além disso, ela é universal, ou seja, onde existir vida no universo ela poderá ser explicada pelos mesmos princípios válidos para a Terra. E, por fim, é preciso pensar que a evolução, antes de ser uma teoria, é um fato e, como tal, é uma série de mudanças ao longo do tempo experimentadas por organismos, desde a origem remota, há cerca de 3,5 bilhões de anos, até a atualidade.

A estrutura básica de uma teoria da evolução biológica, dentre outros pilares, antes de Charles Darwin, era pensada em duas partes principais: a adaptação e a especiação. Mas a partir de Darwin passa a ser dividida em três partes principais: a adaptação, a especiação e a *seleção natural*. Assim, entendemos a adaptação como o modo harmônico de relação entre o organismo e o ambiente, podendo apresentar-se

⁵⁹ Daniel LIECHTY, *The Ernest Becker reader*, p. 15.

⁶⁰ Cf. Ernest MAYR, *O que é evolução*, p. 113, onde o autor expõe as idéias de Darwin a respeito da evolução que são denominadas de Teoria Darwinista, mas são, de fato, várias teorias diferentes que podem ser compreendidas quando discutidas em separado. Mayr contribui evidenciando cinco das principais teorias evolutivas darwinianas.

⁶¹ Daniel LIECHTY, *The Ernest Becker reader*, p. 15.

mais especificamente como adaptação anatômica, comportamental ou fisiológica. A especiação significa geração de espécies novas, ocorrendo frequentemente, unindo a macroevolução e a microevolução⁶², combinando as seguintes áreas da biologia: evolução, zoologia, ecologia e genética.

A teoria de Darwin é mais bem entendida quando separada em uma série de teorias interligadas⁶³. Nosso interesse recai sobre a terceira e última das principais partes, a *seleção natural*⁶⁴, proposta por Charles Robert Darwin (1809-1882), mas, para que possamos melhor entendê-la e relacioná-la às demais, façamos uma breve menção destas teorias: (1) a ideia da evolução, ou seja, da transformação dos organismos ao longo do tempo, mas à qual Darwin forneceu uma série de evidências e adicionou a ideia de transformação horizontal ou da diversificação das espécies no espaço; (2) a evolução por meio de descendência comum, na qual Darwin postulou que todos os organismos atuais descendem de ancestrais comuns e se diversificaram através dos tempos; (3) a evolução como um processo gradual, confrontando, assim, a visão essencialista (ou tipológica) da espécie, então predominante entre os naturalistas, e as teorias saltacionistas que, ao postularem uma grande descontinuidade entre espécies, previam que novas espécies só poderiam surgir através de grandes saltos evolutivos; (4) a seleção natural propriamente dita, que explica como a evolução realmente ocorre; e (5) a especiação, processo de formação de novas espécies colocado como uma consequência do processo de seleção natural.

⁶² **Macroevolução** é o estudo da evolução analisado a partir da escala de conjuntos de genes independentes. Estudos macroevolutivos têm como foco as mudanças que ocorrem no nível de espécie ou acima, em contraste com a **microevolução**, que tem como objeto de estudo mudanças evolutivas em menor escala, que ocorrem dentro de uma espécie ou população, e podem ser descritas como mudanças nas frequências alélicas. O processo de especiação pode ser estudado sob o ponto de vista de ambas as abordagens, dependendo das forças propostas como causa para essa especiação. Dentro da escola de pensamento da síntese evolutiva moderna, a macroevolução é considerada o resultado de um conjunto de eventos de microevolução. Assim, a distinção entre micro e macroevolução seria apenas de grau. A única diferença entre elas é a escala e o tempo considerados. O entomólogo russo Yuri Filipchenko criou os termos "macroevolução" e "microevolução" em seu trabalho de 1927, em alemão, "Variabilität und Variation". Desde a criação desses termos, seu significado tem sido revisado diversas vezes, e atualmente têm recebido críticas de muitos cientistas que preferem considerar a evolução como um processo único, e a divisão entre micro e macroevolução acaba sendo artificial.

⁶³ Cf. Ernest MAYR, "The Growth of Biological Thought", Harvard Univ. Press, 1982, para uma revisão detalhada de cada uma destas teorias.

⁶⁴ Em 1858 a Teoria da Evolução pela seleção natural foi proposta independentemente por Wallace e Darwin. Alfred Russel Wallace (1823-1913), em 18 de junho de 1858, publica seu artigo *Sobre a tendência das variedades a se afastarem indefinidamente do tipo de origem*, no qual associa a evolução ao mecanismo seletivo.

De forma simplificada, a teoria da seleção natural baseia-se em três características frequentemente observadas na grande maioria das espécies: a variação, em que indivíduos de uma mesma espécie podem diferir em muitas características (morfológicas, fisiológicas, do comportamento, etc.); a hereditariedade, sendo os pais agentes que podem passar suas características individuais para a sua prole; e a reprodução diferencial, mostrando que, devido às suas características especiais herdadas, alguns indivíduos deixam mais descendentes do que outros.

A seleção natural é entendida, portanto, como fator derivativo da evolução, é a capacidade variável dos seres vivos deixarem descendentes que sobrevivam até a idade adulta e que se reproduzam. Essa capacidade reflete sua viabilidade e sua fertilidade. A natureza realiza uma “escolha”, “selecionando”, através da viabilidade e da fertilidade. Os indivíduos que deixarem mais descendentes serão considerados mais aptos, ou seja, com maior valor adaptativo⁶⁵. A seleção natural é a principal causa das mudanças adaptativas e da diversidade, mas é comum pensarmos que a evolução implica mudança dos organismos para seu aperfeiçoamento, apesar de Darwin nunca ter se referido às modificações das espécies dessa forma. Entretanto, há uma influência negativa dos dogmas filosóficos da época e um deles, o finalismo, pode explicar a tendência de implicação da ideia de progresso na modificação das espécies, pois, para essa corrente não darwinista do século XIX e início do século XX, o mundo dos seres vivos tende a se mover em direção a uma “perfeição cada vez maior”, pensamento que remonta ao menos à época de Aristóteles (causa final). Somado a isso, segundo Pinheiro, por muitos anos, a teoria da seleção natural foi ignorada por estudiosos do comportamento e somente no século XX, quando o trabalho dos etologistas nos anos sessenta e setenta passou a ser mais conhecido e a etologia passou a ser incluída como uma disciplina formal dos currículos de biologia e história natural de várias universidades do mundo, inclusive no Brasil, que ocorreram enfim algumas tentativas de incorporar o pensamento evolutivo ao estudo do comportamento.⁶⁶

⁶⁵ A seleção natural *não tem* a capacidade de expurgar das populações às mutações desvantajosas que sejam recessivas, elas se escondem nos heterozigotos e a cada geração reaparecem na forma de homozigotos. O genótipo Aa é dotado de maior valor adaptativo, enquanto AA ou aa contribuem para baixar o valor adaptativo médio da população. A adaptação muito estreita poderá ser prejudicial à população se não tiver variabilidade disponível para novas readaptações.

⁶⁶ Cf. Carlos Eduardo Guimarães PINHEIRO, *A abordagem evolutiva no estudo do comportamento animal e humano*. In: Samuel SIMON (org.), *Um século de conhecimento: Arte, Filosofia, Ciência e Tecnologia no século XX*, p. 631-59.

Há no discurso de Becker uma referência da aplicação do que chamamos de teoria darwiniana, pois ele resiste a filosofias evolutivas que apresentam a ideia de atingirmos o ápice de uma perfeição, quando, na realidade, pensando-se evolutivamente dentro dos moldes darwinianos, não há a perfeição, mas sim características selecionadas ao longo do tempo devido ao próprio ambiente onde se encontram inseridas as espécies, o que confere rigor ao ponto de vista evolutivo de Becker, ao tratar da evolução dos seres vivos, especialmente o homem e seu comportamento, ou seja, ele introduziu não só Darwin ao seu pensamento, mas também a ciência que despontava em seu tempo, a etologia. Ressaltar a importância do darwinismo em sua teoria, dentre outras coisas, acaba por mostrar outra face humana que está presente na nossa capacidade criadora: a parte simbólica que nos integra e o seu desenvolvimento. Tal desenvolvimento depende justamente do enfrentamento do processo de extinção.

Ao percorrermos o processo evolutivo da nossa espécie surgem transições de características, dentre elas aquela localizada no papel ocupado nas relações ecológicas entre as espécies, ou seja, mais especificamente, a passagem de presa para predador, que colocará em evidência a nossa capacidade simbólica e suas direções. Segundo Daniel Liechty:

Assim, podemos supor que os rumores de uma presa do animal, bem como o fascínio exagerado dos humanos com o poder e as armas, que facilitaram esta recente transição da presa ao predador, continuam muito presentes no coletivo do inconsciente da nossa espécie. Deixando a admiração incontestável e o maravilhamento diante da beleza da natureza de lado, Becker insistiu que é um verdadeiro terror nas estruturas mais básicas do mundo, o terror que é ecoado nos mais profundos recônditos do nosso ser.⁶⁷

Tornando-nos predadores, estamos na direção do aparecimento da consciência⁶⁸ e, com ela, vem nossa finitude inevitável, pois carregaremos o peso que nenhum outro

⁶⁷ Daniel LIECHTY, *The Ernest Becker reader*, p. 15.

⁶⁸ “Consciência é o atributo psicológico que nos torna distintamente humanos e torna a cultura possível e necessária. Nietzsche (1887), Jaynes (1976) e Humphrey (1984) cada um independentemente levanta a hipótese de que a consciência evoluiu nos seres humanos a fim de facilitar a efetiva interação social em grupos organizados em hierarquias de dominância – presumivelmente porque uma pessoa que sabia que ela ou ele achou que poderia estar em uma posição melhor para prever o comportamento dos outros, o que, por sua vez, confere vantagens adaptativas para os detentores de tal consciência. A consciência é, portanto, social (**con-sciente = saber com**) e aprendeu lingüística (portanto, exclusivamente humana), construção fundamentalmente pela qual os indivíduos se concebem como os personagens principais em uma narrativa contínua (Bruner, 1986; 1990) arranjados em uma imagem tridimensional mente espaço espacializado (por exemplo. "Estou ansioso para vê-lo novamente em breve." "Vou ficar de olho em

animal na natureza suportará; deparar-nos-emos com o pavor da insignificância, a extinção: esse é o processo de enfrentamento do paradoxo da condição do homem.

Sheldon Solomon⁶⁹, em seu artigo *Human Awareness of Mortality and the Evolution of Culture*, discorre sobre a consciência e seu desenvolvimento de forma evolutiva nos chamando atenção para:

Mas, como Rank argumentou, a consciência é tanto um processo social quanto histórico, com o aumento da autoconsciência ao longo do tempo, culminando no que Freud, Geza Roheim, Suzane Langer, Ernest Becker (1973) e outros afirmaram que é o evento mais significativo na história evolutiva da humanidade: a consciência explícita da morte como um evento natural e inevitável, uma consciência que ameaçou minar a consciência, intelectual e emocionalmente, como uma forma viável de organização mental.⁷⁰

Assim como inúmeras características nos constituem, a consciência também. Aliás, enquanto espécie, somos diferenciados dos demais animais devido à presença e ao funcionamento da consciência. Everaldo Cescon⁷¹, em seu artigo *O método interdisciplinar de investigação da consciência consciente de si*, trata o tema como ponto fundamental de toda busca humana e filosófica, pois está relacionado ao si ou identidade.⁷² Para ele, na perspectiva evolutiva temos razões fundamentadas para

você.”) Sheldon SOLOMON, *Human Awareness of Mortality and the Evolution of Culture*. In: *Running Head: Mortality and Culture*, p. 8.

⁶⁹ Sheldon Solomon, Ph.D., é professor de Psicologia e de Courtney no Skidmore College, em New York. Ele fornece uma visão abrangente, acessível e incrivelmente bem humorada, das ideias de Ernest Becker. O trio de psicólogos sociais experimentais, Solomon, Jeff Greenberg e Thomas Pyszczynski, desenvolveu a Terror Management Theory (TMT), em 1980, para explorar como a ameaça de morte, consciente e inconsciente, motiva a negação e o comportamento humano. Usando métodos científicos modernos das Ciências Sociais, estão testando e comprovando as teorias de Becker, assumindo que sejam testáveis. A obra de 2003, *In the Wake of 9/11: The Psychology of Terror*, utiliza a TMT para analisar as raízes do terrorismo. Cf. Fundação Ernest Becker, <http://www.ernestbecker.org>

⁷⁰ Sheldon SOLOMON, *Human Awareness of Mortality and the Evolution of Culture*. In: *Running Head: Mortality and Culture*, p. 10.

⁷¹ Filósofo e teólogo, o professor Everaldo Cescon, da Universidade de Caxias do Sul, é líder do Grupo de Pesquisa RedEthos - Religião, Educação e Ética. Seus interesses de pesquisas concentram-se na área de Filosofia da Religião, Fenomenologia e Filosofia da Mente, abordando, principalmente, os seguintes temas: o problema de Deus, o problema mente/corpo e o problema metodológico da inteligência consciente.

⁷² Trata-se de uma problemática que envolve pelo menos três ordens de questões: a ontológica da natureza e da identidade da mente; a metodológica; a epistemológica, e uma série de temas internos tais como os conceitos mentais e as outras consciências. Apesar dos inúmeros avanços científicos, ainda não resolvemos o problema fundamental: que relação existe entre a consciência e a realidade que a circunda? Faz-se um breve excuro histórico da investigação acerca da mente demonstrando os avanços alcançados e percalços enfrentados, avaliando, assim, as possíveis abordagens metodológicas a se adotar na construção de uma “ciência da mente”. Defende-se a tese de que é a partir de uma concepção interdisciplinar que deveríamos examinar a consciência

acreditar que o cérebro do homem seja o sistema mais complexo conhecido do universo, sendo o resultado da transformação constante da matéria vivente no planeta Terra, além de termos razões, também, para defender que a mente consciente de si tenha estreitas ligações com o cérebro e o restante do corpo. No entanto, alerta-nos que há, evidentemente, diferenças qualitativas entre a autoconsciência de um homem e a de um chimpanzé, pois o homem possui cultura muito mais complexa, fato que demonstra serem os estados mentais da autoconsciência possuidores de gradações, cada uma das quais é o fruto de um processo seletivo histórico.

Em outras palavras, Sheldon Solomon nos descreve como um mamífero histórico que pode ficar de fora e olhar para a própria história, o que nos permite influenciar o nosso desenvolvimento como pessoa, ou, ainda, influenciarmos a marcha da história em nosso país e da sociedade como um todo e, desta forma, aprender com o passado e planejar o futuro.

A consciência permite que os seres humanos contemplem o que ainda não existe e transformem os produtos da sua imaginação em realidade física. De uma perspectiva evolucionista, então, a consciência ter evoluído como evoluímos em seres humanos, mostra por que foi altamente adaptativa. Solomon afirma que só os seres humanos são realmente criativos; todas as outras criaturas devem simplesmente adaptar-se ao universo físico, enquanto, como diz Rank, os seres humanos também se adaptarão, porém somente o farão de acordo com seus próprios desejos, tornando o irreal real.⁷³

Em seu livro *A negação da morte*, Becker mostra que o homem cria símbolos culturais, que não envelhecem e nem decaem, para aliviar seu terror ao fim último e para ter a esperança de uma duração indefinida. A cultura oferece ao homem um “alter-organismo” mais durável e poderoso do que o que a natureza fez. A partir daqui Ernest Becker se distancia do darwinismo e caminha em direção à transcendência, apoiando-se em Otto Rank e Soren Kierkegaard. Assim, ele afirma que a morte é “driblada” por meio da cultura de uma maneira mais complexa e simbólica quando o homem encontra um significado para a sua vida e assegura a expansão de tal significado diante das limitações reais de seu corpo. Ficam claros, então, dois panoramas para transcendência da morte: o primeiro é diário, o apetite, e o segundo para uma vida toda, o significado.

evitando a onda de reducionismos e salvaguardando o caráter subjetivo da experiência. Cf. Everaldo CESCÓN, O método interdisciplinar de investigação da consciência consciente de si, *Ciências e Cognição*, 14(1), 2009, p. 14-25.

⁷³

Sheldon SOLOMON, *Human Awareness of Mortality and the Evolution of Culture*.

CAPÍTULO III

O MAL COMO CONDIÇÃO HUMANA:

A dinâmica fundamental do mal humano na antropologia filosófica beckeriana

Ir às trevas com uma luz significa conhecer a luz.
Para conhecer as trevas, caminhe na escuridão.
Caminhe sem ver, e descubra que também
as trevas florescem e cantam, e são trilhadas
por escuros pés e por escuras asas.

Wendell Berry

As raízes do mal: a imagem heroica de si mesmo e a necessidade inevitável de negação da finitude.

Quando Loren Eiseley⁷⁴ se impressiona pelo fato de sermos “todos fósseis potenciais, trazendo ainda em nosso corpo as cruzeiras de existências anteriores, as marcas de um mundo no qual criaturas vivas fluem com uma consistência pouco maior que a das nuvens de uma época a outra”⁷⁵ conseguimos enxergar o animal homem, ou ainda quando, afirma Jean-Yves Leloup⁷⁶ :

“O ser humano é aquele que habita o reino das polaridades. Do embate inevitável e árduo dos opostos, surge o atrito criativo que pode despertar para o processo de integração. Como na parábola do filho pródigo, todos estamos em algum ponto da travessia do dilúvio das contradições, dos conflitos e das provações da existência”⁷⁷

⁷⁴ Loren Corey Eiseley (03 de Setembro de 1907 – 09 de Julho de 1977) era antropólogo, escritor da ciência, ecólogo e poeta. Atuante nos anos de 1950, 1960 e 1970. Discorria sobre ideias científicas complexas, como evolução humana, ao público geral, além de ser conhecido também por seus escritos sobre o relacionamento da humanidade com o mundo natural.

⁷⁵ No livro *A imensa jornada*, pág. 13.

⁷⁶ Jean-Yves Leloup, escritor, conferencista, dominicano e depois padre ortodoxo, através de seu trabalho oferece um aprofundamento dos textos sagrados, assim como uma abordagem e reflexão sobre a espiritualidade no cotidiano. Ensina em diferentes universidades e institutos de pesquisa antropologia fundamental.

⁷⁷ No livro *Além da luz e da sombra: sobre o viver, o morrer e o ser*, pág. 13.

Vemos o homem aqui também, mas numa dimensão ligada à sua identidade simbólica no mundo. Sejam as duas visões do homem somadas, estamos de novo em contato com a criatura paradoxal proposta por Becker, cuja percepção de si mesmo o leva a consciência da própria morte; ainda afirma Leloupe, tem toda sua dignidade e grandeza como ser humano consistindo em refletir sobre o sentido da vida, sendo este sentido encontrado na morte. Ou seja, a busca pelo significado é um problema central para a vida humana, leva-nos diretamente ao heroísmo, enquanto, ao mesmo tempo, a principal atividade central humana é a negação da própria morte, já afirmou Becker anteriormente, inúmeras vezes.

Daniel Liechty ao teorizar sobre um dos paradoxos propostos por Becker, o paradoxo dos sistemas de herói, afirma:

“Aqui, podemos voltar a tirar uma conclusão já conhecida: para cada invenção genial do homem em evolução, para cada ordenação simplificada de seu mundo, e sobretudo para a expressão de sua humanidade original, há um paradoxo trágico.”⁷⁸

Para Becker, só quando deixarmos o peso desse paradoxo penetrar em nossas mentes e sentimentos poderemos perceber como é insuportável e inviável um animal viver nesta situação. Acredita terem razão aqueles que acham que a compreensão plena de nossa condição nos levaria à loucura. O verdadeiro foco do pavor não é a ambiguidade em si: o terror final da autoconsciência é o conhecimento da própria morte, a angústia da morte, a mais intensa angústia do homem. Assim, através dessa dinâmica paradoxal vivida diariamente pelo homem, revelar-se-ão em dois processos, na imagem heroica de si mesmo e na necessidade inevitável de negação da finitude, as raízes da maldade humana, pouco a pouco, como veremos no desenvolvimento adiante.

A imagem heroica de si mesmo

Ordenando a ideia das raízes do mal em duas partes como a imagem heroica de si mesmo e a necessidade inevitável de negação da finitude, iniciaremos pelo fato de termos a necessidade de conseguirmos uma imagem heroica de nós mesmos. Becker, em seu livro *La lucha contra El mal*, introduzirá o mundo primitivo primeiro como um

⁷⁸

The Ernest Becker Reader, pág. 173

ritual em sua técnica prática, enfatizando a lógica do sacrifício; e mais adiante, num segundo momento, o mundo primitivo em relação à economia para a expansão e o poder humanos. Em outras palavras, Becker se refere ao homem primitivo como um sujeito que criava ou tinha uma contribuição ao criar uma generosidade natural. A partir disso, teremos de considerar o que ele faz com essa generosidade e como aplica seu conceito de ordem natural das coisas na vida cotidiana, também a realizando como um ritual.

Na primeira parte do seu raciocínio sobre o mundo primitivo como técnica prática, conclui ter tentado mostrar que a sociedade primitiva estava organizada para certo tipo de produção da vida, uma técnica ritual de manufatura das coisas do mundo que usava a dimensão do invisível e isso era feito para que ele pudesse, através da sua inteligência, encher seu estômago, para dominar a natureza em benefício de seu organismo. Porém, o alimento só constitui uma parte de sua busca, pois viu que acima da necessidade física deveria conquistar, ou melhor, conceber maneiras de conquistar a imortalidade. Afirma Becker, portanto:

“Assim a simples busca do alimento se transformou em uma busca da elevação espiritual, da bondade e da pureza. Todos os elevados ideais espirituais do homem eram continuação da busca original da força e da energia.”⁷⁹

“Tento dizer que se o homem moderno parece louco por sua obsessão de dominar a natureza mediante a tecnologia, o homem primitivo não sentia menos obsessão por sua técnica mística de sacrifício. (...) O principal valor era se isso produzia mais vida à comunidade e se o ritual o exigia. O homem sempre tem sacrificado a vida para ter mais vida.”⁸⁰

Em seu raciocínio sobre mundo primitivo em relação à economia para a expansão e o poder humanos, aponta para Norman O. Brown como um grande contribuidor dentro da antropologia por sua análise da economia primitiva. O que torna seus estudos produtivos em suas análises dos motivos econômicos é o fato de ter combinado obras essenciais da antropologia clássica e da psicanálise. Becker ainda afirma que “o peso do argumento de Brown consiste em mostrar que a atividade econômica em si, desde o início até os dias de hoje, é sagrada até a medula”, pois além de outras coisas o homem primitivo produzia um excedente econômico com a finalidade de ter algo para presentear os deuses, assim os deuses controlavam toda a economia da natureza. O

⁷⁹ *La lucha contra El mal*, pág. 48

⁸⁰ *Ibid.*, págs. 50, 51.

homem necessitava dar precisamente para manter-se imerso na cosmologia da dívida e da expansão.

A questão explorada por Becker em relação ao mundo primitivo, a economia para o poder humano, é colocada, para os dias de hoje, na forma de um sentimento de despesas, de gastos, ou seja, desejamos manter em movimento nossos bens com a mesma dedicação obsessiva, manter nosso carro, eletrodomésticos, propriedades, dinheiro. Enfim, é um reflexo, segundo Becker, de um sentimento de confiança e de segurança em que os poderes mágicos da livre empresa seguirão funcionando para que nós possamos continuar consumindo e movimentando bens. Assim:

“Como o homem primitivo, o homem moderno acredita que só poderá prosperar se mostra que já tem poder. Desde já, por sua unidimensionalidade, esta é uma caricatura das festas primitivas, nas quais se faziam muitos presentes, como é a maior parte da ideologia moderna do poder.”⁸¹

Tal afirmação não mostra a base no mundo invisível e nem o fato de honrar os deuses com relação ao homem moderno, e para Hocart⁸², a origem do comércio reside no fato de um grupo fazer oferendas aos deuses de seus familiares e vice-versa. Assim a troca de mercadorias começa a estar presente entre culturas e passa mais para frente a ser uma competição. Segundo Becker, o homem ao desempenhar tais atividades:

“Em poucas palavras, outorgava o heroísmo cósmico, a diferença de oferecer o máximo poder natural em benefício de todos. Ele era um herói não só para os deuses, mas também para os homens. Conquistava a honra social, ‘o direito de alardear’. Ele era um homem ‘poderoso’.”⁸³

É mostrado por Becker, nesse ponto, o fato do homem conseguir ser heroico e a sua capacidade de expandir no mundo, mas nos é advertido que isso gera uma sensação de grandeza e poder dos mesmos deuses a que serve. O perigo está no fato de o homem não conseguir suportar as proporções dessa grandeza, por isso deve renunciar a esse perigoso poder.

⁸¹ *La lucha contra El mal*, pág. 61

⁸² Antropólogo inglês, nascido em 1883 e falecido em 1939. Arthur Maurice Hocart interessou-se particularmente pela evolução das instituições sociais, considerando que as semelhanças que manifestam entre si revelam, sobretudo, convergências estruturais, em vez de uma origem comum. Para Hocart, as formas de organização política são o resultado de uma longa maturação das instituições religiosas, sublinhando a função social do ritual na prevenção e na repressão das transgressões sociais.

⁸³ *Ibid.*, pág. 61

A necessidade inevitável de negação da finitude

No livro *La lucha contra El mal*, Ernest Becker tenta mostrar a necessidade inevitável e natural do homem de negar a morte e conseguir uma imagem heroica de si mesmo, sendo esse o retrato das raízes da maldade humana. Mas percebeu que sua tentativa de uma síntese da ciência do homem era por demais abstrata, pois não bastava unir seus livros pelo “princípio de conservação e autoestima” humanas, assim necessitava de mais corpo, um conteúdo energético universal na forma de motivos inflexíveis e específicos. Essa percepção vem através da obra de Rank, em sua insistência da dinâmica fundamental do medo da vida e da morte na necessidade do homem de transcender este medo com um heroísmo baseado na cultura, como já foi visto no capítulo anterior.

A vida e a morte não estão separadas. Leloupe acredita que “quer sejamos cristãos ou budistas, quer sejamos ateus ou crentes, somos primordialmente seres humanos que devem enfrentar a dor e certo número de medos, principalmente este medo do desconhecido que, para alguns, a morte representa.”⁸⁴ Leloupe nos conduzirá para o que chama de “pressuposto antropológico”, ou seja, a imagem que temos do homem, e a partir dela passamos a considerar o outro como normal ou não, como sadio ou não; assim, nos diz ainda que é a partir de nossa imagem do homem que consideraremos a morte como algo trágico, difícil de ultrapassar ou não. Pode ser também uma oportunidade de despertar e se libertar. Por essas razões somos levados a nos interrogar sobre o nosso ponto de vista. Qual é a nossa relação com a dor, com o sofrimento, com a morte dos outros e a nossa própria morte? Seja qual for a resposta, Leloupe com sua experiência vasta a partir da observação dos diferentes medos conclui que “deveríamos considerar o ser humano em sua inteireza, não somente sua dor física, seu medo psíquico, mas também as questões intelectuais que ele se coloca sobre o sentido do que lhe acontece.”⁸⁵ Assim chegamos nas grandes questões: Por que somos mortais? Por que devemos envelhecer? Há uma degeneração e lenta degradação do corpo, dos órgãos, da memória e do pensamento e um terror que acompanha essa realidade. Leloupe nos dirá que “para aliviar a dor temos necessidade de medicamentos. Para apaziguar nosso coração temos a necessidade de compreensão psicológica. Para iluminar nossa

⁸⁴ No livro *Além da luz e da sombra: sobre o viver, o morrer e o ser*, pág. 14

⁸⁵ *Ibid.*, pág. 15

inteligência temos necessidade de sentido.”⁸⁶ E sobre suas abordagens da morte e do morrer chega a uma visão muito trágica, segundo suas palavras, quando se refere ao modo de encarar a morte de alguns existencialistas. Por exemplo, diz que certos existencialistas afirmam que a morte é o que tira o sentido de tudo o que fazemos, enquanto “para Kierkegaard ou Heidegger, a morte é o que dá profundidade à vida humana, que permite saborear cada instante em sua fragilidade e beleza.”⁸⁷

Como vimos anteriormente, Becker baseia seu trabalho em Kierkegaard por acreditar que ele oferece uma imagem do homem como um ser paradoxal e a melhor análise empírica já feita, pois o ser humano é entendido quando há a fusão da perspectiva psiquiátrica e da religião; ao separá-las, ele ficaria ininteligível. Para Soren Kierkegaard, a análise existencial da condição humana leva diretamente aos problemas de Deus e da fé, somos uma síntese inacabada, pois nossa condição está em não realizarmos a infinitude.

Becker acredita ser o medo da morte e a sua negação fatos fundamentais de toda movimentação humana universal para a nossa condição. Uma característica fincada nas nossas bases orgânicas e mostrando sua ponta, assim como um *iceberg*, na face metapsíquica. Muitos cientistas, ao enxergarem essa teoria, passaram a estudá-la e aplicá-la para entendermos a nossa espécie e sua condição. Um exemplo disso é a teoria da gestão terror⁸⁸, inspirada na obra de Ernest Becker (1971, 1973, 1975), desenvolvida para fornecer uma explicação funcional do papel da cultura e autoconservação em relação ao homem. Segundo Landau⁸⁹, “desde o início temos visto a TMT como enraizada nos princípios da teoria de Darwin da evolução pela seleção natural (1859), e acreditamos que as duas perspectivas são eminentemente compatíveis e fornecem informações complementares sobre as origens e o funcionamento da humanidade contemporânea.”⁹⁰

⁸⁶ *Ibid.*, pág. 15

⁸⁷ *Ibid.*, pág. 18

⁸⁸ TMT; ver Greenberg, Pyszczynski, e Solomon, 1986; Solomon, Greenberg e Pyszczynski, 1991

⁸⁹ Mark J. Landau é professor do Departamento de Psicologia em Kansas, atualmente trabalha em duas linhas de investigação nos domínios da psicologia social e cognitiva. Uma foca os mecanismos cognitivos através dos quais as pessoas fazem sentido significativo de si e do seu mundo social. A segunda linha de investigação centra-se sobre as raízes psicológicas da motivação humana. Inspirado em perspectivas na psicologia existencial, ele investiga o papel da profunda preocupação existencial (por exemplo, com mortalidade), os esforços das pessoas para construir e manter concepções significativas do mundo social e suas próprias vidas, e do impacto das motivações existenciais sobre as atitudes sociais e realização.

⁹⁰ Evolutionary Psychology - (www.epjournal.net) – 2007. 5(3): 476-519. Artigo: *On the Compatibility of Terror Management Theory and Perspectives on Human Evolution*. Landau et al. Pág. 476

De acordo com Becker Ernest, a TMT começa com a idéia de Darwin de que os seres humanos, assim como todos os seres vivos de outras espécies, são biologicamente predispostos em muitos aspectos para a continuidade vida, mas mais do que outras espécies, os seres humanos se adaptam ao seu ambiente e prosperam em grande parte por força de suas habilidades cognitivas, incluindo a capacidade para o pensamento abstrato, o simbólico, o temporal alargado, e a autorreflexão. Essas capacidades conferem uma vantagem significativa para os seres humanos em termos de comportamentos flexíveis e inovadores que se ajustam ao seu ambiente físico e social.

Landau afirma que essa sofisticação cognitiva, no entanto, teve algumas consequências problemáticas, pois após pensadores existencialistas e na tradição psicanalítica como Brown, Freud, Kierkegaard, Rank e Zilboorg, Becker observou que a compreensão simbólica do mundo nos seres humanos e seu autoconhecimento permitiram-lhes reconhecer que, mesmo na ausência de um perigo imediato, a vida fatalmente acaba, e que a morte pode ocorrer a qualquer momento, por razões que muitas vezes não podem ser previstas ou controladas. Esta consciência da inevitabilidade da nossa própria morte, em conflito com o desejo de continuação da vida, gera um potencial sempre presente e a experiência de ansiedade severa.

Mesmo quando repetimos as nossas narrativas culturais de conquista e conforto, não podemos confundir essas narrativas com a realidade empírica em si. Pois reafirma Landau o que Becker nos mostrou sobre a engenharia simbólica da cultura vista com Rank:

“Nós empregamos uma matriz de ficções culturalmente construídas necessárias para nos ajudar na repressão da nossa ansiedade real da morte e da vulnerabilidade, dando-nos aos indivíduos, assim como à sociedade, um senso de propósito e movimento adiante. No entanto, porque tais narrativas são vinculadas ao conflito entre culturas, isso terá consequências reais, incluindo a violência aberta entre as pessoas, nós devemos manter em nossos horizontes mentais a natureza narrativa de nossas verdades transcendentais.”⁹¹

Como consequência, nossos projetos heroicos, que visam destruir o mal, têm o efeito paradoxal de trazer mais mal ao mundo. Assim, a luta contra o mal gera o mal no mundo. Devido ao fato de permanecer inconsciente e reprimido, os seres humanos

⁹¹ Evolutionary Psychology - (www.epjournal.net) – 2007. 5(3): 476-519. Artigo: *On the Compatibility of Terror Management Theory and Perspectives on Human Evolution*. Landau et al. Pág. 478

ignoram a presença do terror da morte. Landau segue dizendo sermos “capazes de concentrar-nos em quase qualquer ameaça percebida, seja de pessoas, ideologia política ou econômica, raça, religião, e psicologicamente explodir para uma luta de vida ou morte contra o mal absoluto”.

Landau chama atenção para a preocupante consequência, pois ao explodirmos para a luta, perdemos muito as faculdades que nos permitem estabelecer limites sobre a violência que estamos dispostos a empregar contra esta ameaça. Essa dinâmica da espiral de violência, mais do que qualquer outra coisa, continua a ser o lado inferior da interação social humana em todos os níveis, a partir das interações pessoais, as interações do grupo, às interações entre as nações. Resumidamente, Daniel Liechty chega ao mesmo ponto:

“No entanto, porque tais narrativas são vinculadas ao conflito entre culturas, e isso terá consequências reais, incluindo a violência aberta entre as pessoas, nós devemos manter em nossos horizontes mentais a natureza narrativa de nossas verdades transcendentais.”⁹²

A teoria de Becker de motivação do comportamento humano não é facilmente otimista: se a luta humana final é, em última análise, a luta inconsciente contra a mortalidade e, portanto, condenada a repetir as suas derrotas, é difícil de imaginar como as espirais de violência podem algum dia ser eliminadas de nosso comportamento. Por outro lado, se nós temos a habilidade de reconhecer a verdadeira natureza da nossa luta contra o mal, isso pode nos ajudar a desmistificar as reais ameaças colocadas como “impérios do mal” e outros inimigos, produzindo pelo menos alguns indicadores de racionalidade para o controle e limites na nossa violência. Liechty conclui que:

“Depois de Darwin, todas as concepções científicas tiveram que ser naturalistas. E foi exatamente isso que representaram, um enorme problema conceitual para a ciência do homem. Uma antropocência, por definição, teve de revelar a fonte do mal no mundo, e prever diretrizes para superá-las.”⁹³

O ato heroico é o reflexo do terror da morte; ele afronta a finitude e serve de exemplo. Precisamos de pessoas que afirmem nossa temporalidade. Assim temos

⁹² The Ernest Becker Reader, pág. 15

⁹³ *Ibid.*, pág. 131

através do herói uma afirmação da própria existência por meio da significação e sentido das coisas. O homem foi fruto do narcisismo orgânico, um animal que se destaca no reino animal, pois carrega símbolos de imortalidade e afronta a morte, o que mostra a angústia e o medo da morte. Assim, o homem quer prosperar e permanecer, e de algum modo alcançar a imortalidade, pois a mortalidade, como vimos, está ligada ao lado natural, ou seja, ao lado animal de nossa existência; por isso tentamos negar por completo esse lado. Becker nos previne para não tirarmos o ser humano da sua condição, um animal simbólico fincado nesta experiência dentro da evolução. Ele evoluiu e ainda é animal. O terror da finitude começa na nossa fisiologia, é animal, todos os seres têm, mas em nós ganha estatuto simbólico.

O homem, ao se debater com a transcendência, uma experiência de crise, e mistério sobre o conhecimento, encontra-se diretamente com três fatos, o fato de haver um mistério, um poder, a finitude e é dentro disso que se debate. Quando não prestarmos atenção nas coisas que tornam a nossa vida insuportável é devido à pressão da consciência assustada, criada e finita, ou seja, a nossa criaturalidade. Assim para nós existe algo maior ao qual estamos rendidos, não podemos fazer nada, pois esse algo tem tudo em seu controle. É claro, portanto, que o ser humano tem estruturas que dominam sua própria razão e gradativamente, seu espírito vai percebendo a estrutura em que está envolvido e ao final das contas, às vezes, jogar luz em algumas estruturas do humano é equivalente a soltar escorpiões no mundo.

O que Becker quer dizer sobre a habilidade de reconhecer a verdadeira natureza da nossa luta contra o mal, em outras palavras, está ligado à presença da consciência plena da falta de sentido no mundo, pois isso humaniza o ser humano. Em nós nasce e morre o significado e isso gera a ansiedade de morte, uma experiência ontológica esmagadora.

A Cultura e o simbólico: as faces do inimigo, em busca do significado

O papel da cultura na teoria de Becker é fundamental para entendermos o funcionamento da estrutura do mal como característica intrínseca humana. Para isso, precisamos retomar alguns fatos propostos anteriormente. O ser humano nega a própria mortalidade, assim produz uma cultura capaz de gerar a violência, o impulso de

destruição e as desigualdades humanas. A negação simbólica da mortalidade é uma criação da imaginação humana e desencadeia uma realidade cultural fantasiosa. Assim, ao mesmo tempo em que a cultura dá suporte ao homem frente a sua angústia e ansiedade, o fato desse paradoxo do conceito de mal estar enraizado na origem da cultura levaria, invariavelmente, a humanidade a um estado constante de iminente aniquilação. No livro *La lucha contra El mal*, Becker afirma:

“Toda cultura é criada e o pensamento lhe dá um significado, um significado que provem da natureza física. A cultura neste sentido é ‘sobrenatural’, e todas as sistematizações da cultura finalmente têm a mesma meta: elevar os homens acima da natureza, assegurando-lhes que de algum modo suas vidas são importantes no universo, mais do que as coisas físicas.”⁹⁴

O problema captado neste ponto em relação ao foro interno da negação simbólica da morte é, justamente, o fato de ela ser uma invenção da imaginação dos organismos e que o homem, tratando de evitar o mal, passa a garantir sua prosperidade eterna, mas na realidade está vivendo uma fantasia. Becker afirma ser consequência disso o seguinte desdobramento:

“(...) a transcendência de si mesmo mediante a cultura não oferece ao homem uma solução sincera e total do problema da morte; o terror da morte ainda vibra abaixo da repressão cultural (como afirmei num livro anterior)⁹⁵. Os homens levaram o temor da morte a um nível mais alto da perpetuação cultural.”

A cultura é um meio pelo qual a humanidade gera valores, significados e os direciona: as sociedades estão todas baseadas nisso. Becker já afirmou anteriormente ser a cultura uma religião por ter o poder de assegurar a perpetuação de seus membros. Os símbolos originam toda a comunicação humana e as realidades são criadas, assim mais especificamente devido ao desejo do desaparecimento do terror da mortalidade através da elaboração e participação em “sistemas de heroísmo” que garantem o acesso à “imortalidade” simbólica; os símbolos da imortalidade passam a operar, garantindo a vida eterna para certa classe e cria como consequência uma nova instabilidade e angústia. Becker descreverá uma progressão em termos de discussão das possibilidades

⁹⁴ *La lucha contra El mal*, pág. 22

⁹⁵ *A negação da morte*.

de heroísmo baseado no significado de fé em Kierkegaard, sendo ao mesmo tempo o significado da fusão de psicologia e religião⁹⁶, dizendo:

“O homem irrompe dos limites do heroísmo meramente cultural; destrói a mentira de caráter que o fazia agir como um herói (...) e ao fazê-lo, abre-se para a infinitude, para a possibilidade do heroísmo cósmico (...). Sua vida adquire, assim, o valor máximo (...). Ele liga seu interior secreto, seu talento autêntico, seus mais profundos sentimentos de originalidade, seu anseio íntimo por um significado absoluto ao próprio terreno da criação. Das ruínas do eu cultural rompido resta o mistério do eu particular, invisível, interior, que ansiava pelo significado máximo, pelo heroísmo cósmico.”⁹⁷

Quando o indivíduo é desfeito, ele é violentamente levado ao que é verdadeiro dentro si - ele mesmo sem máscaras -, pois há a libertação das ilusões construídas por ele ao longo de uma vida, assim é direcionado para uma fronteira difícil de atravessar, já que pode cair no nada absoluto, não havendo mais nenhum significado para o mundo. Com a consciência que surge, mesmo sabendo que está dando o seu próprio significado após ter sido desfeito, por uma questão de sobrevivência é preciso buscá-lo e reconstruir. A religião tradicional institucionalizada não conseguirá mais oferecer a sustentação para este homem manter-se em pé.

Ernest Becker define a cultura como um sistema simbólico que oferece um sistema de ação heroica na qual os indivíduos podem realizar suas ambições;⁹⁸ desta forma, o ego ganha a autoestima vital, uma proteção contra a ansiedade. Ainda acrescenta ser a cultura uma estrutura que fornece as regras, os costumes, as metas de conduta à disposição do indivíduo. Uma função fundamental da cultura é fazer com que a autoestima seja possível. A sua missão é proporcionar ao indivíduo a convicção de que ele é um objeto de valor primário em um mundo de ação significativa. Mas Becker nos dirá que a cultura não pode fornecer aos seus membros um sentimento de valor primário em um mundo de significados, a menos que forneça uma prescrição para uma ação significativa por parte de todos. *Status* e papéis servem mais para tornar o comportamento previsível. Dois séculos de trabalho antropológico descobriram que

⁹⁶ *Ibid.*, pág. 13 - A discussão não será aprofundada, pois está fora do escopo do trabalho; apenas explico a influência sofrida por Becker quando ele afirma: “Uma das principais coisas que tento fazer neste livro é apresentar um resumo da psicologia depois de Freud, voltando a relacionar toda a evolução da psicologia ao ainda eminente Kierkegaard. Defendo, pois uma fusão da psicologia com a perspectiva mítico-religiosa.”

⁹⁷ *A negação da morte*, pág. 120

⁹⁸ *Birth and Death of meaning*, pág. 78

existem várias formas e padrões de ação dos indivíduos, e em cada padrão possuem um senso de valor primário em um mundo com sentido. No entanto, uma das principais razões de as culturas poderem ser tão prejudiciais umas às outras é que, apesar de suas muitas variedades, todas elas questionam e respondem as mesmas perguntas básicas: há apenas um punhado desses pontos vitais ou "problemas humanos comuns". Becker alerta que um dos aspectos do princípio da relatividade das culturas é que existem hierarquias muito diversas do que se pode chamar de poder e heroísmo.

Para Becker, o sentimento individual da inferioridade da criatura é o que o homem mais quer negar. Há uma grande importância nesta questão, pois é feita por Becker uma aproximação deste complexo funcionamento psíquico através de Carl Gustav Jung⁹⁹ por ele possuir uma forma particular, científica e poética quando se refere à “sombra”, afirma Becker. Para discorrer sobre o aspecto sombra proposto por Jung faremos uma leitura inicial da busca do significado através da psicologia junguiana que descreve a angústia existencial, apontando para o local geográfico da dinâmica da maldade humana e o conseqüente desenvolvimento de sua articulação no contexto beckeriano, pois a sombra e o mal inerentes ao homem moldam-no, tornando-o capaz de carregar seu próprio cadáver, sendo esta uma característica adaptativa evolutivamente.

James Hollis¹⁰⁰ em sua obra *Os pantanais da alma – Nova vida em lugares sombrios* faz uma introdução sobre a busca do significado e inicia por uma descrição do homem, o único animal que ri e chora, por ser o único atingido pela diferença entre o que as coisas são e o que elas deveriam ser. Coloca-nos frente ao hiato entre a esperança e a experiência interminável ao questionarmos se é possível encontrar o entendimento, um dogma em que acreditar, pois tudo é contraditório, tangencial; não existem certezas, nem verdades? E afirma em seguida:

⁹⁹ Carl Gustav Jung, (26 de julho de 1875 - 06 de junho de 1961). Médico com especialidade em psiquiatria, elaborou os fundamentos de suas ideias sobre a alma humana. Antes de decidir pelos estudos médicos, tinha uma atração pela arqueologia. Num certo sentido, ele não deixou inativa, no seu trabalho de médico, de professor e de pesquisador, sua vocação arqueológica. Desenvolveu uma arqueologia do funcionamento mental. Outra característica importante do pensamento de Jung é a combinação entre causalidade e teleologia, ou seja, o comportamento do homem é condicionado tanto pela sua história individual e racial (causalidade), o passado; quanto pelas suas aspirações ou alvos (teleologia), o futuro. As ideias de Jung abriram uma nova dimensão para compreender as diversas expressões da mente humana na cultura.

¹⁰⁰ James Hollis, Ph. D, analista junguiano no Instituto Jung de Zurique, como escritor se dedica à publicação das obras completas de Jung, além de ser autor das obras: *Os Pantanais da alma - Nova vida em lugares sombrios, A passagem do meio, Sob a forma de Saturno e Rastreado os deuses.*

“Sofrer estoicamente, reagir heroicamente ou lamentar nessa condição parece ser uma escolha onerosa, porém inevitável. Mas a psicologia junguiana, e a prática disciplinada do desenvolvimento pessoal que ela promove, oferece uma outra perspectiva baseada na suposição de que a meta da vida não é a felicidade, e sim o significado.”¹⁰¹

Assim como Becker, a psicologia junguiana se aproxima mais da vida como uma jornada árdua e cheia de espinhos pelo caminho; acredita serem os momentos felizes efêmeros e estes não podem ser criados voluntariamente e perpetuados pela esperança. Hollis afirma que “são os pantanais da alma, as savanas do sofrimento, que fornecem contexto para a estimulação e a obtenção do significado” ¹⁰². É na jornada que os momentos significativos chegarão, nos pantanais da alma pulsa a nossa natureza levando-nos para frente, assim a alma pode tomar forma, como também fará surgir o seu propósito, a sua dignidade e seu mais profundo significado. Hollis afirmará que:

“Com efeito, depois da fantasia da imortalidade, a fantasia mais difícil de abandonar é a ideia de que existe alguém lá fora que vai dar um jeito em nós, tomar conta de nós, nos preservar da intimidante jornada que fomos chamados a fazer. Não é de causar surpresa que fuçamos dessa jornada, e projetemos em gurus, sem nunca estarmos realmente à vontade com nós mesmos.”¹⁰³

“Evitar os sombrios estados da alma torna-se uma forma de sofrimento, porque nunca podemos relaxar, nunca podemos abandonar o frenético desejo de sermos felizes e despreocupados, nunca podemos repousar tranquilos. Em vez disso, somos inevitavelmente puxados para baixo, frequentemente e dolorosamente.” ¹⁰⁴

Hollis definirá a psique ou alma como uma palavra para o processo misterioso através do qual vivenciamos o movimento em direção ao significado e mais uma vez, vemos a afirmação recorrente, feita por ele e inúmeros autores de diversas áreas, de sermos a única espécie que se sente levada à procura de significado, um impulso frequentemente doloroso, mas autônomo e inevitável, evidenciando nossa fragilidade e imperfeição. Assim nos aproximamos mais do aspecto sombra junguiano. Nise da

¹⁰¹ Os Pantanais da alma - Nova vida em lugares sombrios, pág. 9

¹⁰² Os Pantanais da alma - Nova vida em lugares sombrios, pág. 9

¹⁰³ *Ibid.*, pág. 14

¹⁰⁴ *Ibid.*, pág. 14

Silveira¹⁰⁵ descreverá a sombra “como um lado escuro onde moram todas as coisas que nos desagradam em nós, ou mesmo que nos assustam”;¹⁰⁶ ela faz parte da personalidade total, mas as coisas que não aceitamos em nós, que nos repugnam, têm um efeito de projeção sobre o outro, por isso reprimimos esse lado escuro que carregamos inerente a nós, ele é difícil, insuportável de ser encarado cruamente em sua face e é um ato de coragem olhar para esse “desconhecido”. Nise nos adverte que lançar luz sobre os recantos escuros tem como resultado um alargamento da consciência, já que a sombra, quanto mais reprimida for, mais espessa e negra se torna. Assim a sombra:

“(…) é uma espessa massa de componentes diversos, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos imaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente maléficas, negrimes assustadores. Mas também na sombra poderão ser discernidos traços positivos: qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs de energia suficiente para levá-las adiante, quando isso exigisse ultrapassar convenções vulgares.”
107

Ao fazer tal aproximação com a sombra de Jung, Becker conclui que o sentimento de inferioridade e animalidade se projeta num bode expiatório que em seguida é eliminado simbolicamente junto com aquele sentimento e finaliza dizendo que Jung afirma ser o homem a principal e única coisa que anda mal no mundo. Na obra *La lucha contra El mal*, Becker diz que a lógica de termos um bode expiatório baseia-se no narcisismo animal e no terror escondido; ainda acrescenta que Freud tinha razão, pois com o narcisismo dos corpos terrenos em que nos encontramos encerrados fatalmente devido à sua própria finitude, todos estamos alienados e sujeitos a acharmos um bode expiatório para salvar a própria vida. Assim, queremos um mundo que se adapte aos nossos desejos, tratamos de forçar o universo para ele tornar o mundo adaptável às nossas necessidades. A mentira cultural, portanto, reforça a mentira do projeto edípico da causa sui.¹⁰⁸ Vemo-nos impotentes, Becker conclui, o homem é um animal que

¹⁰⁵ Através do conjunto de seu trabalho, Nise da Silveira (15 de fevereiro de 1905 – 30 de outubro de 1999) introduziu e divulgou no Brasil a psicologia junguiana. Foi uma renomada médica psiquiatra brasileira, aluna de Carl Gustav Jung.

¹⁰⁶ Livro: *Jung: vida e obra*, Rio de Janeiro: Paz e Terra Ed. 1978, pág. 91

¹⁰⁷ Jung: vida e obra, pág. 92

¹⁰⁸ Para evitar me repetir, pois essa questão já foi tratada no capítulo 2, a explicação da mentira do projeto edípico da causa sui se encontra no livro *A negação da morte*, pág. 59, onde Becker se refere ao fato de a criança ter o problema básico de se tornar um objeto passivo do destino, um apêndice dos outros ou ser um centro ativo dentro de si própria controlando seu destino, e conclui na sua citação exposta por Brown: “O projeto edípico não é, como insinuam as primeiras

precisa da mentira para poder existir e a impotência pode se desenvolver se o sistema cultural de negação perder suas virtudes. Becker afirmará que “a definição de cultura, depois de tudo, é que continua o projeto *causa sui* de transcender a morte, e por isso advertirmos para a fatalidade e o natural da escravidão humana”, pois devido aos nossos medos acabamos ajudando para que a permanência dos Estados, Deuses, Tribos nos dominem. Esta abordagem de Becker é relativa à questão da natureza do mal social. Mas, para completar o mecanismo que opera no homem dentro da presente análise do mal social, passaremos para o modo pelo qual vencemos o terror da vida e da morte. É nos apresentado por Becker como uma herança de Freud para a ciência social; é a questão da transferência, pois ao estender suas descobertas a um marco teórico e usá-la como um mecanismo universal, Freud direcionou seus interesses à psicologia das lideranças e escreveu no preâmbulo de sua obra, *Psicologia de grupo e a análise do ego*, que “a psicanálise focalizou sua atenção no indivíduo tomado isoladamente, mas que ela também leva em conta suas relações com o meio. Por isso, considera que a psicologia individual é também uma psicologia social, mas esta última tende às vezes a esquecer o indivíduo.”¹⁰⁹ Mas o que é destacado por Becker em tal obra é o fato de, em menos de cem páginas, Freud explicar por que os homens têm a necessidade de um chefe, o grupo sempre se parece com um rebanho dócil que tem sede de obediência e submissão. Como abandonam o ego ao líder, identificando-se com seus poderes, assim como fizeram quando crianças dependentes e submetidas aos pais.

Para Becker, a transferência é entendida da forma como Freud a denominou, isto é, são os sentimentos que o paciente teve por seus pais e os transfere a uma nova figura poderosa em sua vida, o médico, por exemplo. Hoje em dia, afirma Becker, a transferência é um reflexo da fatalidade da condição humana. Transferir o medo a uma figura poderosa serve para superarmos o esmagamento do universo.

O mal para Becker, em seus termos, é estruturante e insuportável, uma neurose sofrida, com consequências psíquicas e sociais como verificamos até agora, mas na confluência entre seu darwinismo, sua psicanálise e filosofia da religião, revela uma adaptação clara, pois a mentira de caráter foi selecionada, quem chegou a ela

formulações de Freud, um amor natural pela mãe, mas, como reconhecem seus trabalhos posteriores, um produto de conflito por meio da pomposidade narcísica. A essência do complexo edipiano é o projeto de se tornar Deus – na fórmula de Spinoza, *causa sui*. (...) Como prova disso, ele exhibe claramente o narcisismo infantil pervertido pela fuga à morte.”

¹⁰⁹ Retirado do livro de Jean-Michel Quinodoz - *Ler Freud, guia de leitura da obra de S. Freud*, Porto Alegre: Artmed, 2007, pág. 216

sobreviveu. Adiante veremos a natureza do mal adaptativo, o que ele é e seu funcionamento.

Mentira de caráter e a Repressão: a autoilusão ordenadora da natureza do mal adaptativo em nós

O mal para Becker é a mentira de caráter, mas especificamente o desgaste causado por ela, no sentido psicanalítico de o mal-estar na civilização de Freud, devido à violência causada por ela, ou seja, a mentira na vida e a nossa autoilusão, já tratadas no capítulo 2. Quando falamos de caráter aqui, o tomamos como o caráter da criança e seu estilo de vida, pois compõem sua maneira de usar o poder dos outros, o apoio das coisas, ideias de sua cultura e de banir de sua consciência a realidade de sua impotência natural tanto diante da morte como de ficar sozinha, firmemente enraizada em seus próprios poderes, segundo Becker. Assim, todos nós somos levados a construir mentiras para viver de forma segura e tranquila, ignorando quais energias realmente consumimos para essa atividade. Chegamos ao ponto das defesas que formam o caráter de uma pessoa e que:

“(...) sustentam uma grande ilusão, e quando percebemos isso podemos compreender aquilo que impulsiona o homem. Ele se deixa levar para longe de si mesmo, do autoconhecimento e da autorreflexão. Deixa-se atrair por coisas que sustentam a mentira de seu caráter e sua serenidade automática.”¹¹⁰

“Estabelecemos relações simbióticas a fim de obtermos a segurança de que precisamos, o alívio de nossas angústias, nossa solidão e nosso desamparo. Mas essas relações também nos prendem e nos escravizam ainda mais porque sustentam a mentira que criamos. Então, lutamos contra elas para sermos mais livres. A ironia está em que travamos essa luta dentro de nossa própria armadura e com isso aumentamos a nossa impulsão e a ineficiência de nossa luta pela liberdade.”¹¹¹

Becker nos conduz através da conclusão de ser fatídico e irônico o fato da mentira de que precisamos para viver nos condenar a uma vida que nunca realmente é nossa. Assim, concluirá que nossa couraça do caráter era tão vital que deixá-la cair significava

¹¹⁰ A negação da morte, pág.80

¹¹¹ *Ibid.*, pág. 81

correr o risco da morte ou da loucura; portanto, se o caráter é uma defesa neurótica contra o desespero e é abandonado, surge a enxurrada total do desespero, a plena percepção da verdadeira condição humana, aquilo de que os homens realmente têm medo e contra o que lutam, para onde são empurrados e nunca levados, afirma Becker. Freud resumiu isso, segundo Becker, quando declarou que a psicanálise curava a infelicidade neurótica a fim de apresentar o paciente à comum infelicidade da vida. Neurose é outro termo para descrever uma técnica complicada de evitar sofrimento, mas realidade é sofrimento. Assim Becker mostra que os sábios antigos têm insistido que é preciso morrer para renascer para se ver a realidade.

“Desse esboço dos complexos anéis de defesa que compõem o nosso caráter e nosso escudo neurótico contra o pavor da verdade, podemos ter alguma ideia do difícil e doloroso processo de tudo ou nada que é o renascimento psicológico. E quando ele termina psicologicamente, está apenas começando humanamente: o pior não é a morte, mas o próprio renascimento – aí é que está a dificuldade. Para o homem o que significa “nascer outra vez”? Significa estar sujeito, pela primeira vez, ao aterrorizante paradoxo da condição humana, já que se tem que nascer não como um deus, mas como um homem (...). Só que, dessa vez, sem o escudo neurótico que esconde pela ambiguidade da vida do indivíduo.”¹¹²

O mal começa a ser descrito por Becker psicanaliticamente como vimos até aqui, a partir da descrição do caráter que nos constitui, suas defesas e todos os mecanismos atrelados a este complexo sistema que desenvolvemos para nossa sobrevivência. Assim, encontramos-nos somados entre a defesa de caráter, ou seja, as respostas para as coisas que nos agridem e a repressão entendida como a autoproteção normal, uma autorrestrrição criativa – numa aceção verdadeira, o substituto natural do instinto, para o homem. A grande dádiva da repressão é a de possibilitar ao homem viver num mundo esmagadoramente incompreensível e miraculoso, segundo Becker. O mal psicanalítico beckeriano é a tentativa de mantermos nossa mentira de caráter, a nossa verdade perante o mundo, o outro a qualquer custo, pois temos medo de que a nossa construção seja ilusória e desmorone frente os outros; mas quando Becker percebe a expansão desse movimento nos vê assentados em não querermos aceitar que somos mortais e animais frágeis, não queremos ver nossa própria condição. A Teoria do Ego para Becker passa a

¹¹² Becker se refere à concepção sobre a estrutura neurótica como um edifício compacto formado por quatro camadas proposta por Frederick Perls. Olhar *A negação da morte*, pág. 82

ser muito útil aqui, já que estamos confinados em nossos reinados, nossas verdades e transformamos isso em grandes causas. Becker atentamente transporta a ideia da Teoria do Ego, do plano individual, para uma escala maior, a sociedade.

Ao iniciar a jornada da descrição do mal, como dito anteriormente, pela formação do caráter humano, pois é um estudo da autolimitação humana e dos assombrosos custos dessa limitação, Becker nos está mostrando que essa característica humana é constituinte de todos nós, mas funciona mal, já que tem um custo alto para espécie, apesar de ser adaptativa. Segundo Becker, o homem não é uma criação muito satisfatória, pois carregamos uma tragédia antológica, uma tensão constante e absoluta do dualismo que o compõe. A sua individualização significa ter de se opor ao resto da natureza; assim cria o insuportável peso do isolamento, assim cria a diferença que se torna um fardo, acentua a pequenez do indivíduo e ao mesmo tempo sua vontade de sobressair. Becker chamará isso de “culpa natural”. Quando a pessoa sente isso, o faz como “demérito” ou “maldade” e com um surdo descontentamento íntimo. Por fim, o homem está cheio de medo e impotência.

Passa a ser preocupação para Becker o fato de como o homem vai querer se livrar dessa culpa natural, a maldade. É uma questão de alcançar tamanho, importância, durabilidade: como ser maior e melhor do que realmente se é. Toda a base da ânsia da bondade está em ser valoroso e duradouro. Becker apontará para a moralidade, pois acredita que nós a usamos para tentar seguir um lugar de integração e perpetuação especial no universo, de duas maneiras. Primeiro, superando a maldade, ou seja, a pequenez, a falta de importância, finitude, seguindo as regras feitas pelos representantes do poder, os objetos de transferência. O fundamental da transferência, segundo Becker, daquilo que poderíamos melhor chamar de “o exagero da transferência”, é a prática de um heroísmo seguro, já que nele vemos o dualismo ontológico de motivos chegar até o problema da transferência e do heroísmo.

Sobre a transferência, Becker trará um ponto-chave ao seu pensamento: diz-nos que é fundamentalmente um problema de coragem, como Adler pode ver com clareza muito antes de Freud. E de forma conclusiva com Rank e Brown, devemos atribuir a motivação das paixões humanas mais à ânsia da imortalidade do que ao componente sexual. O que essa decisiva mudança de ênfase, segundo Becker, significa para a nossa compreensão da transferência? Ele nos dirá que uma visão fascinante e abrangente da condição humana.

Os psicanalistas, segundo Becker, sempre compreenderam a transferência como um fenômeno regressivo, acrítico, ansioso, uma questão de controle automático do nosso mundo. Mas conclui que ela não é uma questão de covardia fora do comum, e sim de problemas básicos da vida do ser humano, problemas de poder e controle: a força para se opor à realidade e mantê-la ordenada para a expansão e a realização humanas, e vai mais longe dizendo que é uma forma de fetichismo, uma forma de poder limitado que ancora os nossos problemas.

“Pegamos nossa desvalia, nossa culpa, nossos conflitos, e os fixamos num ponto do ambiente. Nós podemos criar qualquer lugar para projetar no mundo nossas inquietações, até mesmo em nossos braços e pernas. O que conta são as nossas inquietações; e se olharmos para os problemas básicos de escravização humana, o que vemos são sempre as inquietações.”¹¹³

Para Becker, a teoria psicanalítica da transferência como uma projeção irreal é destruída, pois a projeção é necessária e desejável para a autorrealização, caso contrário o homem fica esmagado pela sua solidão e seu isolamento, e anulado justamente pelo fardo de sua própria vida. Ele enfatiza o fato de Rank observar a projeção como alívio necessário do indivíduo, já que o homem não pode encerrar-se em si mesmo e para si mesmo. Deve projetar para fora o significado e a razão de sua vida, e até mesmo a culpa por ela. Enfim, Becker finaliza dizendo ser “a transferência uma função natural do heroísmo, uma projeção necessária a fim de que se possa suportar a vida, a morte e o próprio indivíduo.”¹¹⁴

A articulação da maldade, portanto, segundo Becker está presente no que chamará de projeto *causa sui*. Para Becker, é considerado como o mal, pois ele empresta da teologia da queda este termo, e assim como Adão nega sua insuficiência, nós caímos no projeto *causa sui* para negar nossa insuficiência. Logo, o mal foi selecionado em termos darwinistas: a redenção mostrada por Becker seria o enfrentamento dessa mentira, assim como a teologia também afirma em seu terreno.

¹¹³ A negação da morte, pág. 179.

¹¹⁴ *Ibid.*, pág. 195.

Considerações Finais

A presente dissertação apresentou como objetivo mostrar o conceito de mal enraizado na origem da cultura, a partir do estudo da condição humana do ponto de vista de Ernest Becker. Para tanto, percorremos o desenvolvimento de suas ideias nos capítulos propostos até chegarmos na problemática do mal. Não era meu intuito, como já esclarecido anteriormente, finalizar tal questão ou percorrer a extensa bibliografia que aborda o tema da maldade humana como condição, mas sim indagar alguns fatos que seguem:

O medo de morrer sendo inato, abarcando todos os assuntos humanos, realmente nos impulsiona a tentar transcendê-lo mediante sistemas e símbolos heroicos culturalmente constituídos?

Outro fato, como a cultura também pode salvar o homem da sua angústia e ansiedade, esse paradoxo do conceito do mal que encontra-se enraizado na origem da cultura levaria, invariavelmente, a humanidade a um estado constante de iminente aniquilação?

E por fim, em sua obra complementar *A luta contra o mal*, o fato de negarmos a própria mortalidade leva-nos à produção de uma cultura capaz de gerar violência, impulso de destruição e desigualdade humanas? Ele é adaptativo em termos evolutivos?

Sendo assim, no capítulo um vimos suas intenções e as principais preocupações em torno das obras propostas. Das intenções, ressaltamos a que retrata seu esforço em fazer uma ciência do homem que unisse as variadas ciências humanas e as religiões, no intuito de superar o modelo de ciências humanas que orbita, em demasia, ao redor do iluminismo e da definição do homem, somente na perspectiva político-social. Apesar desta afirmação, Becker mostrava-se muito influenciado pelo ideal iluminista, havendo muito em comum entre seu pensamento e o freudiano neste ponto, pois segundo Joel Birman, “Freud acreditava que existiria uma espécie de progresso do espírito humano, como afirmava a filosofia do Iluminismo na crença desta no poder da ciência para empreender a reforma do entendimento humano e da sociedade.”¹¹⁵ A fé de Freud era

¹¹⁵ JOEL BIRMAN atua principalmente nos seguintes temas: psicanálise, história e filosofia das ciências e da saúde, feminilidade e sujeito. Citado em seu artigo: O Mal-Estar na Modernidade e a

baseada na possibilidade da produção da “felicidade humana” pela mediação do logos científico. Portanto, a cura das perturbações do espírito e do desamparo humano seria possível via psicanálise, uma das realizações maiores da razão científica, conclui Birman.

Apesar disso, a expectativa de Becker de entendermos tal homem e nos aproximarmos de melhorias para o mesmo, aperfeiçoando-o, acaba sendo uma frustração antes de sua morte, ficando a dúvida desta possibilidade. Ele reconheceu, no entanto, que a solução para a luta humana não se encontrava em uma abordagem restrita às ciências sociais e exigiu a participação do componente espiritual e teológico, assim preferindo deixar que seus leitores decidissem tal questão, dizendo em sua obra *La lucha contra el mal*: “Este é verdadeiramente o grande ganho do pensamento pós-freudiano: nos oferece uma união da ciência e da tragédia num nível complexo, no qual a ciência não desaparece do panorama.”¹¹⁶ Mas, lamenta com esperança o fato de “Não podemos saber que ganhos obteremos do pensamento freudiano quando este finalmente seja assimilado em seu significado trágico e verdadeiro. Quem sabe introduzirá uma pequena quantidade de razão na balança da destruição.”¹¹⁷

No capítulo dois é apresentada a filosofia antropológica de Becker descrevendo o que ele considera como problema central da vida humana, o medo da morte e seus desdobramentos, ou seja,

Nos deparamos com a atividade heroica que nos é apresentada em dois níveis, no nível diário, o apetite e o para vida inteira, o significado. O herói, portanto é aquele que consegue conceber valor primário, de significado cósmico, de utilidade final para a criação de sentido inabalável, apesar da cultura do heroísmo gerar o que Becker chama de mal. A problemática do heroísmo na sociedade contemporânea nos conduzirá a grande reação do homem frente a morte revelando toda sua construção fantasiosa a respeito de si mesmo e as armas para essa realização são dadas pela cultura. O dilema existencial do homem caracteriza-o e o destaca dos outros animais, apontando para a instalação do terror em suas bases psicológicas, pois tem consciência da sua condição e precisa de defesas contra tal realidade. Ao partir da afirmação de sermos animais com características evolutivas, adentramos no âmbito do darwinismo, que influenciou

Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social -, *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento):203-224, 2005 2, pág. 213

¹¹⁶ *La lucha contra el mal*, pág.274

¹¹⁷ *Ibid.*, pág. 275

grandemente Freud¹¹⁸, portanto caminho natural para Becker também, lembrando quando ele afirma ser essencial levarmos em consideração a teoria darwiniana para entendimento da nossa condição na obra *A Negação da Morte*.

No último capítulo, a condição de maldade é abordada, a partir da proposição universal da condição humana. Segundo Becker, a ideia do temor à morte perseguir o animal humano como nenhuma outra coisa o faz, é um dos maiores incentivos da atividade humana. Porém tal temor é uma expressão do instinto de conservação, assim Becker ressalta o heroico, toda sua atividade, como um problema chegando à tragédia ontológica. Desenvolve-se o conceito de mal em sua obra, como esse mal se dá em vida, segundo alguns aspectos, nos transportando do indivíduo para o coletivo e suas consequências. A esfera de tal narrativa é o darwinismo, pois mostra a espécie com tal característica e a apresenta como fonte de sobrevivência, uma característica adaptativa. Assim como Becker faz no nível sociológico e psicanalítico, a passagem do plano individual para o coletivo com relação à geração de conhecimento verdadeiro para o entendimento do mal, Darwin o faz dentro de sua teoria propondo a árvore filogenética para toda forma de vida existente no planeta. Ao fazer isso, está analisando o grupo de uma determinada espécie, ou seja, sua população e nunca o indivíduo solitariamente. Esta é uma imensa contribuição feita por ele quando escreve a origem das espécies, pois muda a forma de pensamento até então, propõem uma análise de dentro da área da biologia, que conhecemos como ecologia.

A suposição preliminar a ser demonstrada, do mal ser intrínseco à condição humana, portanto, revela que de fato o homem supera a morte inventando a cultura, mas o problema está no fato da atividade de transcendência, mediante sistemas e símbolos heroicos culturalmente constituídos produzir uma cultura capaz de gerar a violência, impulso de destruição e as desigualdades humanas. Becker considera nossa característica de negação seguida de heroísmo, metapsíquica, um encaixe frágil em nossa psique, ou seja, existe, mas seu funcionamento é ruim, embora adaptativo¹¹⁹. A

¹¹⁸ Freud passou a receber influência das teorias de Darwin durante seu período no *Gymnasium*, de Viena, entre 1865 e 1873. Ele observou influências antigas em sua vida que considerou pertinentes ao desenvolvimento da psicanálise. Aos setenta e um anos, da perspectiva de uma longa vida dedicada à psicanálise, arrolou “o estudo da evolução” como essencial para “um programa de formação de analistas”. Fonte: livro *A Influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Pág. 14-15.

¹¹⁹ “A biologia, na época em que estava sendo revolucionada pela obra de Darwin, era originalmente o campo de interesse e da ambição científica de Freud; depois que a abandonou, continuou a basear seu trabalho, até mesmo admitindo que “para o campo psíquico, o campo

base de discussão para tal conclusão ainda é o darwinismo, mas Becker se afasta dele ao aproximar-se da transcendência, pois tal aproximação é feita através, especificamente, dos autores Otto Rank e Kierkegaard. A partir de ambos, a transcendência será suficiente quando estiver fincada em construções simbólicas que não contenham nada de humano, já que o humano é provido de falhas. A fé possui um papel importante e nos aproxima da religião, nos orientando para longe do humano e nos aproximando a algo divino, não importando o que seja, pois assim, não há desilusão.

Assim concluímos que o desgaste causado pela atividade de mentirmos o tempo todo negando a mortalidade gera um desamparo desolador devido a violência que causa, assim nos levando invariavelmente para a auto-ilusão. Logo, o mal foi selecionado em termos darwinianos, a redenção mostrada por Becker seria o enfrentamento desta mentira¹²⁰, assim como a teologia também afirma em seu espaço.

Terminamos o trabalho compartilhando com Leonardo Boff suas palavras, quando diz que o ser humano não tem só fome de pão, que é saciável, mas tem também fome de beleza, transcendência, infinito e essa fome não pode ser saciada por nada que já existe, pois transcende todas dimensões, então o ser humano só realizará sua identidade profunda ao equilibrar-se e buscar realizar as duas fomes, uma saciável e se dá no espaço-tempo, a outra que é insaciável se dá no espaço da transcendência, da comunhão com o infinito, para a abertura do que as religiões chamam de Deus.¹²¹

biológico de fato desempenha o papel de alicerce”(1937). Darwin simbolizava o campo biológico (...) Dos cinco pontos de vista metapsicológicos essenciais à psicanálise, o genético (ou darwiniano) sempre esteve presente nos textos de Freud, embora, nunca explicitamente. Também devedor de Darwin é o ponto de vista adaptativo; as belas adaptações da Natureza, enquanto obra do Criador, foram transformadas pela teoria de Darwin em produtos de uma cruel e implacável luta pela existência, em que os menos funcionais eram excluídos. O conflito também é básico no pensamento psicanalítico de Freud, como foi em toda biologia pós-darwiniana. (...) Não era apenas a seleção natural que se incluía na luta darwiniana, mas também a seleção sexual. Tal dualidade na teoria de Darwin se reflete na psicologia pela teoria freudiana da dualidade do instinto, com os impulsos instintuais agressivos e libidinais.” Fonte: A Influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências. Pág. 14

¹²⁰ Becker a chama de *mentira de caráter* e diz que a formação do caráter humano é um estudo da autolimitação do homem e dos assombrosos custos dessa limitação. Trecho retirado do livro: *A Negação da Morte*, pág. 76.

¹²¹ Leonardo Boff, transcrição feita de sua entrevista para o documentário *Eu Maior que que* traz uma reflexão contemporânea sobre autoconhecimento e busca da felicidade, por meio de entrevistas com expoentes de diferentes áreas, incluindo líderes espirituais, intelectuais, artistas e esportistas. Um filme sobre questões essenciais e universais, numa época de grandes transformações e desafios, que pedem níveis mais altos de discernimento e consciência individual. Disponível no endereço <http://www.eumaior.com.br/>

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____ *Tempos Líquidos*.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BECKER, Ernest. - *The Birth and Death of Meaning, an interdisciplinary perspective on the problem of man*; - NY: Fress Press, 1962.

_____ *A negação da morte*. Tradução de Otávio Alves Velho. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

_____ *La lucha contra el mal*. – México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

_____ *La Estructura del Mal*, un ensayo sobre La unificación de la ciencia del hombre. – México: Fondo de Cultura, 1980.

_____ *Beyond Alienation: A Philosophy of Education for the Crisis of Democracy* - George Braziller (1967)

BIRMAN, Joel - *O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social* -, *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento):203-224, 2005 2, pág. 213

CARVETH, D.L. - *The Melancholic Existentialism of Ernest Becker* da revista *Free Associations* Vol. 11, Part 3, No. 59 (2004): 422-29.

EISELEY, Loren Corey – *A Imensa Jornada* – São Paulo: Cultrix - 1957

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

_____ *Totem e Tabu*. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

_____ *O futuro de uma ilusão*. - São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LANDAU, Mark J. - *On the Compatibility of Terror Management Theory and Perspectives on Human Evolution*. - *Evolutionary Psychology* – 2007. 5(3): 476-519.

LELOUP, Jean-Yves - *Além da luz e da sombra: sobre o viver, o morrer e o ser* – Vozes - 2001

LIECHTY, Daniel. *The Ernest Becker Reader*. – Seattle: Ernest Becker Foundation & Washington University Press, 2005

_____ *Reaction to Mortality: An Interdisciplinary Organizing Principi for the Human Sciences* - Zygon: Journal of Religion and Science, 33, 1 (março de 1998): 48-50

_____ *A four-part sketch of Ernest Becker and his work*
Disponível no website da *The Ernest Becker Foundation* - www.ernestbecker.org

_____ *Abstracts of the Complete Writings of Ernest Becker (1924-1974)* Illinois State University, 2008

HOLLIS, James - *Os pantanais da alma – Nova vida em lugares sombrios – Paulus* - 1999

HUGHES, Glenn *The Denial of Death and the Practice of Dying* University of Missouri Press, 2003

MAYR, Ernest. *Isto é biologia: a ciência do mundo vivo*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____ - *The Growth of Biological Thought* - Harvard Univ. Press, 1982

_____ -

PINHEIRO, Carlos Eduardo Guimarães - *A abordagem evolutiva no estudo do comportamento animal e humano*

QUINODOZ, Jean-Michel - *Ler Freud, Guia de leitura da obra de S. Freud*, Porto Alegre: Artmed, 2007

RITVO, Lucille B. – *A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. – Rio de Janeiro: Imago - 1992

Roudinesco, Elisabeth – *Dicionário de Psicanálise* – Zahar - 2008

SCIMECCA, Joseph - *Cultural Hero Systems and Religious Beliefs: The Ideal-Real Social Science of Ernest Becker* - Review of Religions Research, v.21, n.1, 1979, p. 62-70

SILVEIRA, Nise da - *Jung: vida e obra*, Rio de Janeiro: Paz e Terra - 1978

SOLOMON, Sheldon; GREENBERG, Jeff; PYSZCZYNSKI, Thomas - *In the Wake of 9/11: The Psychology of Terror* – APA, 2003

STRACHMAN, Amy; SCHIMEL, Jeff -

VIEIRA, António Bracinha. *A evolução do darwinismo*. – Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

WEBB, Eugene - *Ernest Becker and the Psychology of World Views* *Journal of Religion and Science*, 33, 1 (Março de 1998): 71-86.

ZILBOORG, Gregory *Fear of death* *Psychoanalytic Quarterly*, 1943

ZIMERMAM, David E. *Fundamentos Psicanalíticos, teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática*, p. 156. Artmed, 1998

Anexo 1

Bibliografia de Ernest Becker:

Becker, Ernest, *Zen: A Rational Critique*. New York: W.W. Norton, 1961.

Becker, Ernest, *The Birth and Death of Meaning: A Perspective in Psychiatry and Anthropology*. New York, The Free Press, 1962.

Becker, Ernest. *The Revolution in Psychiatry: The New Understanding of Man*. New York, The Free Press, 1964.

Becker, Ernest, *Beyond Alienation: A Philosophy of Education for the Crisis of Democracy*. New York: George Brazillier, 1967.

Becker, Ernest, *The Structure of Evil: An Essay on the Unification of the Science of Man*. New York, George Brazillier, 1968.

Becker, Ernest, *Angel in Armor: A Post-Freudian Perspective on the Nature of Man*. New York: The Free Press, 1969.

Becker, Ernest, *The Lost Science of Man*. New York, George Brazillier, 1971.

Becker, Ernest, *The Birth and Death of Meaning: An Interdisciplinary Perspective on the Problem of Man*. New York, The Free Press, 1962, 1971.

Becker, Ernest, *The Denial of Death*. New York, The Free Press, 1997 printing recommended.

Becker, Ernest, *Escape From Evil*. New York, The Free Press, 1975.

Becker, Ernest, and Daniel Liechty, ed. *The Ernest Becker Reader*. Seattle, University of Washington Press, 2005.

Livros sobre Ernest Becker:

Evans, Ron, *The Creative Myth and the Cosmic Hero: Text and Context in Ernest Becker's The Denial of Death*. New York, Peter Lang, 1992.

Farrell, Kirby, *Play, Death, and Heroism in Shakespeare*. Chapel Hill, U. of N. Carolina Press, 1989.

Farrell, Kirby, *Post Traumatic Culture: Injury & Interpretation in the 90's*. Johns Hopkins Press, 1998.

Harvey, Van Austin, *Feyerbach and the Interpretation of Religion*. New York, Cambridge University Press, 1995.

Kagan, Michael Alan. *Educating Heroes: The Implications of Ernest Becker's Depth Psychology of Education for Philosophy of Education*.

Durango, CO: Hollowbrook Publishing, 1994.

Kenel, Sally A., *Mortal Gods: Ernest Becker and Fundamental Theology*. Lanham, MD:, University Press of America, 1988.

Liechty, Daniel, *Theology in Postliberal Perspective*. Philadelphia: TrinityPress International, 1990.

Liechty, Daniel, *Transference and Transcendence: Ernest Becker's Contribution to Psychotherapy*. New Jersey: Jason Aronson, 1995.

Martin, Stephen W, *Decomposing Modernity: Ernest Becker's Images of Humanity at the End of an Age*. Lanham MD, University Press of America, 1997.

Trabalhos por Otto Rank, editados, traduzidos e introduzidos pela EBF (Fundação Ernest Becker)¹²²:

Kramer, Robert, editor, *A Psychology of Difference: The American Lectures of Otto Rank*, Princeton University Press, 1996

Rank, Otto, *Psychology and the Soul: A Study of the Origin, Conceptual Evolution, and Nature of the Soul*, Translated by Gregory C. Richter & E. James Lieberman with an introduction by Dr. Lieberman, Johns Hopkins Univ. Press, 1998.

¹²² Estes materiais são incluídos devido à importância do trabalho de Otto Rank para o pensamento de Ernest Becker.

Artigos e ensaios selecionados:

Bates, Harvey, "Letters from Ernest." *Christian Century* 9, 217-227, March 1977.

Becker, Ernest, "The spectrum of loneliness." *Humanitas* 10: 237-246, 1974.

Becker, Ernest, "Toward the merger of animal and human studies." *Philosophy of the Social Sciences* 4: 235-254, 1974.

Keen, Sam, "A Conversation with Ernest Becker." *Psychology Today* 71-80, April 1974.

Anexo 2: Lista de Referências publicadas¹²³ sobre TMT (Terror Management Theory)¹²⁴:

Allen, M.W. & Wilson, M. (2005). Materialism and food security. *Appetite*, 45, 314-323.

Arndt, J., Allen, J.J.B, & Greenberg, J. (2001). Traces of terror: Subliminal death primes and facial electromyographic indices of affect. *Motivation and Emotion*, 25, 253-277.

Arndt, J., Cook, A., & Routledge, C. (2004). The blueprint of terror management: Understanding the cognitive architecture of psychological defense against the awareness of death. In J. Greenberg, S. L., Koole, and T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.35-53). New York: Guilford.

Arndt, J., Goldenberg, J., Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2000). Death can be hazardous to your health: Adaptive and ironic consequences of defenses against the terror of death. In J. Masling & P. Duberstein (Eds.), *Psychoanalytic perspectives on sickness and health*, Vol. 9, pp. 201-257. Washington D.C: American Psychological Association.

Arndt, J., & Greenberg, J. (1999). The effects of a self-esteem boost and mortality salience on responses to boost relevant and irrelevant worldview threats. *Personality and Social Psychological Bulletin*, 25, 1331-1341.

¹²³ Produzida por Jamie Arndt, Associate Professor, University of Missouri-Columbia.

¹²⁴ Teoria da gestão do terror (TMT) é uma teoria de dentro da psicologia que enfoca as reações emocionais que ocorrem mediante o confronto com o terror psicológico de saber que eventualmente morreremos. O Suporte empírico para TMT originou mais de 175 experiências publicadas que foram realizadas transculturalmente, tanto nacionalmente e internacionalmente (Solomon, 2004). A teoria foi desenvolvida no final dos anos 80 pelos professores de Psicologia Sheldon Solomon do Skidmore College, Jeff Greenberg da Universidade do Arizona e Tom Pyszczynski da Universidade do Colorado Springs, todos eram alunos de pós-graduação na Universidade do Kansas. Eles foram inspirados por teorias de Ernest Becker (Negação da morte, 1973), Otto Rank e Freud, sobre como potentes lembretes da própria morte muitas vezes provocam uma crença em alguma forma de transcendência mística (céu, reencarnação, etc.) A Teoria de gestão de terror tenta dar uma fundamentação para os catalisadores motivacionais do comportamento humano quando a vida está ameaçada, portanto baseia-se à partir do pressuposto de que a capacidade de refletir sobre si mesmo e a consciência da própria mortalidade podem ser consideradas como uma fonte contínua de angústia existencial. Este paradoxo sem solução é criado a partir do desejo de preservar a vida e a realização dessa impossibilidade, já que a vida é finita.

Arndt, J., Greenberg, J., & Cook, A. (2002). Mortality salience and the spreading activation of worldview-relevant constructs: Exploring the cognitive architecture of terror management. *Journal of Experimental Psychology: General*, *131*, 307-324.

Arndt, J., Greenberg, J., Schimel, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (2002). To belong or not to belong, that is the question: Terror management and identification with gender and ethnicity. *Journal of Personality and Social Psychology*, *83*, 26-43.

Arndt, J., Greenberg, Simon, L., Pyszczynski, & Solomon, S. (1998). Terror management and self-awareness: Evidence that mortality salience provokes avoidance of the self-focused state. *Personality and Social Psychological Bulletin*, *24*, 1216-1227.

Arndt, J., Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., & Simon, L. (1997). Suppression, accessibility of death-related thoughts, and cultural worldview defense: Exploring the psychodynamics of terror management. *Journal of Personality and Social Psychology*, *73*, 5-18.

Arndt, J., Greenberg, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (1997). Subliminal exposure to death-related stimuli increases defense of the cultural worldview. *Psychological Science*, *8*, 379-385.

Arndt, J., Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., & Schimel, J. (1999). Creativity and terror management: The effects of creative activity on guilt and social projection following mortality salience. *Journal of Personality and Social Psychology*, *77*, 19-32.

Arndt, J., Lieberman, J.D., Cook, A., & Solomon, S. (2005). Terror management in the courtroom: Exploring the effects of mortality salience on legal decision-making. *Psychology, Public Policy, and Law*, *11*, 407-438.

Arndt, J., Routledge, C., Cox, C.R., & Goldenberg, J.L. (2005). The worm at the core: A terror management perspective on the roots of psychological dysfunction. *Applied and Preventative Psychology*, *11*, 191-213.

Arndt, J., Routledge, C., & Goldenberg, J.L. (in press). Predicting proximal health responses to reminders of death: The influence of coping style and health optimism. *Psychology and Health*.

Arndt, J., Routledge, C., Greenberg, J., & Sheldon, K.M. (2005). Illuminating the dark side of creative expression: Assimilation needs and the consequences of creative

action following mortality salience. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 1327-1339.

Arndt, J., Schimel, J., & Cox, C.R. (in press). A matter of life and death: Terror management and the existential relevance of self-esteem. In C. Sedikides & S. Spencer (Eds.), *The self in social psychology*. New York: Psychology Press.

Arndt, J., Schimel, J., & Goldenberg, J.L. (2003). Death can be good for your health: Fitness intentions as a proximal and distal defense against mortality salience. *Journal of Applied Social Psychology*.

Arndt, J., & Solomon, S. (2003). The control of death and the death of control: The effects of mortality salience, neuroticism, and worldview threat on the desire for control. *Journal of Research in Personality*, 37, 1-22.

Arndt, J., Solomon, S., Kasser, T., & Sheldon, K.M. (2004). The urge to splurge: A terror management account of materialism and consumer behavior. *Journal of Consumer Psychology*, 14, 198-212.

Arndt, J., Solomon, S., Kasser, T., & Sheldon, K.M. (2004). The urge to splurge revisited: Further reflections on applying terror management theory to materialism and consumer behavior. *Journal of Consumer Psychology*, 14, 225-229.

Baldwin, M.W., & Wesley, R. (1996). Effects of existential anxiety and self-esteem on the perception of others. *Basic and Applied Social Psychology*, 10, 75-95.

Baron, R.M. (1997). On making terror management theory less motivational and more social. *Psychological Inquiry*, 8, 21-22.

Bossong, B. (1999). The allocation of resources, moral behavior and the confrontation of one's own mortality. *Gruppendynamik*, 30, 93-102.

Bossong, B., & Kamkar, P. (1999). Moral behavior, relatives, and salience of mortality as determinants in inheritance allocation. *Gruppendynamik*, 30, 427-443.

Burling, J.W. (1993). Death concerns and symbolic aspects of the self: The effects of mortality salience on status concern and religiosity. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 19, 100-105.

Buss, D.M. (1997). Human social motivation in evolutionary perspective: Grounding terror management theory. *Psychological Inquiry*, 8, 22-26.

Castano, E. (2004). In case of death, cling to the ingroup. *European Journal of Social Psychology*, *34*, 375-384.

Castano, E., & Dechesne, M. (in press). On Defeating Death: Group Reification and Social Identification as Strategies for Transcendence. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology*. Chichester, England: Wiley.

Castano, E., Yzerbyt, V., Paladino, M., & Sacchi, S. (2002). I belong, therefore, I exist: Ingroup identification, ingroup entitativity, and ingroup bias. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *28*, 135-143.

Castano, E., Yzerbyt, V., & M. Paladino, M. (2004). Transcending oneself through social identification. In J. Greenberg, S. L., Koole, and T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp. 305-321). New York: Guilford.

Cicirelli, V. G. (2002). Fear of death in older adults: Predictions from terror management theory. *Journals of Gerontology Series BP psychological Sciences and Social Sciences*, *57B*, 358-366.

Cohen, F., Ogilvie, D.M., Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2005). American roulette: The effect of reminders of death on support for George W. Bush in the 2004 presidential election. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, *5*, 177-187.

Cohen, F., Solomon, S., Maxfield, M., Pyszczynski, T., & Greenberg, J. (2004). Fatal attraction: The effects of mortality salience on evaluations of charismatic, task-oriented, and relationship-oriented leaders. *Psychological Science*, *15*, 846-851.

Cook, A., Arndt, J., & Lieberman, J. D. (2004). Backing of the Backfire Effect: The influence of mortality salience and justice nullification beliefs on reactions to inadmissible evidence. *Law and Human Behavior*, *28*, 389-410 .

Coolsen, M. K., & Nelson, L. J. (2002). Desiring and avoiding close romantic attachment in response to mortality salience. *Journal of Death and Dying*, *44*, 257-276.

Cozzarelli, C., & Karafa, J. A. (1998). Cultural estrangement and terror management theory. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *24*, 253-267.

Cox, C. R., Goldenberg, J. L., Pyszczynski, T., & Weise, D. (in press). Disgust, creatureliness, and the accessibility of death-related thoughts. *European Journal of Social Psychology*.

Cozzolino, P.J., Staples, A.D., Meyers, L.S., & Samboceti, J. (2004). Greed, death, and values: From terror management to transcendence management theory. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 278-292.

Crocker, J., & Nuer, N. (2004). Do People Need Self-Esteem? Comment on Pyszczynski et al. (2004). *Psychological Bulletin*, 130, 469-472.

Davis, C.G., & McKearney, J.M. (2003). How do People Grow from Their Experience with Trauma or Loss? *Journal of Social & Clinical Psychology*, 22, 477-492.

Dechesne, M., Greenberg, J., Arndt, J., & Schimel, J. (2000) Terror management and sports fan affiliation: The effects of mortality salience on fan identification and optimism. *European Journal of Social Psychology*, 30, 813-835.

Dechesne, M., Janssen, J., & van Knippenberg, A. (2000). Defense and distancing as terror management strategies: The moderating role of need for structure and permeability of group boundaries. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 923-932.

Dechesne, M., & Kruglanski, A. W. (2004). Terror's epistemic consequences: existential threats and the quest for certainty and closure. In Greenberg, S. Koole, & Pyszczynski (Eds.). *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.247-262). New York: Guilford Press.

Dechesne, M., Pyszczynski, T., Arndt, J., Ransom, S., Sheldon, K.M, van Knippenberg, & Janssen. (2003). Literal and symbolic immortality: The effect of evidence of literal immortality on selfesteem striving in response to mortality salience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 722-737.

DeLisi, L.E. (2004). Dr. DeLisi replies. *American Journal of Psychiatry*, 161, 1508-1509.

Dunkel, C. S. (2002). Terror management theory and identity: The effect of the 9/11 terrorist attacks on anxiety and identity change. *Identity*, 2, 281-301.

Ferraro, R., Shiv, B., & Bettman, J.R. (2005). Let Us Eat and Drink, for Tomorrow We Shall Die: Effects of Mortality Salience and Self- Esteem on Self- Regulation in Consumer Choice. *Journal of Consumer Research*, 32, 65-75.

Florian, V., & Mikulincer, M. (1997). Fear of death and the judgment of social transgressions: A multidimensional of terror management theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, *73*, 369-380.

Florian, V., & Mikulincer, M. (1998). Terror management in childhood: Does death conceptualization moderate the effects of mortality salience on acceptance of similar and different others. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *24*, 1104-1112.

Florian, V., & Mikulincer, M. (1998). Symbolic immortality and the management of the terror of death. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*, 725-734.

Florian, V., & Mikulincer, M. (2004). A multifaceted perspective on the existential meanings, manifestations, and consequences of the fear of personal death. In J. Greenberg, S. L. Koole, & T. Pyszczynski (eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.54-70). New York: Guilford.

Florian, V., Mikulincer, M., & Hirschberger, G. (2001). Validation of personal identity as a terror management mechanism – Evidence that sex-role identity moderates mortality salience effects. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *8*, 1011-1022.

Florian, V., Mikulincer, M., & Hirschberger, G. (2001). An existentialist view on mortality salience effects: Personal hardiness, deaththought accessibility, and cultural worldview defenses. *British Journal of Social Psychology*, *40*, 437-453.

Florian, V., Mikulincer, M., & Hirschberger, G. (2002). The anxietybuffering function of close relationships: Evidence that relationship commitment acts as a terror management mechanism. *Journal of Personality and Social Psychology*, *82*, 527-542.

Friedman, R.S., & Arndt, J. (2005). Reconsidering the connection between terror management theory and dissonance theory. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *31*, 1217-1225.

Fritsche, I., & Jonas, E. (2005). Gender conflict and worldview defence. *British Journal of Social Psychology*, *44*, 571-581.

Goldenberg, J. L. (2005). The body stripped down: An existential account of ambivalence toward the physical body. *Current Directions in Psychological Science*, *14*, 224-228.

Goldenberg, J.L., Arndt, J., Hart, J., & Brown, M. (2005). Dying to be thin: The effects of mortality salience and body-mass-index on restricted eating among women. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *31*, 1400-1412.

Goldenberg, J.L., Cox, C.R., Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (2002). Understanding human ambivalence about sex: The effects of stripping sex of meaning. *Journal of Sex Research*, *39*, 310-320.

Goldenberg, J. L., Landau, M., Pyszczynski, T., Cox, C., Greenberg, J., Solomon, S., & Dunnam, H. (2003). Gender-typical Responses to Sexual and Emotional Infidelity as a Function of Mortality Salience Induced Self-esteem Striving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *29*, 1585-1595.

Goldenberg, J.L., McCoy, S.K., Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (2000). The body as a source of self-esteem: The effects of mortality salience on identification with one's body, interest in sex, and appearance monitoring. *Journal of Personality and Social Psychology*, *79*, 118-130.

Goldenberg, J. L., Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (2000). Fleeing the body: A terror management perspective on the problem of human corporeality. *Personality and Social Psychology Review*, *4*, 200-218.

Goldenberg, J.L., Pyszczynski, T., Greenberg, J., Solomon, S., Kluck, B., & Cornwell, R. (2001). I am not an animal: Mortality salience, disgust, and the denial of human creatureliness. *Journal of Experimental Psychology: General*, *130*, 427-435.

Goldenberg, J. L., Pyszczynski, T., Johnson, K. D., Greenberg, J., & Solomon, S. (1999). The appeal of tragedy: The effects of mortality salience on emotional response. *Media Psychology*, *1*, 313- 329.

Goldenberg, J. L., Pyszczynski, T., McCoy, S. K., Greenberg, J., & Solomon, S. (1999). Death, sex, love, and neuroticism: Why is sex such a problem? *Journal of Personality and Social Psychology*, *77*, 1173-1187.

Goldenberg, J.L., & Roberts, T. (2004). The Beauty within the beast: An existential perspective on the objectification and condemnation of women. In J. Greenberg, S. L., Koole, and T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.71-85. New York: Guilford.

Greenberg, J. L., & Shackelford, T. I. (2005). Is it me or is it mine?: Body-self integration as a function of self-esteem, body-esteem, and mortality salience. *Self and Identity, 4*, 227-241.

Grabe, S., Cook, A., Routledge, C., Anderson, C., & Arndt, J. (2005). In Defense of the Body: The Effect of Mortality Salience on Female Body Objectification. *Psychology of Women Quarterly, 29*, 33-37.

Greenberg, J. (2001). Considering the effects of childhood trauma: Some insights from the cinema. *Ernest Becker Foundation Newsletter, 8*, pp 3-4.

Greenberg, J., Arndt, J., Schimel, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (2001). Clarifying the function of mortality-salience induced worldview defense: Renewed suppression or reduced accessibility of death-related thoughts? *Journal of Experimental Social Psychology, 37*, 70-76.

Greenberg, J., Arndt, J., Simon, L., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (2000). Proximal and distal defenses in response to reminders of one's mortality: Evidence of a temporal sequence. *Personality and Social Psychology Bulletin, 26*, 91-99.

Greenberg, J., Landau, M.J., Solomon, S., & Pyszczynski, T. (in press). What is the primary psychological function of religion? In D. Wurff (Ed.). *Handbook of the Psychology of Religion*. New York: Guilford Press.

Greenberg, J., Martens, A., Jonas, E., Eisenstadt, D., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (2003). Psychological defense in anticipation of anxiety: Eliminating the potential for anxiety eliminates the effects of mortality salience on worldview defense. *Psychological Science, 14*, 516-519.

Greenberg, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (1986). The causes and consequences of a need for self-esteem: a terror management theory. In R. F. Baumeister (Ed.), *Public self and private self* (pp.189- 212). New York: Springer-Verlag.

Greenberg, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (1995). Toward a dualmotive depth psychology of self and human behavior. In M.H. Kernis (Ed.), *Efficacy, agency, and self-esteem*. (pp. 73-99). New York: Plenum.

Greenberg, J., Pyszczynski, T. & Solomon, S. (2002). A perilous leap from Becker's theorizing to empirical science: Terror management and research. In D.

Leichty (Ed.) *Death and Denial: Interdisciplinary Essays, The Legacy of Ernest Becker*. New York: Praeger.

Greenberg, J., Pyszczynski, T., Solomon, S., Rosenblatt, A., Veeder, M., Kirkland, S., & Lyon, D. (1990). Evidence for terror management II: The effects of mortality salience on reactions to those who threaten or bolster the cultural worldview. *Journal of Personality and Social Psychology*, *58*, 308-318.

Greenberg, J., Pyszczynski, T., Solomon, S., Pinel, E., Simon, L., & Jordan, K. (1993). Effects of self-esteem on vulnerability-denying defensive distortions: Further evidence of an anxiety-buffering function of self-esteem. *Journal of Experimental Social Psychology*, *29*, 229-251.

Greenberg, J., Pyszczynski, T., Solomon, S., Simon, L., & Breus, M. (1994). Role of consciousness and accessibility of death-related thoughts in mortality salience effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, *67*, 627-637.

Greenberg, J., Schimel, J., Martens, A., Solomon, S., & Pyszczynski, T. (2001). Sympathy for the devil: Evidence that reminding Whites of their mortality promotes more favorable reactions to White racists. *Motivation and Emotion*, *25*, 113-133.

Greenberg, J., Simon, L., Harmon-Jones, E., Solomon, S., Pyszczynski, T., & Chatel, D. (1995). Testing alternative explanations for mortality effects: Terror management, value accessibility, or worrisome thoughts? *European Journal of Social Psychology*, *12*, 417-433.

Greenberg, J., Simon, L., Porteus, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (1995). Evidence of a terror management function of cultural icons: The effects of mortality salience on the inappropriate use of cherished cultural symbols. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *21*, 1221-1228.

Greenberg, J., Simon, L., Pyszczynski, T., Solomon, S., & Chatel, D. (1992). Terror management and tolerance: Does mortality salience always intensify negative reactions to others who threaten one's worldview?. *Journal of Personality and Social Psychology*, *63*, 212-220.

Greenberg, J., Solomon, S., & Arndt, J. (in press). A uniquely human motivation: Terror management. In J. Shah & W. Gardner (Eds.), *Handbook of motivation science*. New York: Guilford.

Greenberg, J., Solomon, S., & Pyszczynski, T. (1990). Anxiety concerning social exclusion: Innate response or one consequence of the need for terror management? *Journal of Social and Clinical Psychology, 9*, 202-213.

Greenberg, J., Solomon, S., & Pyszczynski, T. (1997). Terror management theory of self-esteem and social behavior: Empirical assessments and conceptual refinements. In M.P. Zanna (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology, 29* (pp.61-139). New York: Academic Press.

Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., Rosenblatt, A., Burling, J., Lyon, D., Pinel, E., & Simon, L. (1992). Assessing the terror management analysis of self-esteem: Converging evidence of an anxiety-buffering function. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 913-922.

Halloran, M.J., & Kashima, E.S. (2004). Social identity and worldview validation: The effects of ingroup identity primes and mortality salience on value endorsement. *Personality and Social Psychology Bulletin, 30*, 915-925.

Harmon-Jones, E., Simon, L., Greenberg, J., Pyszczynski, T., Solomon, S., & McGregor, H. (1997). Terror management theory and self-esteem: Evidence that increased self-esteem reduces mortality salience effects. *Journal of Personality and Social Psychology, 72*, 24-36.

Harmon-Jones, E., Greenberg, J., Solomon, S., & Simon, L. (1996). The effects of mortality salience on intergroup bias between minimal groups. *European Journal of Social Psychology, 25*, 781-785.

Hart, J., & Goldenberg, J. L. (in press). Heart and Soul: A Terror Management Perspective on Spirituality and the Problem of the Body. In A. Tomer & G. Eliason (Eds.), *Existential and Spiritual Issues in Death Attitudes*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Hart, J., & Shaver, P.R., & Goldenberg, J.L. (2005). Attachment, Self-Esteem, Worldviews, and Terror Management: Evidence for a Tripartite Security System. *Journal of Personality and Social Psychology, 88*, 999-1013.

Heine, S. J., Harihara, M., & Niiya, Y. (2002). Terror management in Japan. *Asian Journal of Social Psychology, 5*, 187-196.

Hirschberger, G., & Ein-Dor, T. (2005). Does a Candy a Day Keep the Death Thoughts Away? The Terror Management Function of Eating. *Basic and Applied Social Psychology, 27*, 179-186

Hirschberger, G., Florian, V., Mikulincer, M. (2002). The anxiety buffering function of close relationships: Mortality salience effects on the willingness to compromise mate selection standards. *European Journal of Social Psychology, 32*, 609-645.

Hirschberger, G., Florian, V., Mikulincer, M. (2003). Strivings for romantic intimacy following partner complaint or criticism-A terror management perspective. *Journal of Social and Personal Relationships, 20*, 675-687.

Hirschberger, G., Florian, V., & Mikulincer, M. (2005). Fear and Compassion: A Terror Management Analysis of Emotional Reactions to Physical Disability. *Rehabilitation Psychology, 50*, 246- 257.

Hirschberger, G., Florian, V., Mikulincer, M., Goldenberg, J.L., & Pyszczynski, T. (2002). Gender differences in the willingness to engage in risky behavior: A terror management perspective. *Death Studies, 26*, 117-141.

Hong, Y., Wong, R.Y. M., & Liu, J.H. (2001). The history of war strengthens ethnic identification. *Journal of Psychology in Chinese Societies, 2*, 77-105.

Hovland, O.J.. (1995). Self-defeating anxiety explored: The contribution of terror management theory and rational-emotive therapy. *Anxiety, Stress, and Coping, 8*, 161-182.

Janssen, J., Dechesne, M., & Van Knippenberg, A. (1999) The psychological importance of youth culture: A terror management approach. *Youth and Society, 31*, 152-167.

Jaskiewicz, M. (2004). Mortality salience procedure's influence on readiness to altruistic behavior. [Polish]. *Studia Psychologiczne, 42*, 47-56.

Johnson, S.L., Ballister, C., & Joiner, T.E. (2005). Hypomanic vulnerability, terror management, and materialism. *Personality and Individual Differences, 38*, 287-296.

Joireman, J., & Duell, B. (2005). Mother Teresa Versus Ebenezer Scrooge: Mortality Salience Leads Proselfs to Endorse Self- Transcendent Values (Unless Proselfs Are Reassured). *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 307-320.

Jonas, E., Fritsche, I., & Greenberg, J. (2005). Currencies as cultural symbols - An existential psychological perspective on reactions of Germans toward the Euro. *Journal of Economic Psychology*, 26, 129- 146.

Jonas, E. & Greenberg, J. (2004) Terror management and political attitudes: The influence of mortality salience on Germans' defence of the German reunification. *European Journal of Social Psychology*, 34, 1-9.

Jonas, E., Greenberg, J., & Frey, D. (2003). Connecting terror management and dissonance theories: Evidence that mortality salience increases the preference for supportive information after decisions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1181-1189.

Jonas, E., Schimel, J., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2002). The Scrooge Effect: Evidence that mortality salience increases prosocial attitudes and behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 1342-1353.

Judges, D. P. (1999). Scared to death: Capital punishment as authoritarian terror management. *U.C. Davis Law Review*, 33, 155- 248.

Kashima, E.S., Halloran, M., Yuki, M., & Kashima, Y. (2004). The effects of personal and collective mortality salience on individualism: Comparing Australians and Japanese with higher and lower self-esteem. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40, 384-392.

Kasser, T., & Sheldon, K.M. (2000). Of wealth and death: Materialism, mortality salience, and consumption behavior. *Psychological Science*, 11, 348-351.

Kazén, M., Baumann, N., Kuhl, J. (2005). Self-Regulation after Mortality salience: National Pride Feelings of Action-Oriented German Participants. *European Psychologist*, 10, 218-228.

Koole, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2004). The best of two worlds: Experimental and existential psychology now and in the future. In Greenberg, J., Koole, S., & Pyszczynski, T. (Eds.), *Handbook of experimental existential psychology* (pp.497-504). New York: Guilford Press.

Koole, S.L., & Van den Berg, A.E. (2005). Lost in the Wilderness: Terror Management, Action Orientation, and Nature Evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 1014-1028.

Koole, S.L., & Van den Berg, A. E. (2004). Paradise lost and reclaimed: A motivational analysis of human-nature relations. In J. Greenberg, S. L. Koole, & T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp. 86-103). New York: Guilford.

Kumagai, T., & Ohbuchi, K. (2002). Changes in social cognition and social behavior after the September 11th affair: An interpretation from terror management theory. *Tohoku Psychological Folia*, 61, 22- 28.

Landau, M. J., Goldenberg, J. L., Greenberg, J., Gillath, O., Solomon, S., Cox, C., Martens, A., & Pyszczynski, T. (in press). The siren's call: Terror management and the threat of sexual attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*.

Landau, M. J., Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T. & Martens, (in press). Windows into nothingness: Terror management, meaninglessness, and negative reactions to modern art. *Journal of Personality and Social Psychology*.

Landau, M.J., Johns, M., Greenberg, J., Pyszczynski, T., Solomon, S., & Martens, A. (2004). A Function of form: Terror management and structuring of the social world. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87, 190-210.

Landau, M.J., Solomon, S., Greenberg, J., Cohen, F., Pyszczynski, T., Arndt, J., Miller, C.H., Ogilvie, D.M., & Cook, A. (2004). Deliver Us from Evil: The Effects of Mortality Salience and Reminders of 9/11 on Support for President George W. Bush. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 1136-1150.

Lavine, H., Lodge, M., & Freitas, K. (2005). Threat, Authoritarianism, and Selective Exposure to Information. *Political Psychology*, 26, 219- 244.

Leary, M.R. (2004). The Function of Self-Esteem in Terror Management Theory and Sociometer Theory: Comment on Pyszczynski et al. (2004). *Psychological Bulletin*, 130, 478-482.

Leary, M.R. & Schreindorfer, L.S. (1997). Unresolved issues with terror management theory. *Psychological Inquiry*, 8, 26-29.

Leboeuf, G. (2001). Le déni de la mort comme motivation humaine fondamentale. Aspects conceptuels et empiriques de la théorie de la gestion de la terreur. (The denial of death as human fundamental motivation: Conceptual and empirical aspects of terror management theory). *Revue de l'Université de Moncton*, 32, 7-51

Lerner, M.J. (1997). What does the belief in a just world protect us from: The dread of death or the fear of undeserved suffering? *Psychological Inquiry*, 8, 29-32.

Lieberman, E.J. (2004). Terror management theory. *American Journal of Psychiatry*, 161, 1508.

Lieberman, J.D. (1999). Terror management, illusory correlation, and perceptions of minority groups. *Basic and Applied Social Psychology*, 21, 13-23.

Lieberman, J. D., Arndt, J., Personius, J., & Cook, A. (2001). Vicarious annihilation: The effect of mortality salience on perceptions of hate crimes. *Law and Human Behavior*, 25, 547-566.

Lieberman, J. & Greenberg, J. (in press). The rational irrationality of punishment: A terror management perspective. *Clio's Psyche*. Little, M., & Sayers, E. (2004). The skull beneath the skin: Cancer survival and awareness of death. *Psycho-Oncology*, 13, 190-198.

MacDorman, K.F. (in press). Androids as an experimental apparatus: Why is there an uncanny valley and can we exploit it? *Proceedings of the Cognitive Science Society*.

Mandel, N., & Heine, S. J. (1999). Terror management and marketing: He who dies with the most toys wins. *Advances in Consumer Research*, 26, 527-532.

Martens, A., Greenberg, J., Schimel, J., & Landau, M.J. (2004). Ageism and death: Effects of mortality salience and similarity to elders on distancing from and derogation of elderly people. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 1524-1536.

Martens, A., Goldenberg, J.L., & Greenberg, J. (2005). A terror management perspective on ageism. *Journal of Social Issues*, 61, 223- 239.

Masheswaran, D., & Agrawal, N. (2004). Motivational and cultural variations in mortality salience effects: Contemplations on terror management theory and consumer behavior. *Journal of Consumer Psychology*, 14, 213-218.

Matz, D.C., Evans, B.A., Geisler, C.J., & Hinsz, V.B. (1997). Life, death, and terror management theory. *Representative Research in Social Psychology*, 21, 48-59.

McCoy, S.K., Pyszczynski, T., Solomon, S., & Greenberg, J. (2000). Transcending the self: A terror management perspective on successful aging. In A. Tomer (Ed.), *Death Attitudes and the Older Adult: Theories, concepts and applications*. (pp. 37-63). Philadelphia, PA: Brunner-Routledge.

McGregor, H., Lieberman, J.D, Solomon, S., Greenberg, J., Arndt, J., Simon, L, & Pyszczynski, T. (1998). Terror management and aggression: Evidence that mortality salience motivates aggression against worldview threatening others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 590-605.

Mikulincer, M., & Florian, V. (1997). Do we really know what we need? A commentary on Pyszczynski, Greenberg, and Solomon. *Psychological Inquiry*, 8, 33-36.

Mikulincer, M., & Florian, V. (2000). Exploring individual differences in reactions to mortality salience: Does attachment style regulate terror management mechanisms? *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 260-273.

Mikulincer, M., & Florian, V. (2002). The effect of mortality salience on self-serving attributions - evidence for the function of self-esteem as a terror management mechanism. *Basic and Applied Social Psychology*, 24, 261-271.

Mikulincer, M., Florian, V., Birnbaum, G., & Malishkevich, S. (2002). The death-anxiety buffering function of close relationships: Exploring the effects of separation reminders on death-thought accessibility. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 287-299.

Mikulincer, M., Florian, V., & Hirschberger, G. (2003). The existential function of close relationships: Introducing death into the science of love. *Personality and Social Psychology Review*, 7, 20-40.

Mikulincer, M., Florian, V., & Hirschberger, G. (2004). The terror of death and the quest for love -An existential perspective on close relationships. In J. Greenberg, S. L., Koole, and T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.287-304). New York: Guilford.

Miller, E.D. (2003). Imagining partner loss and mortality salience: Consequences for romantic-relationship satisfaction. *Social Behavior and Personality*, 31, 167-180.

Miller, G., & Taubman - Ben-Ari, O. (2004). Scuba diving risk taking - A Terror Management Theory perspective. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 26, 269-282.

Miller, R.L., & Mulligan, R.D. (2002). Terror management: The effects of mortality salience and locus of control on risk-taking behaviors. *Personality & Individual Differences*, 33, 1203-1214.

Muraven, M., & Baumeister, R.F. (1997). Suicide, sex, terror, paralysis, and other pitfalls of reductionist self-preservation theory. *Psychological Inquiry*, 8, 36-40.

Nakonezny, P.A., Reddick, R., & Rodgers, J.L. (2004). Did divorces decline after the Oklahoma City bombing? *Journal of Marriage and Family*, 66, 90-100.

Navarrete, C.D. (2005). Death Concerns and Other Adaptive Challenges: The Effects of Coalition-Relevant Challenges on Worldview Defense in the US and Costa Rica. *Group Processes & Intergroup Relations*, 8, 411-427.

Navarrete, C. D., Kurzban, R., Fessler, D.M.T., & Kirkpatrick, L.A. (2004). Anxiety and Intergroup Bias: Terror Management or Coalitional Psychology? *Group Processes & Intergroup Relations*, 7, 370- 397.

Nelson, L.J., Moore, D.L., Olivetti, J., & Scott, T. (1997). General and personal mortality salience and nationalistic bias. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 884-892.

Pastor, L.H. (2004). Culture as examining the causes and consequences of collective trauma. *Psychiatric Annals*, 34, 616-622.

Paulhus, D.L., & Trapnell, P.D. (1997). Terror management theory: Extended or overextended? *Psychological Inquiry*, 8, 40-43.

Pelham, B.W. (1997). Human motivation has multiple roots. *Psychological Inquiry*, 8, 44-47.

Peters, H.J., Greenberg, J., Williams, J.M., & Schneider, N.R. (2005). Applying Terror Management Theory to Performance: Can Reminding Individuals of Their Mortality Increase Strength Output? *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 27, 111-116.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Goldenberg, J. (2003). Freedom versus fear: On the defense, growth, and expansion of the self. In M. R. Leary & J. P. Tangney (Eds.) *Handbook of Self and Identity*. New York: Guilford Press.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (1997). Why do we need what we need? A terror management perspective on the roots of human social motivation. *Psychological Inquiry*, 8, 1-21.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (1998). A terror management perspective on the psychology of control: Controlling the uncontrollable. In Kofta, Weary, and Sedek (Eds.), *Personal control in action* (pp.85-108). New York: Plenum Press.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (1999). A dual-process model of defense against conscious and unconscious deathrelated thoughts: An extension of terror management theory. *Psychological Review*, 106, 835-845.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (2000). Proximal and distal defense: A new perspective on unconscious motivation. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 156-159.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (2005). The machine in the ghost: A dual process model of defense against conscious and unconscious death-related thought. In J. Forgas, W.D. Kipling, & S.M. Laham (Eds.), *Social motivation: Conscious and unconscious processes*. (pp. 40-54). New York, NY: Cambridge University Press.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., Solomon, S., Arndt, J., & Schimel, J. (2004). Why do people need self-esteem?: A theoretical and empirical review. *Psychological Bulletin*, 130, 435-468.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., Solomon, S., Arndt, J., & Schimel, J. (2004). Converging toward an integrated theory of self-esteem: Reply to Crocker and Nuer (2004), Ryan and Deci (2004), and Leary (2004). *Psychological Bulletin*, 130, 483-488.

Pyszczynski, T., Greenberg, J., Solomon, S., & Hamilton, J. (1990). A terror management analysis of self-awareness and anxiety: The hierarchy of terror. *Anxiety Research*, 2, 177-195.

Pyszczynski, T., Koole, S., & Greenberg, J. (2004). Experimental existential psychology: Exploring the human confrontation with reality. In Greenberg, J., Koole, S., & Pyszczynski, T. (Eds.), *Handbook of experimental existential psychology* (pp.3-9). New York: Guilford Press.

Pyszczynski, T., Solomon, S., & Greenberg, J. (2003) *In the wake of 9/11: The psychology of terror*. Washington, DC: American Psychological Association.

Pyszczynski, T., Solomon, S., Greenberg, J., & Stewart-Fouts, M. (1994). Liberating and constraining aspects of self: Why the freed bird finds a new cage. In A. Oosterwegel & R.A. Wicklund (Eds.), *The Self in European and North American Culture: Development and processes*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer.

Pyszczynski, T., Wicklund, R.A., Floresky, S., Gauch, G., Koch, S., Solomon, S., & Greenberg, J. (1996). Whistling in the dark: Exaggerated estimates of social consensus in response to incidental reminders of mortality. *Psychological Science*, 7, 332-336.

Reiling, D.M. (2002). The "simmie" side of life: Old Order Amish youths' affective response to culturally prescribed deviance. *Youth and Society*, 34, 146-171.

Rindfleisch, A., & Burroughs, J.E. (2004). Terrifying thoughts, terrible materialism? Contemplations on a terror management account of materialism and consumer behavior. *Journal of Consumer Psychology*, 14, 219-224.

Roberts, T. A., & Goldenberg, J. L. (in press). Wrestling with Nature: An Existential Perspective on the Body and Gender in Self-Conscious Emotions. In J. Tracy, R. Robins, & J. Tangney (Eds.), *The Self-Conscious Emotions: Theory and Research*. New York: Guilford Press.

Rosenblatt, A., Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., & Lyon, D. (1989). Evidence for terror management theory I: The effects of mortality salience on reactions to those who violate or uphold cultural values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 681-690.

Rosenbloom, T. (2003). Sensation seeking and risk taking in mortality salience. *Personality and Individual Differences*, 35, 1809-1819.

Routledge, C., & Arndt, J. (2005). Time and terror: Managing temporal consciousness and the awareness of mortality. In A. Strathman & J. Joirman (Eds.),

Understanding behavior in the context of time: Theory, research, and applications. (pp.59-84).Mahwah, NJ: Erlbaum.

Routledge, C., Arndt, J., & Goldenberg, J.L. (2004). A time to tan: Proximal and distal effects of mortality salience on sun exposure intentions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *30*, 1347-1358

Routledge, C., Arndt, J., & Sheldon, K.M. (2004). Task engagement after mortality salience: The effects of creativity, conformity, and connectedness on worldview defense. *European Journal of Social Psychology*, *34*, 477-487.

Ryan, R.M., & Deci, E.L. (2004). Avoiding Death or Engaging Life as Accounts of Meaning and Culture: Comment on Pyszczynski et al. (2004). *Psychological Bulletin*, *130*, 473-477.

Salzman, M.B. (2001). Globalization, culture, and anxiety: Perspectives and predictions from terror management theory. *Journal of Social Distress and the Homeless*, *10*, 337-352.

Salzman, M.B. (2001). Cultural trauma and recovery: Perspectives from terror management theory. *Trauma Violence and Abuse*, *2*, 172- 191.

Salzman, M.B., & Halloran, M.J. (2004). Cultural trauma and recovery: Cultural meaning, self-esteem, and the re-construction of the cultural anxiety-buffer. In J. Greenberg, S. L., Koole, and T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.231-246). New York: Guilford.

Schimmel, J., Simon, L., Greenberg, J., Pyszczynski, T., Solomon, S., Waxmonski, J., & Arndt, J. (1999). Support for a functional perspective on stereotypes: Evidence that mortality salience enhances stereotypic thinking and preferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, *77*, 905-926.

Schmeichel, B.J., & Martens, A. (2005). Self-affirmation and mortality salience: Affirming values reduces worldview defense and deaththought accessibility. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *31*, 658-667.

Shaffer, B.A., & Hastings, B.M. (2004). Self-esteem, authoritarianism, and democratic values in the face of threat. *Psychological Reports*, *95*, 311-316.

Shehryar, O., & Hunt, D.M. (2005).A Terror Management Perspective on the Persuasiveness of Fear Appeals. *Journal of Consumer Psychology*, *15*, 275-287.

Silvia, P.J. (2001). Nothing of the opposite: Intersecting terror management and objective self-awareness. *European Journal of Personality, 15*, 73-82.

Simon, L., Arndt, J., Greenberg, J., Solomon, S., & Pyszczynski, T. (1998). Terror Management and meaning: Evidence that the opportunity to defend the worldview in response to mortality salience increases the meaningfulness of life in the mildly depressed. *Journal of Personality, 66*, 359-382.

Simon, L., Greenberg, J., Arndt, J., Pyszczynski, T., Clement, R., & Solomon, S. (1997). Perceived consensus, uniqueness, and terror management: Compensatory Responses to threats to inclusion and distinctiveness following mortality salience. *Personality and Social Psychology Bulletin, 23*, 1055-1065.

Simon, L., Greenberg, J., Harmon-Jones, E., Solomon, S., Pyszczynski, T., Arndt, J., & Abend, T. (1997). Cognitive-experiential selftheory and terror management theory: Evidence that terror management occurs in the experiential system. *Journal of Personality and Social Psychology, 72*, 1132-1146.

Simon, L., Harmon-Jones, E., Greenberg, J., Solomon, S., & Pyszczynski, T. (1996) The effects of mortality salience on depressed and nondepressed individuals to those who violate or uphold cultural values. *Personality and Social Psychology Bulletin., 22*, 81- 90.

Snyder, C.R. (1997). Control and the application of Occam's razor to terror management theory. *Psychological Inquiry, 8*, 48-49.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (1991). A terror management theory of social behavior: The psychological functions of self-esteem and cultural worldviews. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology: Vol. 24*. (pp. 93-159) New York: Academic Press.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (1991). Terror management theory of self-esteem. In C. R. Snyder & D. Forsyth (Eds.), *Handbook of social and clinical psychology: The health perspective* (pp. 21-40). New York: Pergamon Press.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (1997). Return of the living dead. *Psychological Inquiry, 8*, 59-71.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (1998). Tales from the crypt: The role of death in life. *Zygon: Journal of Religion and Science, 33*, 9-43.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2000). Pride and Prejudice: Fear of death and social behavior. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 200-204.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2003). Fear of death and social behavior: The anatomy of human destructiveness. In N. Dess & R. Bloom (Eds.) *Evolutionary Approaches to Human Violence: A Primer for Policy-Makers* (pp.129-156). New York: Praeger.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2003). Why war? Fear is the mother of violence. In S. Krippner & T. McIntyre (Eds) *The Impact of War Trauma on Civilian Populations: An International Perspective* (pp. 299-310). New York: Greenwood/Praeger.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2004). Lethal consumption: Death-denying materialism. In T.Kasser & A. Kanner (Eds.). *Psychology and the Culture of Consumption* (pp.127-146). Washington, D.C.: American Psychological Association.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2004). The cultural animal: Twenty years of terror management theory and research. In J. Greenberg, S. L., Koole, and T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.13-34). New York: Guilford.

Solomon, S., Greenberg, J., & Pyszczynski, T. (2003). Fear of death and human destructiveness. *Psychoanalytic Review*, 90, 457-474.

Solomon, S., Greenberg, J., Pyszczynski, T., & Pryzbylinski, J. (1995). The effects of mortality salience on cognitive processing of personally-relevant persuasive appeals. *Social Behavior and Personality*, 23, 177-190.

Solomon, S., Greenberg, J., Schimel, J., Arndt, J., & Pyszczynski, T. (2004). Human awareness of mortality and the evolution of culture. In M. Schaller & C. Crandall (Eds.). *The psychological foundations of culture*. (pp. 15-40). New York: Erlbaum.

Sowards, B.A., Moniz, A.J., & Harris, M.J. (1991). Self-esteem and bolstering: Testing major assumptions of terror management theory. *Representative Research in Social Psychology*, 19, 95-106.

Stone, W.F. (2001). Manipulation of terror and authoritarianism. *Psicologia Politica*, 23, 7-17.

Strachan, E., Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (2001). Coping with the inevitability of death: Terror management and mismanagement. In Snyder, C. R. (Ed), *Coping with stress: Effective people and processes* (pp. 114-136). N.Y.: Plenum.

Taubman - Ben-Ari, O. (2000). The effect of death reminders on reckless driving - A Terror Management perspective. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 196-199.

Taubman - Ben-Ari, O. (2004). Intimacy and risky sexual behavior. What does it have to do with death? *Death Studies*, 28, 865-888.

Taubman - Ben-Ari, O. (2004). Risk taking in adolescence — "to be or not to be" is not really the question. In J. Greenberg, S. Koole & T. Pyszczynski (Eds.), *Experimental existential psychology*. Guilford.

Taubman-Ben-Ari, O., & Findler, L. (2005). Proximal and distal effects of mortality salience on willingness to engage in health promoting behavior along the life span. *Psychology & Health*, 20, 303-318.

Taubman Ben-Ari, O., & Findler, L. (2003). Reckless driving and gender: An examination of a terror management theory explanation. *Death Studies*, 27, 603-618

Taubman - Ben-Ari, O., & Findler, L. (in press). Motivation for military service - A terror management perspective. *Military Psychology*.

Taubman Ben-Ari, O., Florian, V., & Mikulincer, M. (1999). The impact of mortality salience on reckless driving--A test of terror management mechanisms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 35-45.

Taubman, Ben-Ari, O, Florian, V., & Mikulincer, M. (2000). Does a threat appeal moderate reckless driving? A terror management theory perspective. *Accident Analysis and Prevention*, 32, 1-10.

Taubman Ben-Ari, O., Findler, L., & Mikulincer, M. (2002) The effects of mortality salience on relationship strivings and beliefs: The moderating role of attachment style. *British Journal of Social Psychology*, 41, 419-441.

Thomas, S.P. (2003). "None of us will ever be the same again": Reactions of American midlife women to 9/11. *Health Care for Women International*, 24, 853-867.

Tomohiro, K., & Ken-Ichi, O. (2003). The Effect of Mortality Salience and Collaborative Experience on Aggression of "Third-Party Victims". *Tohoku Psychologica Folia*, 62, 109-119.

Vallacher, R.R. (1997). Grave matters. *Psychological Inquiry*, 8, 50-54.

van den Bos, K. (2001). Reactions to perceived fairness: The impact of mortality salience and self-esteem on ratings of negative affect. *Social Justice Research*, 14, 1-23.

van den Bos, K. (2004). An Existentialist Approach to the Social Psychology of Fairness: The Influence of Mortality and Uncertainty Salience on Reactions to Fair and Unfair Events. In J. Greenberg, S. L., Koole, and T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp.167-181). New York: Guilford.

van den Bos, K. & Miedema, J. (2000). Toward understanding why fairness matters: The influence of mortality salience on reactions to procedural fairness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 355-366.

van den Bos, K., Poortvliet, P.M., Maas, M., Miedema, J., & van den Ham, E. (2005). An enquiry concerning the principles of cultural norms and values: The impact of uncertainty and mortality salience on reactions to violations and bolstering of cultural worldviews. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41, 91-113.

van der Zee, K., van Oudenhoven, J.P., & Grijs, E. (2004). Personality, threat, and cognitive and emotional reactions to stressful intercultural situations. *Journal of Personality*, 72, 1069-1096.

Wakimoto, R. (2005). Hindsight and foresight about terror management theory: Attempting to reconstruct terror management theory into comprehensive theoretical framework which explains within and between culture differences. *Japanese Journal of Experimental Social Psychology*, 44, 165-179.

Wicklund, R.A. (1997). Terror management accounts of other theories: Questions for the cultural worldview concept. *Psychological Inquiry*, 8, 54-58.

Wisman, A. & Goldenberg, J.L. (2005). From the Grave to the Cradle: Evidence That Mortality Salience Engenders a Desire for Offspring. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 46-61.

Wisman, A. & Koole, S. (2003). Hiding in the crowd: Can mortality salience promote affiliation with others who oppose one's worldviews? *Journal of Personality and Social Psychology*, *84*, 511-526.

Xiangkui, Z., Juan, G., & Lumei, T. (2005). Can Self-esteem Buffer Death Anxiety? The Effect of Self-esteem on Death Anxiety Caused by Mortality Salience. *Psychological Science (China)*, *28*, 602- 605.

Yum, Y., & Schenck-Hamlin, W. (2005). Reactions to 9/11 as a Function of Terror Management and Perspective Taking. *Journal of Social Psychology*, *145*, 265-286.